

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA I: RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E PRODUÇÃO DOS  
ESPAÇOS



**CANTOS DE BAR:**  
**sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)**

VILTANY OLIVEIRA FREITAS



NATAL-RN

2013

VILTANY OLIVEIRA FREITAS

**CANTOS DE BAR:  
sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre do curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa I – Relações Econômico-Sociais e Produção dos Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

Natal-RN

2013

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Freitas, Viltany Oliveira.

Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)  
/Viltany Oliveira Freitas. – 2013.

121 f. -

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

1. Boemia – Natal (RN) – 1946-1960. 2. Boêmios (Estilo de vida) – Natal (RN). 3. Socialização. 4. Navarro, Newton, 1928-1992. I. Arrais, Raimundo Pereira Alencar. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 94(813.2)

VILTANY OLIVEIRA FREITAS

**CANTOS DE BAR: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)**

Dissertação avaliada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração História e Espaços, Linha de Pesquisa I: Natureza, Relações Econômico-Sociais e Produção dos Espaços, pela comissão formada pelos professores:

---

Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais – Orientador

---

Prof. Dr. Hélder do Nascimento Viana – Avaliador interno

---

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza – Avaliador externo

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha – Suplente

Natal-RN, 2013

Ao meu pai, Jaime de Freitas Dias (*in memoriam*),  
um admirador dos boêmios.

## AGRADECIMENTOS

A Dissertação *Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)* contou com o apoio de inúmeras pessoas, por isso venho expressar meus sinceros agradecimentos.

Agradeço, principalmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais, por acreditar em meu trabalho, por seus ensinamentos, sua paciência e suas intervenções precisas e eficientes.

A Capes, pelo apoio financeiro, essencial à aquisição de livros e manutenção dos custos da Dissertação.

Aos colegas, integrantes e ex-integrantes, do grupo de estudo *Os espaços da Modernidade*, especialmente William Pinheiro, Flávia Ribeiro e Gabriela Fernandes, que muito me ajudaram na aquisição de fontes para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço as contribuições dos professores doutores Hélder do Nascimento Viana e Francisco das Chagas F. Santiago Junior, membros da banca de qualificação.

Aos meus colegas de mestrado, turma de 2011, pela divisão das angústias e estimulantes discussões realizadas, que propiciaram trocas de conhecimentos e experiências. Em especial, agradeço a Antônia Márcia Pedroza, Aldinízia Souza, Claudia Regina Rezende, Thaiany Soares, Francisco Ramon Marciel, Augusto Medeiros e Ariane Lilian Medeiros.

Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, que com muita simpatia e cordialidade facilitaram o contato com os jornais *A República* e *A Ordem*. Expresso meu agradecimento a Lúcia, Vilma, Antonieta, Ana Verônica, Manoel, José Maria e Fátima.

A Fernando Virgílio de Macedo Silva, da Junta Comercial do estado do Rio Grande do Norte, pelas informações concedidas sobre os bares natalenses.

Aos meus amigos Genaro Carneiro da Cunha e Gaspar Santiago Carneiro da Cunha Neto, pelas nossas descontraídas conversas de sábado à tarde, a respeito da Ribeira Antiga, que me ajudaram a pensar algumas questões sobre este trabalho.

A minha amiga Katarina Fonseca da Cunha, pelos dias que se dispôs a ajudar-me nas pesquisas e digitação deste trabalho. A Juraneide Araújo, Ivana Davi e Paula Almeida, que me ajudaram a elaborar a capa dessa Dissertação.

Agradeço a minha mãe, Expedita Edite de Freitas, por todo incentivo, confiança e providenciais conselhos nos momentos estressantes de composição deste trabalho.

As minhas irmãs Vilany Isaura e Vilma Freitas, pelas leituras prévias dos textos, ajudando-me a corrigir erros de ortografia e concordância, e pelo apoio incondicional em todos os momentos. A Armstrong Pereira, que muito me ajudou na batalha para conseguir o afastamento (licença) do meu vínculo empregatício da Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Norte. Meus agradecimentos também a Letícia Freitas, pela ajuda na elaboração do *abstract* desta Dissertação.

Enfim, não posso deixar de expressar minha gratidão as minhas amigas Janaína Capistrano, Geane Oliveira, Maria Edineide Almeida e aos meus amigos Josenildo Bezerra e Nilson Brito. Suas palavras de incentivo resultaram na minha decisão de prestar o concurso com objetivo de ingressar no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

“Duvido muito do poeta que não bebe”.

Newton Navarro



## RESUMO

O trabalho *Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)* tem por objetivo o estudo de uma representação da boemia literária na cidade de Natal na segunda metade da década de 1940 e na década de 1950, por meio da análise dos livros de memória e das crônicas dos jornais *A Ordem* e *A República*. Para melhor compreender o tema, no primeiro capítulo buscamos mostrar as transformações ocorridas na cidade de Natal e, conseqüentemente, na sociabilidade natalense durante a primeira metade do século XX. A boemia, apresentada nesta Dissertação como uma forma de sociabilidade, expressava-se por meio dos encontros nos bares e das serenatas. No segundo capítulo, o estudo realizou um mapeamento dos espaços da boemia (cafés, confeitarias, bares e casas de meretrício) e estabeleceu as diferenças entre esses espaços. Concebemos o espaço como palco das relações interpessoais, já que os indivíduos buscavam tais lugares para participar dos grupos de conversas ali existentes, escolhendo-os de acordo com suas afinidades e seus interesses particulares. O último capítulo tem o propósito de investigar a boemia na cidade de Natal através da experiência do cronista Newton Navarro, que percorria as ruas escuras do bairro da Ribeira em busca de bares abertos, estendendo sua boemia até a madrugada. A atividade intelectual do escritor estava associada às suas práticas boemias. À medida que frequentava as áreas marginais de Natal, Navarro escrevia sobre elas nos principais jornais da cidade.

**Palavras-chave:** Boemia; cidade de Natal; Sociabilidade; Crônica.

## ABSTRACT

The academic work *Bar Corners: sociability and bohemia in the Natal City (1946-1960)* has as objective the study of a representation of the literary bohemia in Natal in the second half of the 1940's and 50's, by means of analyses of the memory books and the chronicles of the newspapers *A Ordem* and *A República*. In order to have a better understanding concerning the subject, in the first chapter we try to show the transformations which have occurred in Natal and, consequently, within Natal sociability during the first half of the twentieth century. The bohemia, demonstrated in this dissertation as a way of sociability, expressed itself through the meetings in bars and the serenades. In the second chapter, the study conducted a mapping of the bohemian spaces (cafes, candy stores, bars and prostitution houses) and established the differences between these spaces. We ideated the spaces as the stage of interpersonal relations, as people went to these places in the attempt to participate of the conversation groups that were found there, choosing them according to their affinity and personal interests. The last chapter has the purpose of investigating the bohemia in Natal through the experience of the chronicler Newton Navarro, who used to roam the dark streets of Ribeira in search for open bars, extending bohemia until dawn. The intellectual activity was associated with his bohemian practices. As he frequented the marginal areas in Natal, Navarro wrote about them in the major newspapers of the city.

**Keywords:** Bohemia; Natal; Sociability; Chronic.

## LISTA DE FIGURAS

Figurada capa (maior): Fotografia de Newton Navarro.

Fonte: [papjerimum.blogspot.com.br/2011/08/newton navarro.html](http://papjerimum.blogspot.com.br/2011/08/newton-navarro.html).

Figuras da capa (menores): Fotografias do interior da Confeitaria Delícia e da Capelinha da Praia da Redinha.

Fontes: indicadas no interior do trabalho.

Figura 01: Teatro Carlos Gomes.....	25
Figura 02: A Inauguração do Aero Club.....	27
Figura 03: Medalhão de Augusto Tavares de Lira, no obelisco implantado na avenida que leva seu nome.....	28
Figura 04: Jantar oferecido ao jornalista Aderbal de França, na Rotisserie Natal.....	30
Figura 05: Prédio onde funcionou o Café Bar e Bilhar Cova da Onça.....	31
Figura 06: Café Magestic.....	38
Figura 07: Cine Rio Grande.....	43
Figura 08: O Grande Ponto.....	49
Figura 09: Luís da Câmara Cascudo e amigos na Confeitaria Delícia.....	60
Figura 10: Interior da Confeitaria Cisne.....	64
Figura 11: Fotografia de Maria Oliveira Barros.....	67
Figura 12: O canto do Mangue, no bairro das Rocas.....	70
Figura 13: Máquina de torrar café Lilla.....	75
Figura 14: Newton Navarro.....	78
Figura 15: Capelinha dos pescadores da Redinha.....	96
Figura 16: Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, na Praia da Redinha.....	97
Figura 17: Praia de Ponta Negra.....	104

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 BOEMIA E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE NATAL (1900A 1950)</b> .....	20
1.1 DIVERSÕES E BOEMIA NO SÉCULO XIX.....	21
1.2 CAFÉS, BARES E CLUBES: NOVAS PRÁTICAS, NOVAS SOCIABILIDADES.....	23
1.3 O CAFÉ COVA DA ONÇA.....	30
1.4 O PASSO DA PÁTRIA.....	33
1.5 O CAFÉ MAGESTIC.....	37
1.6 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE NATAL.....	41
<b>2 OS LUGARES DA BOEMIA: CONFEITARIAS, CAFÉS, BARES E CASAS DE MERETRÍCIOS</b> .....	51
2.1 A BOEMIA E O MUNDO DO TRABALHO.....	54
2.2 A CONFEITARIA DELÍCIA.....	57
2.3 A SOCIEDADE DOS IRMÃOS MIRANDA.....	62
2.4 OS BARES E AS CASAS DE MERETRÍCIO.....	64
2.5 CLUBE CARNEIRINHO DE OURO.....	71
2.6 OS CAFÉS.....	73
<b>3 NATAL BOÊMIA: CRÔNICAS E VIVÊNCIAS DE NEWTON NAVARRO</b> .....	76
3.1 BOEMIA PERAMBULANTE.....	76
3.2 A BOEMIA EM CONTRAPONTO À ATUAÇÃO DOS LEIGOS CATÓLICOS.....	85
3.3 BOEMIA NA PRAIA: ANDANÇAS DE NEWTON NAVARRO.....	92
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	110
<b>APÊNDICES</b> .....	117

## INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo estudo da boemia na cidade de Natal principiou quando cursei a Especialização em Ensino Fundamental no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Potiguar. No momento de escolha do tema para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, optei por pesquisar a boemia associada à malandragem e ao trabalho, no período correspondente à Era Vargas (1930-1945) e à República Democrática (1946-1964). Esse trabalho correspondeu a um artigo que tratava da temática da boemia, em linhas gerais. O contato com o tema estimulou-me a prestar seleção para o Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A Dissertação *Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)* pretende analisar a construção de uma boemia na capital potiguar partindo da análise de informações presentes nos livros de memória e nas crônicas do jornal *A República* e de *A Ordem*.

Jerrold Seigel, em *Paris boemia: cultura, política e os limites da vida burguesa* (1992), afirma que os boêmios diferenciavam-se do estilo de vida burguesa pela atividade artística e intelectual, e pela juventude e vida errante, fato inerente à vida moderna. Assim, a boemia surge em oposição à sociedade burguesa<sup>1</sup>. Darnton apresenta, em *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime* (1987), a boemia como um mundo de subliteratos que viviam das atividades das letras, vendendo livros proibidos ou produzindo panfletos pornográficos. Por meio dessas atividades intelectuais, os subliteratos propagaram o iluminismo entre o grande público francês, contribuindo para a derrubada do Antigo Regime<sup>2</sup>. Partindo dessa perspectiva, o termo *boemia*, nas obras de Darnton e de Seigel, está relacionado ao cotidiano de pessoas que viviam à margem da sociedade, assumindo um posicionamento e uma ação política e intelectual.

Na cidade de Natal, no século XX, identificamos os boêmios como intelectuais que colaboravam com os principais jornais da capital, estendendo sua permanência nas ruas até a madrugada. Esses homens não se encontravam à margem da sociedade, mas entre a boemia e o mundo da ordem, esse caracterizado pela organização familiar, pelo trabalho e pela moral católica.

---

<sup>1</sup> Cf. SEIGEL, 1992, p. 11-13.

<sup>2</sup> Cf. DARNTON, 1987, p. 13-49.

O estilo de vida moderno alterou o perfil da boemia em Paris durante a *Belle Époque*, período que compreende da segunda metade do século XIX até o início do século XX. A crença incondicional na ciência, na tecnologia e no progresso, vistos como essenciais para que a nação atingisse a civilização, era uma realidade na Europa. No Brasil, o ideal moderno de civilização relacionava-se à negação do passado colonial e escravocrata. O que importava era transformar as cidades brasileiras, agregando-lhes uma “cara” moderna.

No Brasil, os espaços da boemia surgiram sob forte preponderância da cultura francesa, em consonância com valores de uma sociedade burguesa e moderna. Durante o Império, o país recebia forte influência francesa nos costumes, nas artes e na culinária. Vários espaços boêmios foram criados recebendo políticos do Partido Liberal e do Partido Conservador, senadores e deputados, além de comerciantes e intelectuais. A Confeitaria Cailteau, no Rio de Janeiro, era a preferida dos boêmios, pois possuía nos fundos um espaço separado do salão do grande público, onde eles bebiam e conversavam longe dos olhares das famílias que frequentavam a confeitaria. Na última década do século XIX, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, a boemia também passou a acontecer nos clubes, salões e cafés literários<sup>3</sup>.

Quase não há referências na bibliografia potiguar acerca da boemia natalense. No entanto, foi possível identificar a presença da boemia em Natal a partir do século XIX. Em *História da Cidade do Natal* (1999), Luís da Câmara Cascudo afirma que a vida intelectual na capital potiguar, no século XIX, caracterizava-se pelo jornalismo político e pela expressão musical da modinha. Os jornais publicavam notícias do meio político e versos. Os boêmios e poetas populares cantavam modinhas em serenatas acompanhadas pelos sons de violão e pelo consumo de cachaça<sup>4</sup>. Cláudio Galvão, em *A modinha norte-rio-grandense* (2000), discorreu sobre a boemia natalense entre o final do século XIX e início do século XX. De acordo com o autor, a cidade de Natal possuía uma grande quantidade de intelectuais, que escreviam poesias, e de músicos, que inseriam melodia em seus versos, produzindo a modinha (tocada em reuniões familiares – saraus – ao som do piano ou em serenatas ao som do violão). Os boêmios eram seresteiros que cantavam nas janelas de casas de família, demonstrando emoções para sua amada. A bebida alcoólica era elemento presente. O comportamento dos seresteiros de vagar pela cidade, bebendo e cantando modinhas, era concebido pela sociedade natalense como ofensivo ao pudor público.

Os jornais *A Ordem* e *A República* mostraram que os boêmios, que vivenciaram o período de 1946 a 1960, também eram malvistas pela sociedade natalense, haja vista sua

---

<sup>3</sup> Cf. PAULO FILHO, 2005, p.17-29.

<sup>4</sup> Cf. CASCUDO, 1999, p. 391-405.

conduta sempre associada à bebida alcoólica e à disposição de percorrer as ruas da cidade durante a madrugada, em busca de bares abertos. Todavia, os livros de memória apresentam uma visão diferenciada de boêmio: figura respeitada, comportada e bem relacionada socialmente. Essa representação dos memorialistas a respeito da boemia não está em consonância com a concepção de matérias jornalísticas escritas por grupos religiosos católicos e pelas autoridades policiais e judiciais das décadas de 1940 e de 1950, que associavam o consumo de bebidas alcoólicas às desordens sociais.

O nosso propósito é definir a boemia como uma forma de sociabilidade. Na cidade de Natal, a sociabilidade aparece de maneira intensa e nítida na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata, no bairro da Ribeira, e no Grande Ponto, situado no bairro da Cidade Alta. Todos os dias, muitas pessoas convergiam para esses logradouros, à procura de conversas e para saber das últimas novidades. No encontro da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata, encontramos o Clube e Bar Carneirinho de Ouro e o reservado da Confeitaria Avenida, dois espaços da boemia natalense. No Grande Ponto, um lugar da boemia era o Bar e Confeitaria Cisne. Quando os boêmios se encontram nesses bares para beber e conversar, estavam motivados por interesses e necessidades específicas. As relações interpessoais eram acompanhadas da satisfação de sentirem-se socializados. No bar, eles se encontravam com seus semelhantes, integrando-se aos grupos que se identificavam. Nos seus espaços de boemia, os indivíduos bebiam, conversavam, brincavam e trocavam experiências, em busca de sua realização pessoal e de seus iguais<sup>5</sup>.

É preciso considerar que os grupos boêmios não se apresentam com uniformidade. Há boêmios que, após encerrar seu expediente de trabalho, dirigem-se ao bar para rever os amigos, tomar uma cerveja e discutir sobre diversos assuntos. Passam algumas horas no bar (mais ou menos cinco horas) e vão para casa. Ocupam, em geral, os reservados (da Confeitaria Cisne e da Confeitaria Delícia), escondendo-se dos olhos dos transeuntes. Esses homens assumem pelo menos dois papéis sociais: durante o dia eram funcionários públicos, comerciantes, políticos e bacharéis; enquanto que à noite, eram boêmios que se reconheciam como tais, assumindo outro papel social. Alguns livros de memórias relatam histórias de rapazes solteiros, que bebem grandes “porres” nos bares e terminam suas noites nas casas de meretrício. Esses apreciavam a vida noturna e mantinham casos com prostitutas.

Nesta Dissertação compreenderemos os boêmios como intelectuais (jornalistas, escritores e poetas) que associavam sua produção intelectual a sua frequência aos bares da

---

<sup>5</sup> Cf. SIMMEL, 2006, p. 59-82.

cidade. Durante o horário comercial, exerciam suas funções de funcionários públicos, profissionais liberais e jornalistas. Esses intelectuais não estavam à margem da sociedade, pois participavam de reuniões sociais importantes (como almoços oferecidos a políticos e intelectuais de Natal). Nas horas noturnas, tais homens estavam nos bares, bebendo, conversando, divertindo-se, trocando ideias e experiências. À medida que os bares iam fechando, os boêmios vagavam pela noite em busca de botecos abertos, atitudes que os aproximavam do mundo da desordem, identificado nos textos dos leigos católicos como o mundo da prostituição, do vício e da criminalidade. O poeta, artista plástico, dramaturgo e cronista Newton Navarro era um boêmio que não aceitava as normas da vida burguesa, rejeitando as imposições de uma vida regrada pautada na organização do trabalho e na obediência de valores católicos. Para ele, os homens deveriam ser livres para realizar suas próprias escolhas.

Em nota publicada no livro *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974), de Newton Navarro, o jornalista Nilo Pereira referiu-se ao autor: “onde está Newton, com a sua esplêndida inteligência, a sua arte e a sua sensibilidade, aí está a ausência de ordem, no melhor sentido da palavra. Ordem burguesa. Ordem convencional”<sup>6</sup>. Nesse texto, Nilo Pereira refere-se às crônicas de Navarro que priorizam, nos seus escritos, os subúrbios e as pessoas simples do Cais do Porto, do Canto do Mangue e da Praia da Redinha, individualizando-as na medida em que dava nomes às pessoas e relatava suas características particulares. As transformações urbanas que se iniciaram em Natal, a partir da segunda metade dos anos de 1940, ignoravam as aspirações das populações que viviam à margem do rio Potengi e no litoral natalense. Navarro posicionava-se contra essas transformações. Nas suas crônicas sobre a Praia da Redinha, o escritor afirmou sua preferência por esta nas décadas de 1930 e início da década de 40, período anterior às transformações. Para ele, as mudanças ocorridas nesse trecho do litoral potiguar tiraram a beleza da praia.

No trabalho *Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)*, as principais fontes utilizadas para a composição de uma versão histórica da boemia natalense foram as crônicas de Newton Navarro, publicadas no jornal *A República*. Ele escrevia sobre o cotidiano nos bares e botecos da capital potiguar. Em algumas de suas crônicas, referia-se ao dia a dia nas áreas portuárias e aos lugares (bares e casas de meretrício) onde poderiam ser encontrados prostitutas e boêmios em final de farra. Newton Navarro não possuía trabalho fixo, tirava o sustento de sua boemia com a venda de suas produções literárias e artísticas.

---

<sup>6</sup> NAVARRO, 1974, s/p.



Colaborava com os jornais *A República*, *Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*. Segundo o escritor Nei Leandro de Castro, quando Newton Navarro recebia um bom dinheiro proveniente da venda de um de seus quadros, o cronista costumava se hospedar em um hotel de Natal e convidava os amigos para as farras, pagando todas as despesas<sup>7</sup>.

Nos primeiros contatos com as fontes, realizamos questionamentos para obtenção de pistas, a fim de desvendar como a história de uma boemia natalense poderia ser reconstituída. Levantamos, pelos indícios encontrados nos livros de memória, os nomes e a localização dos bares, das sorveterias e outras casas que comercializavam diversão na cidade de Natal. Os anúncios, as crônicas e as matérias do jornal *A República* permitiram-nos mapear os principais estabelecimentos comerciais da cidade de Natal e ainda possibilitaram o contato com anúncios de propaganda de cinemas, teatro, lojas comerciais, clubes e agremiações esportivas, fornecendo informações importantes para o estudo do cotidiano da cidade.

Os espaços estudados são a esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata e o Grande Ponto, analisados como espaços das relações interpessoais, sejam essas harmoniosas ou conflituosas. O espaço é construído por significados sociais, representado pelas cenas compostas de pessoas que se relacionam entre si, por meio das conversas nas esquinas, bares, confeitarias e em outros estabelecimentos comerciais. A interseção das fontes (livros de memórias e crônicas) com as páginas policiais dos jornais natalenses conduziram-nos à natureza das relações entre indivíduos que frequentavam tais estabelecimentos.

As fontes não nos permitiram adentrar no universo dos boêmios populares devido a pouca quantidade de informações recolhidas sobre esses grupos. Examinamos alguns recortes das crônicas e ocorrências policiais coletados no jornal *A República*, que demonstraram os conflitos que ocorriam nas casas de meretrício e nos bares do bairro da Ribeira. A boemia dos populares é evidenciada nos periódicos sempre em associação com o crime e a prostituição. No entanto, essa documentação não nos permitiu avançar para uma análise de uma boemia das camadas populares.

As fontes utilizadas neste trabalho são os livros de memórias e os principais jornais da cidade de Natal, a exemplo de *A República*, periódico oficial do governo do estado do Rio Grande do Norte e *A Ordem*, jornal católico. Cabe assinalar que as falas de nossas fontes (tanto dos livros de memória quanto dos jornais) são de membros de uma elite intelectual formada em instituições, como o Atheneu Norte-Rio-Grandense, o Colégio Santo Antônio e as faculdades de Recife e de Maceió. É por intermédio de discursos desses homens da elite,

---

<sup>7</sup>Cf. CASTRO, Nei Leandro de. *Personagens*. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/coluna.php?id=2004&art=216364>. Acesso em: 18 set. 2012.

nos jornais e nos livros de memórias, que pretendemos compreender a boemia em Natal no período delimitado.

Em 1949, Djalma Maranhão publicou várias crônicas na coluna do *Diário de Natal*, intitulada *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida norte-rio-grandense*. Esses foram os primeiros textos analisados para esta pesquisa. A crônica é uma narrativa curta, difundida nos jornais a partir do século XIX e criada para o consumo diário dos leitores. Constituem fontes importantes para o trabalho do historiador porque registram o cotidiano, as sensibilidades e as ideias dos intelectuais a respeito de si e da cidade observada. As crônicas de Djalma Maranhão foram reunidas e organizadas pelo professor Cláudio Galvão em um livro, chamado *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense* (2004).

Djalma Maranhão já era experiente na profissão de jornalista. Na década de 1940, ele foi presidente da Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa. Suas crônicas eram redigidas num linguajar simples, quase coloquial, fazendo uso de humor ao contar determinadas histórias envolvendo personalidades importantes da cidade – políticos, comerciantes, intelectuais. Partindo do estudo dessas crônicas, começamos a levantar pistas a respeito da dinâmica social e econômica de Natal, demonstrando a interferência da economia no cotidiano e nas relações sociais. Os cafés e bares da Ribeira eram pontos de encontro para aqueles que desejavam realizar negócios relacionados às atividades econômicas como agricultura (cana-de-açúcar e algodão), atividades bancárias e de câmbio. No entanto, a maioria das pessoas se dirigia ao lugar em busca de bate-papos informais, a fim de obter as últimas informações do dia.

A segunda fonte analisada para a elaboração desta Dissertação foi o livro de memória *Acontecimentos e tipos da Confeitaria Delícia* (1985), de José Alexandre Garcia, no qual o autor conta histórias de boêmios e de tipos que se reuniam e bebiam na Confeitaria Delícia, frequentada por estudantes, artistas, intelectuais, jornalistas, funcionários públicos e empresários. A obra é composta por uma reunião de crônicas publicadas no Jornal *Dois Pontos*, anexadas a outras histórias e transformadas em um livro de memória. Essas crônicas memorialistas são apoiadas nas recordações de José Alexandre Garcia e de seus amigos que viveram na cidade de Natal nos anos de 1940 e 1950. O cronista foi boêmio e conviveu com outros renomados de Natal. Frequentava a Confeitaria Delícia, no bairro da Ribeira, do português Olívio Domingues da Silva, que mantinha um reservado nos fundos do estabelecimento, separado do salão da confeitaria por uma cortina.

Na obra, o autor utiliza uma linguagem coloquial, descontraída e objetiva, lançando mão de expressões e palavras populares. Apresenta uma visão nostálgica e romantizada da realidade social, abstraindo aspectos positivos das relações interpessoais e ocultando uma realidade de conflitos. O autor apresenta seus colegas de boemia como grandes personalidades, exaltando-os enquanto membros de famílias importantes e/ou de grande valor para a sociedade natalense.

Os livros de memória, embora apresentem muitas informações relevantes para a nossa pesquisa, foram escritos segundo a ótica de seus autores, que manifestam um olhar nostálgico e saudosista dos bares, cafés e confeitarias da cidade de Natal. Nessas obras, o passado mostra-se sempre melhor que o presente. A análise de tais livros e o cruzamento das informações contidas nessas fontes com jornais do período foram essenciais para a elaboração de uma versão histórica da boemia na cidade de Natal entre 1946 e 1960.

As crônicas são testemunhos do tempo em que elas foram produzidas, permitindo ao historiador perceber o registro do cotidiano, sensibilidades, sociabilidades e ideias de um período histórico. Newton Navarro foi poeta, artista plástico, dramaturgo, contista e cronista. É considerado o pioneiro da arte moderna no Rio Grande do Norte, e em sua poesia destacam-se as obras *Subúrbio do silêncio* (1953) e *ABC do cantador Clarimundo* (1955). Ele escreveu ainda os livros de contos *Solitário vento do verão* (1961) e *Os mortos são estrangeiros* (1970), além de reunir algumas de suas crônicas no volume *30 crônicas não selecionadas* (1969) e *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974).

No jornal *A República*, Newton Navarro escreveu acerca do cotidiano de bares e restaurantes de Natal, associando a sua vivência nesses lugares ao cotidiano da cidade. O autor era frequentador de praias e de bares dos bairros da Ribeira, de Santos Reis e das Rocas, por isso os principais temas de suas crônicas eram os logradouros da Ribeira e de Santos Reis, o rio Potengi, o Cais do Porto na Avenida Tavares de Lira (Ribeira), o Canto do Mangue (Rocas) e as praias da Redinha e de Ponta Negra. Esses espaços eram, ao mesmo tempo, objeto de suas crônicas e os lugares de sua boemia. Navarro experimentou esses espaços na presença de amigos e no contato com os pescadores e trabalhadores dos barcos que faziam a travessia com destino à Praia da Redinha. Nos bares, o cronista bebia com seus companheiros, compartilhando ideias, sentimentos e valores. Os textos de Navarro eram ricos em informações, permitindo-nos elaborar uma representação da boemia na cidade de Natal através de sua experiência boemia. As crônicas não apenas forneceram dados para localizar os espaços da boemia, mas foram essenciais para a compreensão da dinâmica da mesma na cidade de Natal.

As crônicas de Newton Navarro constituíam um material destinado ao consumo diário do leitor. O autor escrevia de forma clara, direta e simples, além de buscar sempre a linguagem poética nos textos. Navarro assumiu um papel de observador da cidade e dos lugares que frequentava, escrevia sobre o seu tempo presente e suas crônicas estavam tomadas pela sensibilidade. Os sentidos (olfato, paladar, audição e tato) e os sentimentos (amor, amizade, tristeza, desgostos, alegria etc.) são elementos presentes nos textos do cronista. Suas narrativas a respeito do cotidiano forneceram pistas para pensarmos o que seria a boemia na cidade de Natal na segunda metade da década de 1940 e durante a década de 1950.

A Dissertação *Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)* se encontra dividida em três capítulos. O primeiro, “Boemia e sociabilidades na cidade de Natal (1900 a 1950)”, apresenta as transformações ocorridas na cidade de Natal e, conseqüentemente, na sociabilidade natalense durante a primeira metade do século XX. Os boêmios, que no século XIX expressavam-se por meio da modinha e das serenatas, ganharam novos espaços para as suas práticas sociais: os bares e os cafés. Esses lugares não eram exclusivos de boêmios, sendo também frequentados por outros segmentos sociais, a exemplo de magistrados, comerciantes e políticos. Notamos uma diferenciação social nos espaços da boemia. Os bares e cafés situados nos bairros centrais da cidade de Natal, como Cidade Alta e Ribeira, eram frequentados pela elite intelectual e política natalenses. Os populares se reuniam nos botecos dos subúrbios.

No segundo capítulo, “Os lugares da boemia: confeitarias, cafés, bares e pensões alegres”, procuramos fazer a distinção do que seria bar, café, confeitaria e pensões alegres na cidade de Natal, no período entre 1946 e 60. No texto, elaboramos o mapeamento dos lugares da boemia (confeitarias, cafés, bares e pensões alegres), identificando e situando os estabelecimentos no espaço urbano da capital potiguar.

O último capítulo, “Natal boêmia: crônicas e vivências de Newton Navarro”, visa investigar a boemia na cidade de Natal por meio da experiência de Newton Navarro, que percorria os bares e cabarés da capital potiguar. Navarro associava a sua vivência boêmia à sua atividade intelectual.

O trabalho *Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)* não possui a pretensão de dar conta de todo o tema da boemia na capital, mas de apresentar os lugares da boemia e revelar as experiências de Newton Navarro, nos bares e nas praias natalenses.

## 1 BOEMIA E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE NATAL (1900 A 1950)

Natal em meados do século XX era uma cidade bem diferente daquela de 1900. Certamente foi o que observou o ex-governador do estado do Rio Grande do Norte, Alberto Maranhão, na sua visita a capital potiguar na década de 1940, como conta o escritor Sanderson Negreiro no prefácio do livro *Belle Époque na esquina: O que se passou na República das Letras potiguar* (2009), do professor universitário Tarcísio Gurgel. Alberto Maranhão estava sentado em uma mesa de uma sorveteria quando foi reconhecido pelo jovem Alvamar Furtado de Mendonça, que o convidou para fazer um passeio pela cidade. O ex-governador observou o quanto a cidade havia crescido e se modificado em meio século<sup>8</sup>. Areladas às transformações materiais pela qual passou a capital potiguar, vamos estudar as mudanças na sociabilidade natalense ao longo da primeira metade do século XX, que resultaram no surgimento de novas práticas boemias nos anos de 1950.

As reuniões boemias eram situações de sociabilidade. Os boêmios possuíam características, aspirações e qualidades em comum, que permitiram a eles se agruparem nos bares e cafés da cidade de Natal. Nas afluências boemias, os indivíduos se desligavam de situações relacionadas ao seu cotidiano, tais como trabalho e relações familiares, passando a viver situações compatíveis com seus anseios e com as aspirações de seus amigos e companheiros de farras e bebedeiras<sup>9</sup>.

Os agentes da boemia observados nesta Dissertação são intelectuais e artistas, integrados à vida social da cidade por meio de sua frequência nos bares e participação nas serenatas e tertúlias literárias, por exemplo, a Diocésia, do Café Magestic. Nessas reuniões, os boêmios compartilhavam ideias, desejos, sonhos e convicções com seus iguais.

A palavra *boêmia* vem do francês *bohême* ou *bohème*, para designar o país de um povo celta da Europa central, região da atual República Tcheca. Portanto, o termo *boêmio* se refere ao habitante da *Boêmia*. Os autores também definem *boêmia* como um círculo de intelectuais e artistas que levam a vida priorizando o prazer e a liberdade, divertindo-se e consumindo bebidas alcoólicas. No Brasil, é mais comum o uso de *boemia* e não de *boêmia*<sup>10</sup>. Dessa forma, adotamos a denominação *boemia* ao mencionar o comportamento de intelectuais

---

<sup>8</sup>Cf. GURGEL, 2009, p. 15-28.

<sup>9</sup> Cf. SIMMEL, 2006, p. 59-82.

<sup>10</sup> Cf. HOUSAISS; VILLAR, 2008, p. 476.

e artistas da cidade de Natal e *boêmio* quando nos referirmos aos indivíduos participantes da boemia natalense.

### **1.1 Diversões e boemia no século XIX**

Na segunda metade do século XIX, os cargos da administração do Segundo Império eram exercidos pelo Partido Conservador e pelo Partido Liberal, que se alternavam no poder. Os primeiros jornais impressos foram fundados na cidade de Natal. Alguns desses periódicos defendiam ideias liberais, outros, os pontos de vista conservadores. A cidade resumia-se aos bairros centrais da Cidade Alta e Ribeira, e às áreas periféricas (Quintas, Rocas e Refoles). A principal atividade econômica era a agricultura. Na faixa litorânea, a produção de açúcar expandiu-se pelo vale do rio Ceará-Mirim. Com a Guerra de Secessão (1860-1865), a Inglaterra deixou de comprar o algodão aos Estados Unidos e passou a negociar com o Egito e o Brasil, e o Rio Grande do Norte passou, então, a produzir algodão. A cotonicultura e a produção açucareira contribuíram para o crescimento econômico da província e da cidade de Natal a partir da segunda metade do século XIX.

Na primeira metade do século XIX, a cidade de Natal possuía muitas construções de palhoças, e entre os bairros da Ribeira e de Cidade Alta havia muitas áreas desocupadas, isolando um bairro do outro. A capital era uma cidade tranquila, sem muito movimento nas ruas, principalmente à noite. A partir de meados do século XIX, enquanto centro administrativo e sede do porto marítimo, a capital potiguar passou por alguns melhoramentos. Em 1856, foram inaugurados o Hospital da Caridade e o Cemitério do Alecrim. A construção da Rua do Baldo, entre a fonte pública de abastecimento de água da cidade e o bairro de Cidade Alta, ocorreu em 1866. O prédio do colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense foi erguido na Rua da Cruz, atual Junqueira Aires, em 1859. No bairro da Ribeira, foi edificado o Cais 10 de Junho, em 1869.

O calçamento da Rua da Cruz foi realizado em 1870. Dois anos depois, o Governo Provincial construiu o Palácio do Tesouro, atualmente Palácio da Cultura, na Cidade Alta. No dia 28 de setembro de 1881, foi inaugurado o prédio da Estação da Great Western no bairro da Ribeira. Nesse bairro, em 1888, Juvino Barreto estabeleceu na Avenida Junqueira Aires a Fábrica Natal, de fiação e tecido, a primeira do Rio Grande do Norte. Em 1896, iniciou a construção do Teatro Carlos Gomes, durante a gestão estadual de Joaquim Ferreira Chaves.

Esses melhoramentos quase não alteraram a fisionomia da cidade de Natal. As reuniões sociais nos teatros e a presença feminina nesses eventos eram raras na capital potiguar no final do século XIX. Segundo Castriciano:

Quem quiser avaliar o nosso atraso faça uma visita aos teatrinhos que o delicado poeta das REVOLTAS costumam improvisar a pedido dos boêmios que lhes são recomendados.

Não quero falar dos arranjos dos salões (salões? Pois sim!) pouco arrejados e higiênicos...

Eu me refiro a ausência do belo sexo nos dias de representação<sup>11</sup>.

A cidade de Natal, na concepção do poeta Henrique Castriciano, era atrasada em comparação aos grandes centros urbanos do Brasil e das capitais europeias, a exemplo de Paris. As opções de diversão resumiam-se nos passeios coletivos à Praia da Redinha, nos piqueniques, nas apresentações de teatros amadores, nas reuniões ao ar livre e nas serenatas nas noites de lua cheia, apreciadas por poucos – jovens e boêmios, em geral. As moças saíam de casa apenas acompanhada pelos pais, geralmente para ir aos bailes, que eram raros, e às missas aos domingos.

Os rapazes natalenses cursavam o ensino secundário no Atheneu Norte-Rio-Grandense, mas apenas os membros de famílias abastadas estudaram em faculdades de outras capitais como Recife e Salvador. Aos jovens sem recursos restavam às atividades intelectuais realizadas na capital da província do Rio Grande do Norte<sup>12</sup>. A vida intelectual da cidade girava em torno do jornalismo político, da poesia e da modinha. Os conflitos entre os grupos políticos locais, liberais de um lado e conservadores de outro, promoveram as primeiras manifestações locais dos poetas com suas sátiras, paródias e anedotas, por meio de seus versos e suas modinhas. Os poetas eram os modinheiros, que cantavam versos musicados durante as serenatas acompanhados de violões<sup>13</sup> e elaboravam versos destinados aos festejos populares e religiosos (lapinhas, bailes pastoris e fandangos). Um desses foi o tenente de milícia Manuel Joaquim Açucena, que popularizou o fandango na cidade de Natal. A boemia do século XX era praticada pelos poetas e cantores das modinhas, como expôs o escritor Luís da Câmara Cascudo:

Sendo luar, Manuel Joaquim gastava as horas lentas cantando, violão ao peito, doces queixas de amor e saudades amarguradas, com ceias finais de

---

<sup>11</sup> CASTRICIANO, 2011, p. 15.

<sup>12</sup> Cf. CASTRICIANO, 2011, p. 205.

<sup>13</sup> Cf. CASCUDO, 1999, p. 391-405.

peixe-frito e aguardente, cujo aljofre perolava os copos bojudos de vidro grosso. Dessa forma contamos sua figura como um dos nossos primeiros sereneiros, tenores de plenilúnio, divulgando versos de longe, aqui musicados [...]¹⁴.

Manuel Joaquim Açucena foi funcionário da Secretaria do Governo Provincial, além de ser pai do poeta Lourival Açucena. No século XIX, os divertimentos de Natal resumiam-se às serenatas nas casas de família ou ao ar livre (praias, ruas, praças) em noite de lua e às festas religiosas e populares nos espaços públicos. As festas religiosas de influência portuguesa obedeciam ao calendário católico e consistiam em missas, novenas, procissões e folguedos. As festas de São João, por exemplo, eram comemoradas com comidas típicas, ritos de fogueiras, fogos de artifício, bailes, bebidas e canções, acompanhadas por violões, violas e flautas. Essas festas religiosas eram populares, contando com a participação do povo natalense. Quando terminavam as missas e as procissões, a população tomava o terreiro da Igreja, comparecendo aos circos, aos parques e às barracas de comidas e de brincadeiras.

Entre as festas populares, havia os folguedos. O reisado era uma manifestação popular, realizada nas vésperas de seis de janeiro, dia de Reis. Rapazes e moças cantavam quadrinhas e compareciam às residências de chefes de famílias, avisadas previamente, que esperavam o reisado oferecendo comidas e bebidas. Outras festas populares eram os fandangos, as lapinhas, os congos e o boi calemba. No século XIX, os espaços públicos natalenses eram destinados aos festejos populares. Nas primeiras décadas do século XX, esses espaços ganharam novas práticas e outros significados.

## **1.2 Cafés, bares e clubes: novas práticas, novas sociabilidades**

No final do século XIX, com o advento da República, os estados passaram a ter autonomia financeira, permitindo que as oligarquias estaduais pudessem dispor de recursos, antes centralizados nas mãos do Império. Essa autonomia dos estados permitiu às capitais passarem por um processo de modernização. Na cidade de Natal, essa modernização contou com os recursos destinados a combater os efeitos da seca de 1903-1904, e com o empréstimo realizado junto ao capital francês, em 1910¹⁵.

Segundo Sevckenko (1983), a partir de 1873 verificou-se um aumento nas exportações de capitais para o Brasil. Os recursos eram destinados aos empréstimos governamentais e à

---

¹⁴ CASCUDO, 1989, p. 65-66.

¹⁵ Cf. MONTEIRO, 2000, p. 159-193.



instalação de infraestrutura de transportes, meios de comunicação e bens de capitais destinados às indústrias. Os primeiros presidentes da República brasileira esforçaram-se para construir uma imagem de Estado-nação moderna. Para tanto, no início do século XX, as elites implantaram reformas urbanas que deram às cidades brasileiras, sobretudo às capitais dos estados, uma aparência moderna. Uma cidade moderna seria aquela que atingisse o progresso e adotasse uma política de remodelação. Para as elites brasileiras, a urbe colonial era feia, suja e insalubre, por isso era divulgada em jornais a necessidade de construir avenidas largas em substituição às ruas estreitas e demolir prédios coloniais, cedendo lugar a edificações no estilo *Art Nouveau*.

Além da transformação do espaço público, também ocorriam mudanças no modo de vida e na mentalidade. A elite passou a condenar hábitos e costumes ligados à memória da sociedade colonial, e a negar a cultura popular que prejudicasse a imagem do Brasil como nação civilizada. Os intelectuais, a exemplo de Henrique Castriciano e Manuel Dantas, que colaboravam com os jornais locais, sobretudo *A República*, foram os idealizadores do progresso na capital potiguar à medida que divulgavam seu desejo em implantar melhoramentos urbanos na capital do estado do Rio Grande do Norte.

A projeção do bairro da Cidade Nova revelou a intenção de enquadrar a capital potiguar nos padrões desejáveis de higiene e salubridade. Márcia Marinho, em *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense* (2011), escreveu: “segundo a linha das principais capitais mundiais, o bairro da Cidade Nova teria largas e arborizadas avenidas, nas quais a ventilação permitiria a devida circulação do ar, além do nivelamento das casas que deveriam manter recuos laterais e frontais”<sup>16</sup>. A Cidade Nova consistiu em um novo bairro natalense, planejado dentro dos padrões de salubridade e de civilidade desejados pelas elites brasileiras no início do século XX.

Entre 1900 e 1930, a capital potiguar passou por inovações no seu espaço urbano. As elites natalenses preocupavam-se com a higiene e a salubridade urbana, essenciais na sua concepção, ao progresso, ideais de beleza e bem-estar. Em 1904, foi realizada a obra de aterro e ajardinamento da Praça Augusto Severo, no bairro da Ribeira, tornando-se um lugar de passeio e de sociabilidade. A praça tornara-se um ambiente atrativo para as elites, que para lá se dirigiam a fim de assistir às apresentações musicais. Essa praça recebeu, em 1911, os trilhos do bonde e, em 1913, a estátua de bronze de Augusto Severo. O Teatro Carlos Gomes, concluído em 1904, o Grupo Escolar Augusto Severo (1907) e a Escola Doméstica de Natal

---

<sup>16</sup> MARINHO, 2011, p. 38.

(1914) também foram construídos nesse espaço público<sup>17</sup>. Em 1909, o primeiro cinema da capital potiguar foi instalado no Teatro Carlos Gomes, com o nome de Cinema Natal. Em 1911, na Praça Augusto Severo, José Petronilo de Paiva e João Gurgel inauguraram o Cinema Politeama, que contava com serviço de bar e sorveteria, sala de jogos e palco para apresentações teatrais.

Figura 01: Teatro Carlos Gomes



Fonte: *Cigarra*, Natal, ano 1, n.2, 1928, p. 28.

A abertura da Avenida Tavares de Lira, no bairro da Ribeira, e a construção de ferrovias tornaram-se símbolos de progresso na capital potiguar. A criação da Avenida Tavares de Lira ocorreu no dia 25 de fevereiro de 1908, por meio da Resolução nº. 118. A construção da Estrada de Ferro Central iniciou-se em 1904, estendendo-se de Igapó (zona norte da cidade) ao município de Ceará-Mirim. Em 1906, as estações de Igapó e Ceará-Mirim foram inauguradas. As obras da estação da Ribeira foram iniciadas em 1911.

Em 1905, realizaram-se as obras de aterro e saneamento do Baldo, transformado em logradouro público. Essas obras possibilitaram a implantação de espaços de sociabilidade com a prática de esportes. O memorialista Jaime dos Guimarães Wanderley, no seu livro *É tempo de recordar* (1984), escreve a respeito de uma área de diversão, conhecida por Baldo:

“O Baldo” era uma grande piscina, construída no rumo do Alecrim, em frente à atual Praça Carlos Gomes, na confluência da Avenida Rio Branco com a Deodoro...

Era “O Baldo” local preferido para encontros e diversões da mocidade natalense, nas matinas semanais. E aos domingos, como era maior a

<sup>17</sup> Cf. ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 205.

afluência de banhistas, realizavam disputas de natação e saltos, que eram assistidos e aplaudidos por numerosos espectadores<sup>18</sup>.

As mudanças desejadas pelas elites iam além do aspecto material. Ser moderno era também ter um espaço de convivência adequado às práticas sociais. A construção de praças e jardins serviu a esse propósito de sociabilidade. No entanto, um lugar público poderia ser frequentado pela elite, mas também por grupos sociais pobres, que desconheciam normas de comportamento adequadas ao passeio em jardins e praças, segundo os critérios estabelecidos pelas elites natalenses. “A criação de regras de acesso, circulação e normas de condutas nos espaços da cidade era uma maneira sutil de distinguir socialmente os espaços de convívio”<sup>19</sup>, ou seja, deveria separar os espaços de sociabilidade da elite dos locais das práticas populares. A construção do Teatro Carlos Gomes exerceu o papel de difusão do modelo de civilidade desejado pelas elites natalenses no início do século XX, tornando-se um espaço privilegiado de sociabilidade.

Os espaços públicos adquiriram uma função instrutiva e moralizadora. A partir de 1870, as ideias de civilização, progresso e trabalho foram trazidas por membros da elite brasileira com formação acadêmica na Europa. Essas novas ideias passaram a ser difundidas pela Faculdade de Direito de Recife e introduzidas no seio das camadas urbanas, influenciando muitos estudantes natalenses que foram cursar Direito nessa instituição de ensino superior. A valorização do trabalho é acompanhada pela recriminação à vadiagem e ao vício. Na medida em que o trabalho constrói os bens da civilização, a vadiagem e o vício constituem uma ameaça à sociedade civilizada. Era necessário educar os indivíduos por meio do trabalho, pondo-os a serviço do progresso. Os espaços públicos (praças, jardins e teatros) passaram a ser lugar de instrução para os indivíduos<sup>20</sup>. O Atheneu Norte-Rio-Grandense, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Escola Doméstica de Natal, o Natal Club, entre outras instituições, também contribuíram para a propagação de valores de civilidade, trabalho e progresso, pretendidos pela elite no começo do século XX. Era fundamental educar os jovens a comportar-se nos lugares de sociabilidade, a exemplo de praças, teatro, clubes, cinemas e cafés.

Os clubes eram espaços de sociabilidade com grande importância no cenário da vida social da cidade de Natal. Nas duas primeiras décadas do século XX, as principais festas aconteciam nos salões dos clubes da Cidade Alta, a exemplo do Natal Club, inaugurado no dia

---

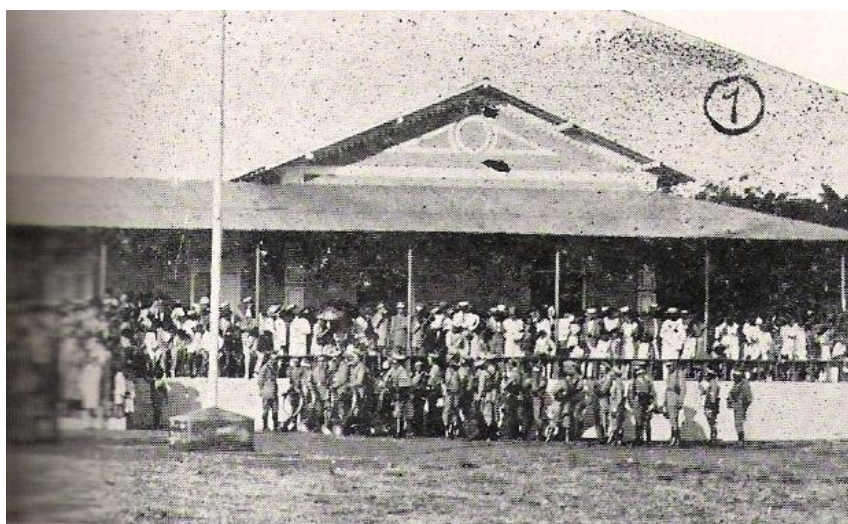
<sup>18</sup> WANDERLEY, 1984, p. 33.

<sup>19</sup> MARINHO, 2011, p. 77.

<sup>20</sup> Cf. ARRAIS, 2004, p. 173-251.

9 de outubro de 1909, na Avenida Rio Branco. A criação de outros clubes, como a Associação dos professores e o Aero Club do Rio Grande do Norte, permitiu a expansão de espaços de sociabilidade para o bairro de Cidade Nova (Tirol e Petrópolis). O Aero Club do Rio Grande do Norte foi inaugurado em 29 de dezembro de 1928, no bairro de Cidade Nova, reunindo o “charme dos salões, as aventuras da aviação e a competitividade dos esportes”<sup>21</sup>. A sua fundação visava à integração da cidade ao desenvolvimento da aviação comercial no Brasil. O governo do estado do Rio Grande do Norte cedeu o prédio, situado na Avenida Hermes da Fonseca, para ser a sede do clube. A aviação foi a grande novidade do *Aero Club do Rio Grande do Norte*.

Figura 02: A Inauguração do Aero Club



Fonte: *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, abr. 1929, p. 26.

O bairro da Ribeira concentrava o maior número de bares, bilhares e cafés, a exemplo do Café Socialista (1903), do Café Chile (1916), do Café Cova da Onça (1916) e do Bar Antártica (1921). A frequência dos natalenses aos novos espaços de sociabilidade revelou novas mudanças nos hábitos da elite da capital potiguar, a exemplo dos passeios pela cidade, que incluíam uma parada em um café para um eventual lanche em família ou para as conversas entre amigos. Os natalenses frequentavam os bares e os cafés para passar o tempo, conhecer pessoas, realizar negócios, trocar informações, degustar quitutes e conversar. Nesses estabelecimentos, passavam famílias, políticos e boêmios<sup>22</sup>. Grande número desses bares e cafés era encontrado na Avenida Tavares de Lira e nas suas imediações, no bairro da Ribeira.

---

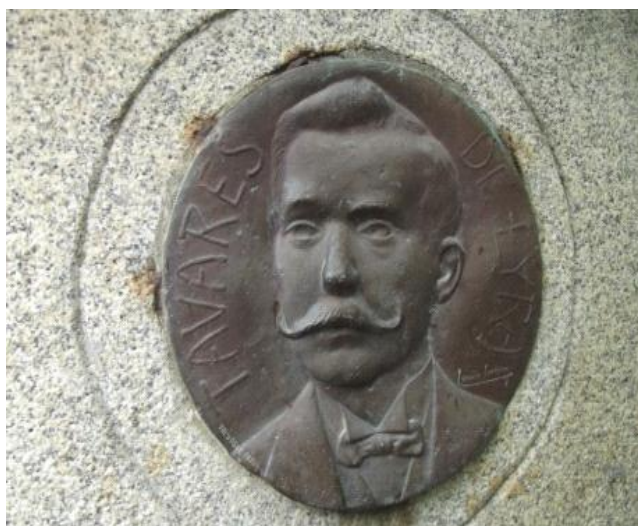
<sup>21</sup> MARINHO, 2011, p. 106.

<sup>22</sup> Cf. MARINHO, 2011, p. 91-110.

A Ribeira era o centro comercial da cidade de Natal, onde se encontravam livrarias, lojas, outras casas comerciais, bancos e as sedes dos dois mais importantes jornais do período: *A República* e o *Diário de Natal*. O porto e a estação ferroviária tinham grande importância, uma vez que eram responsáveis pela exportação e importação dos produtos e pelo transporte de passageiros. Nesse bairro, localizavam-se ainda o Teatro Carlos Gomes (atual Alberto Maranhão), cinemas e sorveterias. A economia da cidade girava em torno do pequeno comércio (lojas, bares e cafés) e das exportações do algodão, açúcar, sal e da cera de carnaúba.

A Avenida Tavares de Lira foi aberta ao longo do ano de 1908 pela Intendência Municipal e criada de acordo com a Resolução nº. 118, da mesma intendência. Em 1911, o governador Alberto Maranhão tomou as devidas providências para o embelezamento da avenida, encomendando um obelisco com o medalhão de Augusto Tavares de Lira. Em 1913, o logradouro apresentava-se arborizado e possuía assentos com encostos. Em 1919, o governador Ferreira Chaves destinou recursos para o calçamento a paralelepípedo da Avenida Tavares de Lira<sup>23</sup>. Passear nessa avenida do bairro da Ribeira, entrar nos seus cafés, realizar negócios e acordos políticos nesses lugares era um hábito da elite natalense nas primeiras décadas do século XX.

Figura 03: Medalhão de Augusto Tavares de Lira, no obelisco implantado na avenida que leva seu nome.



Fonte: Acervo da autora.

---

<sup>23</sup> Cf. SOUZA, 2008, p. 291-294.

A Avenida Tavares de Lira, nas primeiras décadas do século XX, assumiu uma importância enorme na sociabilidade natalense, devido a sua localização geográfica e ao frequente trânsito da população pela localidade. Era palco dos grandes acontecimentos, tais como os desfiles dos blocos carnavalescos e os desfiles militares. Nos vários cafés existentes na capital potiguar, políticos, jornalistas e intelectuais reuniam-se para conversar sobre assuntos diversos. Uma dessas casas comerciais era o Café Chile, de propriedade de Leonel de Barros, situado na Travessa Aureliano de Medeiros, no bairro da Ribeira. Diariamente, a casa comercial recebia deputados, senadores, magistrados e jornalistas. Além de café, o estabelecimento oferecia aos seus fregueses caldo de cana, refrigerantes, aperitivos e sucos. Os anúncios e as reportagens sobre os cafés e os bares no jornal *A República* sempre se referem a esses espaços como lugares elegantes e civilizados:

Aos domingos do *American Bar* sempre solicito em ser um dos esteios da civilização em Natal fará, vendendo a preço modico, um magnifico do sorvete destacando-se a excellencia de sorvête de leite que será feito de pura nata.

O proprietario do *American Bar* só tem em fito impulsionar o progresso desta hospitaleira Natal, terra de boníssima gente, não reuendo enriquecer do dia para a noite e sim corresponder aos desejos de uma população que tenciona igualar-se ás mais civilisadas do paiz<sup>24</sup>.

Para os intelectuais que escreviam nos principais jornais, o hábito de frequentar cafés ajudaria Natal a avançar em direção aos padrões de elegância e civilidade, essenciais para que a cidade adquirisse características de uma capital moderna. Segundo o cronista e memorialista João Amorim Guimarães, os cafés e bares da Avenida Tavares de Lira eram “[...] ricamente instalados, em salões decorados a capricho, com mobiliário de luxo, prateleiras artísticas, mesas de mármore verdadeiro, garçons bem trajados, limpos, sociáveis, polidos, distintos e educados [...]”<sup>25</sup>. É o caso da Rotisserie Natal, restaurante situado à Avenida Tavares de Lira, nº. 20, que recebia a nata da sociedade natalense, entre eles jornalistas, políticos e comerciantes, para reuniões sociais, oferecendo a seus clientes queijos, presuntos, bebidas nacionais e estrangeiras. Esse estabelecimento era qualificado como elegante e civilizado, pois estava dentro dos padrões de estética e progresso pretendidos pelas elites da capital potiguar, como demonstra a Figura 04.

---

<sup>24</sup> NATAL civilisa-se. *A República*, 4 jul. 1916, s/p.

<sup>25</sup> GUIMARÃES, 1999, p. 141.

Figura 04: Jantar oferecido ao jornalista Aderbal de França, na Rotisserie Natal.



Fonte: *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, abr. 1929, p. 37.

A Rotisserie Natal era um espaço de sociabilidade que possuía dimensões amplas, iluminação elétrica, diferenciando-se de construções de tetos baixos, com pequenos cômodos e iluminados a lampião. A Figura 04 mostra homens bem vestidos, sentados a mesa em uma reunião social. Notamos a ausência das mulheres.

### 1.3 O Café Cova da Onça

O Café, Bar e Bilhar Cova da Onça foi inaugurado no dia 1º de novembro de 1916, na Travessa Venezuela, por iniciativa de Anaximandro de Souza, com o objetivo de oferecer aos clientes o jogo de bilhar e comercializar artigos de mercearia e café. Em 1931, a casa comercial situada à Avenida Tavares de Lira, 40, e travessa Venezuela, 39 e 41, pertencia aos irmãos Leonel Leite e Diomedes Leite, contratantes de uma sociedade cuja razão social era denominada Leite & Irmão, tendo por finalidade “[...] o negócio de exploração de café, bebidas nacionais e estrangeiras e outros negócios que lhe convenham no seu estabelecimento denominado ‘COVA DA ONÇA’”.<sup>26</sup> Em 1935, a sociedade entre os irmãos Diomedes Leite e Leonel Leite foi encerrada. O negócio passou, então, a ser administrado apenas por Leonel Leite.

O Café, Bar e Bilhar Cova da Onça teve importância nos anos de 1930 como um espaço de reuniões políticas. O bar era um recinto em que se reuniam os membros do Partido

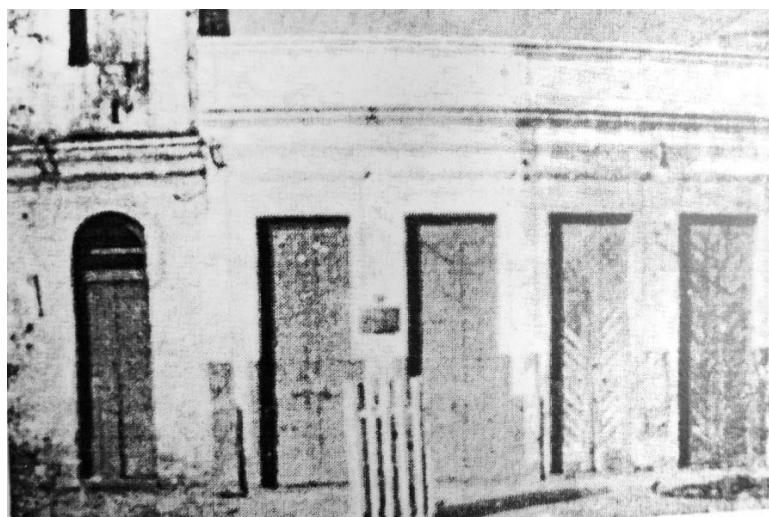
---

<sup>26</sup>RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Junta Comercial. *Contrato de registro de sociedade e firma assinados por Leonel Leite e Diomedes Leite*. Natal, 1931, s/p.

Popular, onde os partidários discutiam política, redigiam minutas de telegramas, confabulavam e traçavam estratégias para as próximas eleições. O estabelecimento foi palco de conflitos sangrentos, a exemplo do ocorrido no dia 29 de outubro de 1935: o Partido Popular fazia oposição à administração de Mário Câmara, que governava o estado do Rio Grande do Norte; o interventor tinha o apoio de João Café Filho, esse, à frente da Guarda Civil desde 1932, ano de sua criação; o tumulto consistiu em um tiroteio envolvendo a Guarda Civil e os políticos e partidários do Partido Popular, em decorrência do embarque de Mário Câmara, que deixara a Interventoria do estado para que o governador eleito pela Assembleia Constituinte Estadual de 1934, Rafael Fernandes Gurjão, do Partido Popular, assumisse a administração do Rio Grande do Norte<sup>27</sup>.

O conflito, político e sangrento, não foi um fato isolado. Outros embates motivados por política ocorreram no bairro da Ribeira. Um desses ocorreu no contexto da Revolução de 1930, quando a Aliança Liberal realizou comícios em várias capitais do Brasil, resultando em muitos tumultos nas ruas. Na cidade de Natal, o comício realizou-se em fevereiro de 1930, em frente à Estação Ferroviária, no bairro da Ribeira, terminando em tiroteios e mortes<sup>28</sup>.

Figura 05: Prédio onde funcionou o Café Bar e Bilhar Cova da Onça



Fonte: PINTO, 1971, s/p.

Das sete às dezoito horas, os bares da cidade de Natal ofereciam café, queijos, sucos e lanches. Os fregueses dirigiam-se aos estabelecimentos para conversar a respeito de assuntos comerciais, temas políticos e os últimos fatos ocorridos no mundo e na cidade de Natal. A assiduidade era de indivíduos da elite, homens e mulheres, acompanhadas de seus pais e

---

<sup>27</sup> Cf. PINTO, 1971, p. 31-33.

<sup>28</sup> Cf. MONTEIRO, 2000, p. 190.



esposos, dispostos a fazerem um lanche e vivenciarem momentos de descontração ou tratarem com amigos algum assunto de interesse particular. À noite, os cafés tornavam-se espaços boêmios.

No século XIX, a boemia se expressava por meio das serenatas nas portas das casas de família, em becos e ruas escuras ou nas praias em noites de lua cheia, como abordamos anteriormente. No século XX, a boemia ganha novos espaços: os bares e os cafés. As serenatas e as modinhas continuavam fazendo parte do universo boêmio, mas sendo um desdobramento das tertúlias que ocorriam nos bares da cidade. Os bares vendiam grogues, cervejas, fritadas, lombos de porco, galinhas e filés. Sendo os intelectuais e artistas os maiores frequentadores notívagos, os temas prediletos para os diálogos eram as tertúlias literárias, a poesia, o teatro e o jornalismo. Os bares e cafés fechavam suas portas após a meia-noite. Aos sábados, seu horário de funcionamento se estendia até a madrugada.

Os cafés mencionados até o presente momento, a exemplo do Café Chile e o Café Cova da Onça, eram lugares requintados, que exigiam um comportamento contido, sem exageros na bebida. Segundo Guimarães, em 1926, o Café Cova da Onça e o Bar Antártica recebiam, no período diurno, o governador do estado do Rio Grande do Norte, José Augusto, o Diretor do Departamento de Segurança Pública, Aduino Câmara, o desembargador Felipe Guerra e o coronel Francisco Cascudo, rico comerciante e dono de sortido armazém no bairro da Ribeira. Mas, à noite, os cafés transformavam-se em espaços destinados às tertúlias literárias:

Durante anos a fio, durante décadas, acompanhando a vida cotidiana dos cafés e a vida noturna e agitada de alegria e de vibração de Natal daquela época, ardente de *orgias* esplêndidas, que de orgia só possuía o nome – porque eram mais serões literários do que “farras” – jamais vi uma briga, ou um desentendimento mais sério<sup>29</sup>.

Segundo Guimarães, os frequentadores dos cafés (Chile, Cova da Onça) e do Bar Antártica eram membros da elite natalense que adotavam um comportamento contido, sem exageros na bebida. Os habitués se reuniam nesses estabelecimentos priorizando mais a conversa do que o consumo de bebidas. O cronista afirma que os fregueses desses bares e cafés não eram farristas, e sim buscavam tais lugares a fim de participarem de reuniões literárias. Notamos a preocupação do cronista em descrever a boemia natalense dentro dos padrões da ordem, excluindo de sua literatura os possíveis conflitos que existiam nos

---

<sup>29</sup> GUIMARÃES, 1999, p. 147.

ambientes dos cafés e bares da cidade. “Conversava-se, comentava-se, declamava-se, contava-se histórias, anedotas, davam-se adivinhações, bebia-se, comia-se tudo dentro de um ambiente festivo de amizade e de confiança”<sup>30</sup>. Nos textos memorialistas, as desordens ocorriam nos subúrbios, onde a presença de boêmios, populares e vadios era constante.

#### **1.4 O Passo da Pátria**

Os subúrbios da cidade de Natal também possuíam seus espaços de boemia, a exemplo dos botecos do Passo da Pátria. Cascudo definiu o Passo da Pátria como “uma zona marginal, entre a Ribeira e a Cidade, apertada na faixa de terra úmida do rio [Potengi] e da barranca onde se empinava o casario”<sup>31</sup>. O Passo da Pátria era um bairro localizado próximo à Ribeira, à Cidade Alta e ao Alecrim, caracterizado por moradias precárias de pessoas de baixo poder aquisitivo, construções irregulares e pela falta de saneamento básico. Lá, uma feira era realizada todos os sábados à noite, atraindo uma clientela bastante diversificada, procedente de todas as camadas sociais. Seus frequentadores eram moças, senhoras, cavalheiros, comerciantes, pescadores, soldados, comerciantes, cabeceiros, funcionários públicos, boêmios e prostitutas. O acesso à feira do Passo da Pátria ocorria pela Ladeira da Cadeia, atual Rua João da Mata, e pela Ladeira do Passo da Pátria, hoje Rua do Passo da Pátria.

A feira semanal do Passo da Pátria surgiu em 1870, devido ao movimento comercial do porto do Passo da Pátria, que recebia mercadorias vindas das povoações da Redinha, Macaíba e São Gonçalo, permitindo o abastecimento interno da cidade de Natal e a integração desses municípios à capital potiguar. A feira era um lugar de encontro de pessoas que buscavam mercadorias e diversão:

Espalhadas pelos quadrantes do pátio, estavam botequins, barracas de caldo de cana, bancas de jogos de “jaburu”, jogos de dados, bacará, situadas num flanco, pois o outro era destinado aos tabuleiros com gostosas tapiocas de coco, alfenins, com figuras de animais e flores, sequilhos de goma, broas, doces secos, pés-de-moleque, biscoitinhos de araruta, cuscuz, além de grandes mesas, servindo café com bolachas secas e grudes de Extremoz e de outras tantas, destinadas a venda de sarapatel apimentado, com cachaça, que era apregoados em altas vozes pelos comerciantes, para atraírem a freguesia, sempre os boêmios<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> GUIMARÃES, 1999, p. 147.

<sup>31</sup> CASCUDO, 1999, p. 250.

<sup>32</sup> WANDERLEY, 1984, p. 22.

No início da noite, a feira era frequentada por famílias que desciam as ladeiras da Cadeia e do Passo da Pátria para adquirirem mercadorias, como carne de sol, frutas, enfeites e utensílios feitos de barro entre outros produtos. Depois das vinte horas, as famílias voltavam para casa. Na feira, ficavam malandros, boêmios e meretrizes, que permaneciam nas bodegas e nos bailes organizados por comerciantes estabelecidos no Passo da Pátria. Muitos mendigos, bêbados, deficientes visuais e físicos circulavam a esmolar pela feira. Segundo o memorialista Lauro Pinto, em *Natal que eu vi* (1971), o Passo da Pátria era lugar de degradação social:

Ali viviam as raparigas mais sórdidas, doentes, desgraçadas, cachaceiras, imorais e infelizes de Natal e talvez do mundo. Ali havia mais fome, doença e miséria do que obscenidade ou prazer sexual. Ali a condição humana atingiu o máximo em infelicidade e degradação. Tanto assim que o maior desafôro e a ofensa mais ferina era o de chamar a qualquer meretriz, mesmo sendo de baixa classe, de “puta do Passo da Pátria”<sup>33</sup>.

O Passo da Pátria é retratado nos livros de memória como um espaço deteriorado socialmente, marcado pela presença dos vícios, pela extrema pobreza e pela indigência. A poetisa Palmira Wanderley, em *Roseira Brava e outros versos* (1965), assim referiu-se ao Passo da Pátria:

#### PASSO DA PÁTRIA

É um antro de miséria,  
É um passo de dor!  
Parece que os apaches de outras terras  
Nascem dali. Que horror!  
Quanto medo me mete!  
...  
Passo da Pátria é a tasca do vício,  
De pecador impenitente.  
Tem um cheiro ruim de maresia  
E um bafo, muito forte, de aguardente...<sup>34</sup>

O bairro é visto como ambiente de miséria, vícios, vadiagem, prostituição, mendicância e violência. Embora a feira fosse aceita socialmente, devido o movimento comercial de Natal, o seu funcionamento era monitorado pelas forças policiais, atentas em manter a ordem do lugar, e a combater as constantes brigas e confusões.

Os boêmios frequentavam os botecos do Passo da Pátria. As comemorações do centenário da Independência do Brasil, em setembro de 1922, movimentaram os habitantes da

---

<sup>33</sup> PINTO, 1971, p. 40-41.

<sup>34</sup> WANDERLEY, 1965, p. 41.

cidade de Natal. Dentro dos festejos, três barcos de pescadores da Colônia José Bonifácio fizeram uma arriscada viagem ao Rio de Janeiro<sup>35</sup>. A iniciativa mobilizou governantes e populares a comparecerem ao cais da Avenida Tavares de Lira para prestigiar a partida dos aventureiros à capital federal. Finalizadas as comemorações do centenário de Independência do Brasil, no Rio de Janeiro, os pescadores natalenses, a bordo do navio Maranguape, retornaram a sua cidade no dia 19 de outubro de 1822.

Na noite anterior, Othoniel Menezes estava com amigos em um boteco no Passo da Pátria, quando resolveu escrever um poema para homenagear os pescadores que chegariam no dia seguinte. A poesia falava sobre as angústias de um pescador que deixava em terra a sua amada e se lançava ao mar para obter o sustento para a família. O poema *Serenata do pescador* foi musicado e tornou-se a modinha mais conhecida na cidade de Natal. Othoniel Menezes teve muitos de seus versos musicados, este foi um deles. Coube ao musicista Eduardo Medeiros a composição da melodia dos versos. *Serenata do pescador* tornou-se uma canção popular, tocada nas serenatas durante a madrugada.

Cláudio Galvão, em *A Modinha Norte-Rio-Grandense* (2000), escreveu a respeito da boemia natalense entre o final do século XIX e início do século XX. Para ele, a modinha é “uma canção, uma obra composta de melodia e versos, harmoniosamente combinados para serem cantados. A presença dos versos implica a necessidade da voz humana para expressá-los”<sup>36</sup>. Na cidade de Natal havia uma grande quantidade de poetas e de músicos que inseriam melodia em seus versos, produzindo a modinha. Esta foi estimulada pelo hábito de se fazer serenatas em dias de lua cheia, pela presença marcante do mar e do rio Potengi e pela pouca opção de divertimentos. O que rapazes poderiam fazer à noite na capital potiguar? Encontrar os amigos em um balcão de bar, cantar ou tocar nas serenatas ou esperar a chegada das datas religiosas para participarem das festas populares. As serenatas eram uma prática de divertimento.

A modinha era tocada em reuniões familiares (saraus), ao som do piano, ou em serenatas ao som do violão. O piano era comum nas residências de famílias ricas, que usavam esse instrumento musical em suas reuniões sociais, já os violões eram mais comuns entre a população de menor poder aquisitivo. A modinha seresteira era mais livre e dava mais expressão à emoção presente na poesia. O seresteiro cantava na janela de sua amada, transmitindo seus sentimentos. A serenata era sempre regada à bebida alcoólica, por isso os seresteiros não eram bem vistos na sociedade natalense. Muitos deles contraíram tuberculose,

---

<sup>35</sup> Cf. GALVÃO, 2009, p. 88-90.

<sup>36</sup> GALVÃO, 2000, p. 35.

por causa dos excessos da bebida e a disposição de percorrer a cidade durante a madrugada. A morte, em muitos casos, era inevitável devido aos poucos conhecimentos da Medicina.

Muitos jovens cantores e poetas eram boêmios que faziam serenatas percorrendo as ruas de Natal durante a madrugada, por isso não estavam dentro dos padrões de rapazes adequados para se casarem com as reservadas moças de família da cidade. A conduta de vida de um seresteiro era tida como ofensiva ao pudor público. Nesse sentido, a boemia era vista como modo de vida característico de poetas e seresteiros que, de violão nos braços, produziam modinhas cantadas em noite de luar, encerrando seus expedientes nos primeiros clarões da madrugada. Os seresteiros eram atores marginalizados no cenário da sociedade natalense<sup>37</sup>.

Os seresteiros cantaram o amor não correspondido e a saudade. Othoniel Menezes foi um dos mais conhecidos poetas da capital potiguar. Exerceu as funções de militar, funcionário público e jornalista. Foi também boêmio, mesmo quando ocupou cargos importantes na secretaria de governo na década de 1920. O poeta percorria os bares e os cafés da cidade de Natal e participava das serenatas, sempre regadas a bebidas alcoólicas.

Na Rua 14 de Março, atual Rua Felipe Camarão, no bairro da Cidade Alta, havia um bar modesto chamado de O Ôco, frequentado por boêmios. Jaime dos Guimarães Wanderley, no seu livro *É Tempo de Recordar* (1984), descreveu O Ôco como um recinto sujo e infecto. Essa informação contrasta com os anúncios de bares e cafés no jornal *A República*, nas primeiras décadas do século XX, como estabelecimentos comerciais requintados e asseados. Ao contrário do Café Chile, American Bar e Rotisserie Natal, descritos como lugares elegantes e modernos, o Ôco é representado como um ambiente simples, modesto e sem esmero. O cardápio noturno era composto por peixe frito no dendê, sarapatel de carneiro, tripa de porco e cachaça. Sua freguesia era composta por pessoas simples e pelos boêmios da cidade de Natal. O encontro no boteco sempre resultava em serenatas:

Certa noite, Francisco Bulhões aniversariava e para festejar a data, promovera uma reunião no “O Ôco”. E depois de prolongada bebedeira, puxada a paredes, as mais bizarras, de muita modinha amorosa, cantada a tom menor, para magoar a sensibilidade de corações apaixonados, alguém lembrou uma serenata na porta da bem amada do aniversariante<sup>38</sup>.

Os ambientes simples, como O Ôco e os botecos do Passo da Pátria, são abordados pelos livros de memória como espaços onde ocorriam grandes farras, com excessos na bebida

---

<sup>37</sup> Cf. GALVÃO, 2000, p. 36-39.

<sup>38</sup> WANDERLEY, 1984, p. 18.

e algazarras, relegando aos lugares de boemia dos pobres a representação de lugares de violência e criminalidade. A frequência a esses botecos não era bem visto pela sociedade natalense, que recriminava o uso excessivo de bebidas e as serenatas, que incomodavam o sono e o sossego das famílias. Além disso, o ato de percorrer a capital potiguar durante a madrugada com violão era comparado a atitudes de vadiagem. Para muitos, a noite era reservada ao descanso daqueles que trabalhavam durante o dia. As obras memorialísticas analisadas ocultam uma realidade de conflitos existentes nos bares e cafés frequentados pelas elites natalenses.

### **1.5 O Café Magestic**

Nas primeiras décadas do século XX, grupos de boêmios costumavam se reunir para beber e conversar no Café Magestic, situado da esquina da Rua Ulisses Caldas, 101, com a Rua Vigário Bartolomeu, 549. Antes, no local funcionava o Café Potiguarânia, em atividade desde o final do século XIX. O Potiguarânia possuía salão de bilhar, constituindo uma casa de propriedade do poeta, jornalista e dramaturgo Ezequiel Wanderley. Ainda no início do século XX, a casa comercial passou a pertencer a Benjamin Simonete, denominando-se Café Magestic.

O Magestic era café e bar, não mais bilhar, e transferiu-se das mãos de Simonete para a sociedade comercial composta pelo poeta Jorge Fernandes, o seresteiro Deolindo Lima, o músico Barôncio Guerra e os humoristas Aurélio Flávio e Pedro Lagreca<sup>39</sup>. No primeiro andar do estabelecimento, funcionava a Diocésia, onde aconteciam palestras literárias, espetáculos teatrais, recitações de poemas e contações de histórias e anedotas. Tal espaço também servia como sala para receber indivíduos importantes da literatura brasileira (Mário de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros).

---

<sup>39</sup> Cf. GUIMARÃES, 1999, p. 135.

Figura 06: Café Magestic



Fonte: PINTO, 1971, s/p.

No salão da Diocésia, os adeptos ao modernismo declamavam poemas. O estilo e as ideias modernistas chegaram a Natal por intermédio de intelectuais recém-chegados de viagens a São Paulo e Europa<sup>40</sup>. Na Diocésia, encontravam-se nomes de nossa literatura (Luís da Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Othoniel Menezes, Jorge Fernandes, Ezequiel Wanderley e Carlos Siqueira), e também grandes humoristas (Pedro Lagreca e Francisco Pignataro), além de outros homens sem muita habilidade para as letras e para o humor.

Henrique Castriciano, que vez por outra aparecia no Café Magestic, afirmara que, diferentemente do que acontecia há algumas décadas, muitos intelectuais que contribuía com os principais jornais da cidade tinham formação acadêmica, ou seja, estudaram Direito em Recife ou Medicina em Salvador. Eram homens que “viajaram, sentiram a impressão física e moral de outros centros”<sup>41</sup>.

As reuniões na Diocésia eram verdadeiras aulas àqueles que desejassem aprender a respeito de diversos assuntos literários. Diariamente, o Café Magestic reunia artistas e boêmios que organizavam as tertúlias lítero-musicais. Segundo Jaime Wanderley, no estabelecimento:

Faziam-se discursos, declamavam-se poemas, cantavam-se modinhas, tocavam-se melodias, últimos sucessos sonoros, improvisavam-se charges e

<sup>40</sup> Cf. FERNANDES, 2008, p. 9-17.

<sup>41</sup> CASTRICIANO, 2011, p. 204-205.

sátiras e, às vezes, também sinapizava-se a pele e a vida alheia, embora não fosse muito usada essa última faceta computada nas reuniões<sup>42</sup>.

Na Diocésia, só entrava a elite intelectual que frequentava o café. O espaço era um ambiente seletivo àqueles intelectuais e artistas que vivenciavam quase diariamente o Bar Magestic. As sessões eram presididas por Jorge Fernandes, identificado nos textos memorialísticos como presidente perpétuo do recinto literário. Os homens comuns do povo não tinham acesso às tertúlias. Diferente do que acontecia em O Ôco e nos botecos do Passo da Pátria, onde as reuniões dos boêmios podiam ser observadas pelo vulgo, a presença de populares era proibida nas tertúlias da Diocésia.

O salão do térreo, onde funcionava o café, era aberto ao público, porém os próprios frequentadores assíduos da casa comercial selecionavam quem participaria das conversas e aqueles que ficariam de fora, de modo que o indivíduo excluído, não se sentindo a vontade no ambiente, fosse embora e não voltasse mais:

Entrava o freguês, fazia o pedido, era atendido cortesmente, sem ser incomodado; mas, se procurava conversar, se dava algum “aparte” à conversa, ou se dirigisse a qualquer dos presentes, seria atendido, apenas, por monossílabos, por “sins” ou por “nãos”.  
Aquele, já sabia que não voltava mais.  
*Campo* era uma defesa social horrível. Traduzia-se pela retirada estratégica de todos, um por um, até ficar sozinho o freguês inconveniente. Depois iam voltando todos, aos poucos, e formando novas “rodas”, arredadas do intruso<sup>43</sup>.

O Café Magestic era um espaço da boemia literária potiguar, os boêmios populares tinham acesso ao bar, mas não às reuniões literárias. Os intelectuais que frequentavam o Magestic excluía aqueles que pretendiam participar de seus grupos de conversas. Na cidade de Natal, nas primeiras décadas do século XX, havia uma grande variedade de bares. Cada grupo frequentava esses espaços, de acordo com suas preferências e interesses. O escritor Luís da Câmara Cascudo declarou preferir:

[...] o Bar Majestique, antes chamado de Potiguarânia, o grande bar da minha geração, situado na Rua Ulisses Caldas, e frequentado por jornalistas, professores, literatos. Também frequentamos o Bar Delícia, na Praça Augusto Severo. Estes eram os dois pontos mais frequentados em Natal, na época. A minha geração toda passou por lá: Othoniel Menezes, Jorge

---

<sup>42</sup> WANDERLEY, 1984, p. 99.

<sup>43</sup> GUIMARÃES, 1999, p. 153.



Fernandes etc.; era o bar — o Majestique — da bebida, da classe média, da intelectualidade<sup>44</sup>.

Ao revelar sua preferência, Cascudo definiu, na citação acima, o grupo de clientes do Café Magestic: literatos, professores e jornalistas, que formavam uma geração de intelectuais e boêmios, fregueses do Bar Magestic, um lugar de intensas relações entre os presentes. Estava estabelecida uma afinidade entre os indivíduos, que se reconheciam enquanto grupo, e pertencentes a esse espaço da boemia natalense.

Nos anos de 1920 e 30, existia o Café Grande Ponto, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua João Pessoa, estabelecimento bastante frequentado pelos natalenses. Tratava-se de uma mercearia, propriedade de Custódio de Almeida, que possuía um serviço de bar e duas mesas de bilhar. Cascudo afirmava que seu grupo de boemia raramente comparecia ao Grande Ponto, preferindo o Café Magestic. Para o escritor, o Grande Ponto era um lugar de passagem. Ele raramente comparecia ao lugar, e quando isso ocorria, sentava em uma mesa para beber, enquanto assistia a um jogo de bilhar. Em 1949, Djalma Maranhão reclamava que Cascudo não costumava aparecer na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata, onde se situavam a Confeitaria Avenida, o Clube e Bar Carneirinho de Ouro e outros lugares da boemia natalense, dava preferência a sua própria roda de amigos e suas tertúlias<sup>45</sup>. Em meados do século XX, Cascudo era freguês da Confeitaria Delícia, na Praça Augusto Severo, no bairro da Ribeira.

No Café Magestic encontravam-se muitos músicos e intérpretes que cantavam canções e tocavam melodias, produzindo um ambiente de festa e descontração. Nessas reuniões, as serenatas eram organizadas quase todas as noites:

Sempre, a meia-noite era organizada uma serenata, que percorria as ruas da capital, quer fizesse luar ou fosse noite escura.

Eram violões, flautas, violinos, oboé, bandolins, que compunham a orquestra, encarregada de acompanhar os cantores, Aristóteles Costa, Aurélio Flávio, Carvalho Cruz, portadores de sugestivos repertórios e de maviosa voz, que fazia despertar “frission”, nas morenas apaixonadas do bairro<sup>46</sup>.

As reuniões boemias que aconteciam nos bares de Natal, como exemplo as do Café Magestic, inúmeras vezes resultavam em serenatas. Essas atuações nem sempre agradavam as famílias natalenses, pois eram realizadas na madrugada, à janela da casa de alguma senhorita

---

<sup>44</sup> CASCUDO, 2002, p. 42.

<sup>45</sup> Cf. MARANHÃO, 2004, p. 56-57.

<sup>46</sup> WANDERLEY, 1984, p. 94.

ou de amigos, incomodando o sono da vizinhança. Muitos literatos e músicos eram indivíduos socialmente respeitados, diferenciando-se das pessoas comuns devido a sua particularidade intelectual. Eles costumavam se reunir no Café Magestic para as tertúlias literárias. No entanto, quando praticavam atitudes que fugiam às regras da “boa sociedade”, a exemplo da frequência às serenatas, os boêmios eram recriminados pelas famílias natalenses.

## **1.6 A Segunda Guerra Mundial e as transformações na cidade de Natal**

No início da década de 1940, a cidade de Natal era pequena, com aproximadamente 55 mil habitantes distribuídos entre os bairros de Cidade Alta, Ribeira, Tirol, Petrópolis, Rocas e Alecrim, além das povoações do Passo da Pátria, Quintas, Guarapes e as praias da Redinha e Areia Preta. Governava o estado Rafael Fernandes de Gurjão, administrando até 1943, e o prefeito de Natal era o engenheiro Gentil Ferreira de Souza. As principais atividades econômicas do Rio Grande do Norte eram a agricultura (produção de cana-de-açúcar, frutas e algodão), o extrativismo (sal e scheelita) e a pecuária. As casas de exportação desses produtos localizavam-se no bairro da Ribeira e ligavam a capital ao interior. A inserção de Natal na Segunda Guerra Mundial provocou mudanças na sociabilidade da cidade, com a criação de vários bares e a proliferação das casas de meretrício.

A elite intelectual natalense era constituída, em sua maioria, por funcionários públicos e profissionais liberais, formados na Faculdade de Direito de Recife. Por meio de suas crônicas e reportagens nos principais jornais da cidade, opinavam sobre ações do governo, contribuindo para a promoção de mudanças na capital potiguar. As atividades intelectuais nas décadas de 1940 e 1950 estavam ligadas às atividades políticas locais. Os veículos de comunicação utilizados eram a imprensa escrita e o rádio.

Na década de 1940, os principais jornais eram *A República*, *A Ordem* e *O Diário de Natal*. A única rádio existente na capital potiguar era a Rádio Educadora de Natal (REN)<sup>47</sup>, fundada nos salões do Aero Club do Rio Grande do Norte, considerado o melhor clube social da cidade. Em 15 de fevereiro de 1944, essa rádio passou a integrar a rede associada de emissoras de Assis Chateaubriand, com a denominação de Rádio Poty e, no dia 1º de novembro de 1948, houve a inauguração de seus novos estúdios e auditório. Nesse período, os programas de auditório faziam sucesso em todo o Brasil. Na cidade de Natal, destacavam-se: Domingo Alegre, criação de Genar Wanderley; e *A Estrela que Canta*, com Glorinha

---

<sup>47</sup> Cf. OLIVEIRA, 2008, p. 44-52.

Oliveira. Os cantores de rádio eram prestigiados pelo público natalense que compareciam aos programas de auditório, constituídos em lugares da sociabilidade natalense.

Quando a Segunda Guerra Mundial iniciou na Europa, em setembro de 1939, a administração do estado do Rio Grande do Norte estava nas mãos das oligarquias locais, que estavam integradas às instituições componentes do regime ditatorial do presidente brasileiro Getúlio Vargas. O Brasil entrou na guerra mundial após acordo firmado com os Estados Unidos da América. Nesse pacto, o governo americano financiaria a construção da Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, e os Estados Unidos construiriam uma Base Aérea Americana e uma Base Naval na cidade de Natal. O governo brasileiro rompeu relações diplomáticas com Alemanha, Japão e Itália, e declarou seu apoio aos Estados Unidos. Segundo os discursos das elites natalenses nos principais jornais da capital, a escolha da cidade para sediar a base americana ocorreu devido a sua importância estratégica e relação com a aviação mundial<sup>48</sup>.

Em 1941, já era perceptível a presença de militares norte-americanos na cidade. Com a instalação da Base Aérea de Natal, em 1942, cresceu o número de soldados, afetando o cotidiano na capital potiguar. O surto da mineração com a exploração de tungstênio e da scheelita atraíram firmas e técnicos. A transformação de Natal em praça de guerra resultou em um intenso comércio de bares, mercearias, lojas de artigos diversos e casas noturnas nos bairros centrais.

Os cafés mais procurados eram o Café Grande Ponto, na Cidade Alta, e o Café Cova da Onça, na Ribeira. O bar mais frequentado pela elite política, pelos intelectuais e pelos oficiais americanos era o bar do Grande Hotel. Durante o conflito mundial, os sócios Jacob Lamas e o italiano Amadeu Grandi estabeleceram um comércio na Praça Augusto Severo, denominado Confeitaria Delícia, que se tornou um espaço boêmio frequentado por jornalistas, professores, comerciantes e funcionários públicos. Além disso, multiplicaram-se as casas de meretrício na cidade, em virtude da presença de estrangeiros. A mais famosa foi o Cabaré de Maria Boa, instalado no bairro da Cidade Alta no período da Segunda Guerra Mundial.

Os estudantes dirigiam-se às sorveterias e cinemas. Na década de 1930, foram fundados dois importantes cinemas em Natal: o Cine São Pedro, inaugurado em 24 de dezembro de 1930, situava-se na Rua Amaro Barreto, no bairro do Alecrim e pertencia à firma Medeiros & Cia, de Lauro Medeiros; outra casa cinematográfica criada no bairro do

---

<sup>48</sup> Cf. OLIVEIRA, 2008, p. 112-113.

Alecrim foi o Cinema São Luiz, inaugurado no dia 26 de outubro de 1946. O Cinema Rex foi aberto solenemente no dia 18 de julho de 1936, na Avenida Rio Branco, na Cidade Alta.

Em 1949, o Cinema Rio Grande foi instalado à Avenida Deodoro da Fonseca, nº. 645. A casa contava com serviço de bar, sorveteria e *nigth club*. Na década de 1940, os cinemas eram os estabelecimentos de entretenimento mais procurados pela juventude natalense. Os cinemas, as confeitarias, as sorveterias, os cafés e os bares mais badalados estavam no Grande Ponto. Manoel Procópio de Moura Júnior definiu o Grande Ponto como “[...] uma parte no centro da cidade, localizada na Rua João Pessoa, precisamente entre a Av. Rio Branco e a Rua Princesa Isabel”<sup>49</sup>. Após assistir aos filmes nos cinemas Rex e Rio Grande, os expectadores circulavam pelo Grande Ponto, comparecendo às sorveterias, cafés e bares.

Figura 07: Cine Rio Grande



Fonte: Guia da cidade de Natal, 1958-59, p. 73.

O teatro também era uma opção para a diversão na cidade de Natal. Na segunda metade da década de 1940 e nos anos de 50, existiam vários grupos teatrais que encenavam peças na capital potiguar, tendo como exemplos o Conjunto Teatral Potiguar, o Teatro de Estudante, o Grêmio Dramático de Natal, o Teatro Experimental de Arte e o Teatro de Cultura de Natal. O espaço principal para as encenações era o Teatro Carlos Gomes<sup>50</sup>. As atividades teatrais estavam ligadas às atividades intelectuais. Muitos autores dos textos teatrais eram literatos e poetas que escreviam para os principais jornais locais. Sandoval Carlos Wanderley, além de jornalista, poeta, diretor, ator teatral e fundador do Conjunto Teatral Potiguar em 1941, dirigiu a Imprensa Oficial do estado do Rio Grande do Norte, em 1931. Francisco Ivo

<sup>49</sup> MOURA JÚNIOR, 2002, p. 55.

<sup>50</sup> Cf. OTHON, 1998, p. 59.

Cavalcanti era professor, jornalista e advogado. Ele escreveu diversas peças de teatro, que foram encenadas pelo Grêmio Dramático de Natal. Como jornalista, Francisco Ivo colaborou com *A República*, *Diário de Natal*, *A Razão*, *O Democrata* e o *Jornal do Comércio*.

A transformação de Natal em cenário de guerra possibilitou o rápido crescimento da cidade, mas também resultou em contradições e crises, manifestadas na deficiência do abastecimento de alimentos e água, racionamento de combustíveis, carestia, inflação, colapso no sistema de transporte, crescimento populacional e na falta de habitação para atender um elevado número de inquilinos e a conseqüente especulação imobiliária. O aumento da população foi ocasionado pela chegada de militares, de comerciantes – ávidos para obter lucros com a venda de mercadorias para os americanos – e a vinda de muitos flagelados da seca que assolava o estado do Rio Grande do Norte. Em 1940, a cidade de Natal possuía 54.836 habitantes, atingindo, em 1950, o total de 103.215 moradores. Em 10 anos, o incremento populacional foi de 88,2%.

Durante a estadia dos americanos em Natal no período da Segunda Guerra Mundial, os atos de violência entre americanos e potiguares nos bares e cabarés da Ribeira e da Cidade Alta constituíam uma realidade. Aumentara o número de cabarés em Natal em virtude da chegada dos americanos à cidade. Os cabarés e “bas-fonds” eram os únicos locais onde havia movimento depois das 21 horas. Espaços como a Pensão Ideal, o Wonder Bar (Ribeira), o Bar Quitandinha (Alecrim), o Grande Ponto (Cidade Alta) e o Beco da Quarentena (Ribeira) eram frequentados por militares estrangeiros e brasileiros de baixa patente, sendo frequentes as brigas nesses locais da boemia natalense. Os oficiais de alta patente frequentavam o Grande Hotel e o cabaré de Maria Boa, casa de luxo de Maria Oliveira de Barros, onde se encontravam as bebidas e as mulheres mais caras de Natal. Na Rua Doutor Barata, onde havia lojas, cafés e pensões alegres, hotéis e restaurantes, ocorreram casos de desavenças entre aqueles que os frequentavam, tanto americanos quanto potiguares, motivados pela preferência das mulheres em namorar os estrangeiros, provocando ciúmes nos rapazes natalenses. Também eram comuns as brigas envolvendo norte-rio-grandenses e americanos por causa de prostitutas e de bebidas. Os jornais da época enfatizavam o fictício clima de harmonia e paz entre natalenses e americanos. Contudo, na verdade, os conflitos e as tensões entre ambos resultaram em casos de polícia, desmascarando a suposta cordialidade entre esses dois grupos<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Cf. PEDREIRA, 2005, p. 217-237.

Durante os anos de 1942 até 1945, o Brasil sofreu uma desaceleração na sua economia, o que não afetou o desenvolvimento e crescimento econômico de Natal devido o incremento dado pela presença americana e a construção da base aérea de Parnamirim Field e a Base Naval. Dessa forma, é possível afirmar que: “na Cidade do Natal o comércio cresceu de maneira vertiginosa e se refletiu na expansão dos estabelecimentos bancários e de crédito cooperativo, assim como no enriquecimento de muitos comerciantes [...]”<sup>52</sup>. Muitos negociantes, estabelecidos em Natal, constituíram fortunas devido ao comércio e a especulação imobiliária. O crescimento da capital potiguar se processou em direção ao bairro do Alecrim e das ocupações nos bairros de Tirol e Petrópolis. As construções que surgiram no contexto da Segunda Guerra Mundial, a exemplo da Base Aérea de Parnamirim, o Grande Hotel e a estrada asfaltada ligando a Base Aérea à Praça Pedro Velho, indicavam que a cidade tendia ao desenvolvimento do turismo no futuro. Essa percepção, presente nos artigos de *A República*, relacionava-se com o projeto de modernização propagado pelos intelectuais no período anterior ao conflito mundial<sup>53</sup>.

Com a aproximação do fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota inevitável das ditaduras nazifascistas na Europa, o governo ditatorial brasileiro perdeu o apoio de suas principais bases (empresários e altos escalões das forças armadas), dando sinais de cansaço. Intelectuais, jornalistas e universitários começaram a criticar o governo do Estado Novo e a clamar por eleições presidenciais. Iniciou-se o processo de democratização com o reaparecimento de partidos políticos e eleições para presidente da República. As principais candidaturas eram as do ministro Eurico Gaspar Dutra e do brigadeiro Eduardo Gomes. Com o apoio de Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra venceu as eleições presidenciais. Teve início um período democrático da história do Brasil, que durou até 1964. Esse período foi marcado por uma movimentação política intensa, contando com a participação popular no movimento queremista, em prol da permanência de Getúlio Vargas na presidência da República<sup>54</sup>.

Em Natal, os acontecimentos políticos ligados à democratização do Brasil e ao processo eleitoral envolveram não só as elites, mas também a massa popular, que passara a debater os fatos nos espaços públicos da capital potiguar. A partir de 1945, o leque das escolhas políticas foi ampliado, permitindo ao trabalhador (comerciários, operários, funcionários públicos, entre outros) maior participação no cenário político da cidade. Os principais núcleos de encontro da população natalense para as discussões políticas eram o

---

<sup>52</sup> OLIVEIRA, 2008, p. 210.

<sup>53</sup> Cf. OLIVEIRA, 2008, p. 219-221.

<sup>54</sup> Cf. FERREIRA, 2005, p. 19-95.

Grande Ponto, no bairro de Cidade Alta, e a esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata, no bairro da Ribeira. No Grande Ponto, intelectuais, jornalistas, esportistas e estudantes da cidade reuniam-se para conversar sobre diversos assuntos.

Em 1949, o jornalista Djalma Maranhão possuía uma coluna no jornal *Diário de Natal* intitulada *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida norte-riograndense*. Entre 1956 e 1959, Maranhão foi prefeito da cidade de Natal, realizando uma administração em vista do desenvolvimento econômico, social e cultural da capital potiguar. Voltou mais uma vez a governar a cidade de Natal em 1961, permanecendo no poder até 1964, quando foi destituído do cargo pelo golpe militar. Na coluna mencionada acima, Djalma Maranhão descreve os bares, os cafés e os botequins do bairro da Ribeira que ficavam na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata. Esse espaço era muito movimentado devido ao deslocamento de indivíduos em busca das últimas notícias do dia. A procura por informações motivavam os encontros entre amigos, que formavam grupos de conversas dentro dos bares e cafés e também nas calçadas. Nesses encontros, coligações políticas eram formadas, populares defendiam seus candidatos e debatiam sobre os acordos políticos. A esquina também era frequentada por fazendeiros e donos das minas de scheelita, que realizavam importantes transações comerciais com negociantes de firmas sediadas no bairro da Ribeira. Na confluência da Tavares de Lira com a Doutor Barata passavam diversos tipos da cidade de Natal: banqueiros, comerciantes, industriais, artistas, intelectuais, políticos, populares, atletas e boêmios.

A partir de meados da década de 1940, o bairro da Cidade Alta, nas imediações do Grande Ponto, ganhou substancial importância comercial na capital potiguar, deixando de ser um bairro essencialmente residencial. Vários estabelecimentos comerciais migraram das ruas estreitas do bairro da Ribeira para a Avenida Rio Branco, na Cidade Alta. Esse bairro teve sua estrutura urbana alterada, na década de 50, surgindo vários prédios comerciais, entre os quais se destacavam o Edifício Amaro Mesquita, com cinco andares, e o Edifício São Miguel, ambos na Avenida Rio Branco.

Segundo os memorialistas Carlos Sizenando Pinheiro e Fred Sizenando Pinheiro, na década de 1950, a “Ribeira ainda é a área principal de encontros e conversas dos intelectuais, boêmios e vagabundos”. Eles ainda descrevem o bairro da Cidade Alta: “[...] é a área nova, o modernismo, que começa a aparecer com as lojas implantadas por libaneses e sírios atraídos pelo repentino crescimento da economia”<sup>55</sup>. Com base neste fragmento podemos observar

---

<sup>55</sup> PINHEIRO, C.; PINHEIRO, F., 2009, p. 139.

que, a partir da década de 1940, o bairro da Ribeira foi perdendo sua importância como centro social da cidade. Por exemplo, os desfiles de carnavais, que antes ocorriam na Avenida Tavares de Lira, migraram para a Avenida Rio Branco, no bairro da Cidade Alta. Também o fechamento de estabelecimentos sociais, a exemplo do Cinema Politeama, e abertura do Cine Rio Grande, em 1949, na Avenida Deodoro da Fonseca, a construção da Praça Pedro Velho (1938), que se tornou um espaço de atividades culturais a partir da década de 40, revelavam que a Ribeira perdia sua função de núcleo de entretenimento e diversões das elites natalenses. A transferência da Escola Doméstica de Natal de sua sede na Ribeira para o bairro de Tirol, a construção do novo prédio do Colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense, mudando-se da Avenida Junqueira Aires para Petrópolis, e a criação de outras instituições de ensino nos bairros de Tirol e Petrópolis, a exemplo do Instituto Maria Auxiliadora (1952) e Externato Nossa Senhora de Fátima (1952), demonstram a preocupação das elites em criar, para seus filhos, novos estabelecimentos de ensino nos bairros onde se processava o crescimento de Natal.

A Ribeira, durante a Segunda Guerra Mundial, destacou-se como bairro destinado ao entretenimento. Cafés, bares, hotéis e pensões alegres proliferaram na Avenida Tavares de Lira e ruas adjacentes, constituindo um grande atrativo para os soldados americanos. Cordeiro afirma: “Mas ao mesmo tempo em que a cidade do Natal tornou-se cosmopolita, acabou afastando os natalenses do bairro da Ribeira”. Em seguida, a autora aponta como razões para esse afastamento: “[...] uns porque não tinham condições financeiras para frequentar esses locais e outros pela fama de lascívia e boemia que assolava o bairro”<sup>56</sup>.

Na década de 1950, a Ribeira ficou conhecida na memória popular como o bairro boêmio, devido à existência de casas de meretrício e de bares, que ficavam abertos 24 horas, a exemplo da Peixada Potengi e do Tabuleiro da Baiana. Os boêmios começavam a noite bebendo em casas comerciais, como a Confeitaria Delícia, situada na Praça Augusto Severo, perambulavam pelas ruas, chegando às casas de meretrícios e amanheciam nos bares que não encerram, hora alguma, seu expediente. Segundo o memorialista José Alexandre Garcia, a Avenida Tavares de Lira, que outrora constituiu o logradouro elegante da cidade de Natal, foi reduzida a “*vulgar passarela noturna*”<sup>57</sup>.

O Grande Ponto, nos anos de 1950, passou a ser o grande centro da sociabilidade natalense. Rapazes compareciam aos cinemas, às lanchonetes e às sorveterias para conversar e flertar com as mocinhas que passeavam no local. Após o expediente de trabalho, políticos,

---

<sup>56</sup> CORDEIRO, 2012, p.71.

<sup>57</sup> GARCIA, 1985, p. 45, grifos do autor.



esportistas, comerciantes, funcionários públicos e intelectuais compareciam aos bares e cafés para os encontros com os amigos. Alguns desses indivíduos eram boêmios, que permaneciam até a madrugada nos bares.

As elites passaram olhar a Ribeira e, conseqüentemente, os seus notívagos com receio. As páginas policiais do jornal *A República* noticiavam, com frequência, brigas e confusões em bares e casas de meretrício do bairro. As críticas elaboradas pelos colaboradores do jornal *A Ordem* ao funcionamento das casas de meretrício da cidade, analisadas como focos da criminalidade, contribuíram para a desconfiança da população em relação ao bairro. No período diurno, a Ribeira era movimentada pelo comércio, pelas atividades bancárias e pelas repartições públicas. À noite, o ambiente se transformava. As ruas ficavam calmas, apenas com o trânsito de moradores do bairro e dos frequentadores dos bares e cabarés.

Em meados do século XX, havia várias opções de diversão na capital potiguar, a exemplo de teatros, cinemas, cafés, sorveterias, bares e confeitarias, situados no Grande Ponto, no bairro de Cidade Alta, e na Avenida Tavares de Lira e ruas adjacentes, no bairro da Ribeira. Esses lugares eram frequentados por muitos indivíduos em seus momentos de descanso, constituindo espaços de intensa relação entre as pessoas que se reuniam, formavam grupos, conversavam, trocavam informações e experiências. Os boêmios tinham seus próprios redutos. No bairro de Cidade Alta, situavam-se o Bar e Confeitaria Cisne, o Granada Bar e Confeitaria, na Avenida Rio Branco, o Bar e Café Expresso, na mesma avenida, Bar Dia e Noite, na Rua João Pessoa, de Nilton Armando de Souza. Na Ribeira, os boêmios frequentavam o Clube e Bar Carneirinho de Ouro, na esquina da Avenida Tavares de Lira, e a Confeitaria Delícia, na Praça Augusto Severo, entre outros. A Confeitaria Cisne possuía um reservado frequentado por autoridades, políticos e intelectuais.

Figura 08: O Grande Ponto



Trecho da Rua João Pessoa com a Avenida Rio Branco.  
Fonte: *A República*, Natal, 01 jul. 1959, s/p.

No bairro da Ribeira, os boêmios visitavam vários bares, como a Confeitaria Delícia e o Tabuleiro da Baiana, situados na Praça Augusto Severo e o quiosque do cais da Avenida Tavares de Lira. A esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata era um importante espaço de sociabilidade natalense nas décadas de 1940 e 50. Nesse espaço, havia a Confeitaria Avenida, nº. 56, e o Clube e Bar Carneirinho de Ouro, nº. 54, e, próximo dali, a Peixada Potengi. O Grande Ponto e a esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata eram espaços de intensas relações sociais. Muitas pessoas procuravam seus bares e cafés para conversar, obter informações e notícias sobre os principais acontecimentos da cidade de Natal, do estado do Rio Grande do Norte e do mundo.

Definimos os boêmios, no século XIX, como poetas e modinheiros, amantes das serenatas e sujeitos mal vistos pela “boa sociedade”. Na primeira metade do século XX, os boêmios eram intelectuais e membros da classe média, em geral professores, literatos e jornalistas, que se encontravam nos bares e cafés da cidade de Natal para beber, conversar e compartilhar conhecimentos literários com seus iguais. Ao contrário dos poetas e modinheiros do século XIX, a maioria dos intelectuais do início do século XX teve sua formação nas faculdades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Muitos desses intelectuais viviam na fronteira do que seria a “boa sociedade natalense” e a boemia. Eles exerciam atividades de funcionários públicos e jornalistas e frequentavam um ambiente seletivo, reservado para si e

seus iguais, como era o caso do Café Magestic. No entanto, o ato de vagar pela noite, em busca de bares abertos e de serenatas, permitia a aproximação do boêmio com a vadiagem.

Na década de 1950, os bares continuaram sendo espaços de vivência e de estímulos ao intelecto. No entanto, esses bares eram espaços mais ecléticos em relação aos bares das primeiras décadas do século XX, devido à presença de vários grupos de frequentadores, tanto boêmios quanto não boêmios. Os bares dos anos de 1950 eram lugares de convívio de diversos tipos de boemia. Muitos funcionários públicos (bancários, magistrados, professores, entre outros) frequentavam espaços reservados das confeitarias com objetivo de não serem vistos pela sociedade natalense. Eram os boêmios de fim de tarde, aqueles que depois do trabalho dirigiam-se aos bares, permanecendo algumas horas nesses espaços. Outros, porém, bebiam sem a preocupação de ser vistos pelas pessoas que caminhavam nas calçadas e associavam sua atividade intelectual com sua boemia. Esse grupo de boêmios não compartilhava com as concepções defendidas pelos membros das confrarias religiosas.

No capítulo seguinte, estudaremos os lugares de boemia, situando-os no espaço urbano da capital potiguar e mostrando os significados dos bares, cafés e confeitarias para a boemia na cidade de Natal no período entre 1946 e 1960.

## **2 OS LUGARES DA BOEMIA: confeitarias, cafés, bares e casas de meretrícios**

As transformações pelas quais passou a cidade de Natal, a partir de sua inserção na Segunda Guerra Mundial, resultaram em mudanças na boemia natalense, passando a contar com grande número de bares e de casas de meretrício. Esses estabelecimentos comerciais, situados principalmente nos bairros da Ribeira e de Cidade Alta, eram espaços de sociabilidade dos boêmios. Propomos mapear as confeitarias, cafés, bares e casas de meretrício no espaço urbano da cidade de Natal entre os anos de 1946 e 1960.

As confeitarias, cafés, bares e casas de meretrício apresentavam diferenças entre si quanto ao propósito de sua fundação. Os cafés foram criados visando à degustação de seu produto industrializado. É o caso do Café Maia, já existente na capital potiguar em 1946, no ramo de torrefação do café. As confeitarias foram criadas com a finalidade de comercialização dos produtos característicos das confeitarias (doces, biscoitos, bolos, tortas, salgadinhos etc). Os bares eram estabelecimentos cujo papel consistia em vender bebidas e comidas como refeições e “tira-gostos”. As pensões alegres eram casas de mulheres, lugar de moradia e de trabalho simultaneamente. Nesses estabelecimentos, havia serviço de bar e aquisição dos prazeres sexuais.

No entanto, as confeitarias, bares e cafés assumiram um papel que ia além de seus objetivos de fundação. Esses estabelecimentos estavam situados nos lugares mais movimentados da cidade: a esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata, no bairro da Ribeira, e o Grande Ponto, delimitado pelos memorialistas como o trecho correspondente entre a Rua João Pessoa, a Avenida Rio Branco e a Rua Princesa Isabel, no bairro de Cidade Alta.

A esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata consistiu em um lugar de reuniões políticas, encontros de negociantes do ramo do algodão ou da mineração da scheelita, conversas informais e bate-papos entre amigos. O lugar era frequentado por boêmios, banqueiros, comerciantes, industriais, intelectuais, políticos, populares, atletas, donos de minas e fazendeiros de cidades do interior do estado do Rio Grande do Norte. O proprietário da Mina Brejuí (Currais Novos), Tomaz Salustino, quando visitava a capital potiguar, não deixava de comparecer à Avenida Tavares de Lira.

Os bares e os cafés também recebiam com frequência corretores de câmbio como José Aguinaldo Barros, que prestava seus serviços a Tomaz Salustino. José Aguinaldo Barros foi o

fundador da Bolsa de Valores do Rio Grande do Norte. Em 1956, era presidente da instituição. O seu escritório situava-se na Avenida Tavares de Lira, nº. 96. O escritório do corretor Simplício Cristino de Albuquerque estava situado na Rua Câmara Cascudo, nº. 157, também no bairro da Ribeira. Os funcionários, os gerentes e os diretores de bancos também compareciam à esquina da Avenida Tavares de Lira<sup>58</sup>.

Os bancos do estado do Rio Grande do Norte estabeleceram suas sedes no bairro da Ribeira. A Cooperativa Central de Crédito Norte Riograndense Ltda situava-se na Rua Doutor Barata, nº. 208. O Banco do Povo S.A. possuía sua sede na Avenida Duque de Caxias, nº. 106. O Banco do Rio Grande do Norte estabelecia-se na Avenida Tavares de Lira, nº. 109. A Caixa Econômica Federal encontrava-se na Avenida Duque de Caxias, nº. 124. Os bares e os cafés dessa esquina eram prolongamentos dos escritórios de corretores, negociantes, políticos e funcionários das repartições públicas, a exemplo dos bancos, situados no bairro da Ribeira. Os bares e os cafés eram espaços que assumiram uma função que ia além do fornecimento de lanches, refeições e bebidas. Os frequentadores desses bares e cafés eram homens que buscavam esses espaços para se estabelecer socialmente e defender seus interesses particulares.

Muitos jornalistas apareciam na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata a fim de realizar suas funções. O cronista Djalma Maranhão, no seu texto de 3 de abril de 1949, publicado no *Diário de Natal*, afirmara que os repórteres Luís Maria Alves e Leonardo de Oliveira Bezerra compareciam diariamente à esquina com o objetivo de obter informações para a elaboração de reportagens. Maranhão afirma que a confluência da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata era um lugar onde os natalenses poderiam obter informações:

Quem quiser saber das novidades, informar-se dos acontecimentos políticos, ficar a par dos namoros do último baile, dos ricos que ficaram pobres, e dos pobres que estão ficando ricos, das negociatas, das trapaças, das brigas e das encrencas, ou simplesmente *desopilar o fígado* com as histórias gaiatas, ou saber dos resultados dos jogos de futebol, compareça à esquina tradicional, que é a verdadeira fonte irradiadora de informações<sup>59</sup>.

Os jornalistas compareciam à esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata para coletar dados, obter detalhes de notícias sobre a cidade de Natal e saber dos últimos fatos no estado do Rio Grande do Norte, trazidos por indivíduos recém-chegados das

---

<sup>58</sup> Cf. MARANHÃO, 2004, p. 28-33.

<sup>59</sup> MARANHÃO, 2004, p. 39, grifos do autor.

idades interioranas que, como era de costume, se abancavam nas mesas dos cafés e dos bares da tradicional esquina. Os dados recolhidos eram depois transformados em materiais jornalísticos e publicados nos principais jornais da Cidade de Natal.

O Grande Ponto foi, durante a década de 1950, a mais destacada área de sociabilidade natalense. O crescimento do comércio na Cidade Alta atraía a população que caminhava pelas calçadas dos estabelecimentos, provocando um intenso movimento de pessoas pelos principais logradouros do bairro, a Rua João Pessoa, a Avenida Rio Branco e a Rua Princesa Isabel. Uma variedade de confeitarias, cafés e bares fazia parte do cenário do Grande Ponto, a exemplo da Confeitaria Helvética, do Bar e Confeitaria Cisne, do Granada Bar e Confeitaria, do Bar e Café Expresso, do Restaurante Prato de Ouro, do Bar Dia e Noite e do posto de degustação do Café São Luís.

Esses espaços da sociabilidade natalense eram frequentados por políticos, comerciantes, profissionais liberais (médicos, dentistas, advogados, professores e jornalistas), funcionários públicos, esportistas e comerciários, após seu horário de trabalho. Em meados do século XX, o Grande Ponto constituía um imenso espaço coletivo ao ar livre, onde a vida social natalense acontecia por meio das conversas informais nas rodas de amigos, das atividades culturais, dos desfiles de carnavais e das manifestações políticas. Odilon de Amorim Garcia afirmou ter fixado, na década de 1950, o seu consultório odontológico no Edifício Rian, na Rua João Pessoa. No térreo desse edifício funcionava a Confeitaria Cisne, onde, ao fim do expediente, o dentista reunia-se com os amigos:

O comércio da cidade fechava geralmente às 17 horas e, logo depois, começavam a se formar as diversas rodas para o bate-papo até o horário do jantar, e restabelecido por volta das 19h30 até às 21h00 horas...

Passei a conviver, diariamente, com a intensa movimentação do Grande Ponto. Só trabalhava até às 17 horas, pois neste horário começavam a chegar os frequentadores assíduos, amigos e conhecidos, para as conversas e as novidades do dia...<sup>60</sup>

Odilon de Amorim Garcia comparecia ao Bar e Confeitaria Cisne, na companhia de amigos, a exemplo do dentista Sílvio Tavares e do médico João Tinoco Filho, que também estabeleceram seu consultório no Edifício Rian. A finalidade era ficar sabendo dos derradeiros fatos e dos boatos que circulavam, participando das rodas de conversa que se multiplicavam à medida que se aproximava o final do expediente da tarde. Lauro Pinto afirmou que o “Grande Ponto é a maior fonte de informações do estado. Quem tem em primeira mão uma notícia

---

<sup>60</sup> GARCIA, O., 2002, p. 49.

sensacional, corre para transmiti-la nas rodinhas”<sup>61</sup>. O Grande Ponto era um espaço ideal ao trabalho de repórteres, que para lá se dirigiam em busca de dados e informações para elaboração de seus textos:

O Grande Ponto voltava ao encanto das outras manhãs. Conversava-se tomava-se conhecimentos das últimas novidades...

Um encontro ocasional que a manhã oferece, proporciona a reportagem uma conversa com o deputado Djalma Marinho, que aqui chegou, a poucos dias, para repousar das fadigas parlamentares. A loquacidade do representante udenista, prende a nossa atenção, à medida que êle nos noticia de muita coisa interessante, digna de registro<sup>62</sup>.

No Grande Ponto, grupos de políticos reuniam-se para as convenções partidárias da UDN e do PSD, agregando coronéis do interior do estado do Rio Grande do Norte e políticos da cidade de Natal<sup>63</sup>. Essas reuniões atraíam uma grande quantidade de repórteres, ávidos em desempenhar suas funções jornalistas.

O Grande Ponto e a esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata eram espaços que recebiam diariamente inúmeros boêmios, que chegavam aos bares a qualquer hora do dia. No entanto, era no final da tarde, após o encerramento do horário comercial, que os bares ficavam lotados.

O Grande Ponto e a esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata eram espaços visíveis e públicos que se contrapunham aos bares reservados, ambientes isentos dos olhares estranhos dos passantes. Quem desejasse ver quem estava bebendo teria de entrar no bar, pois da rua não era possível observar os fregueses do reservado. Os bares, os reservados das confeitarias e as casas de meretrícios eram espaços de sociabilidade vivenciados pelos boêmios que se reuniam com os amigos, prorrogando sua permanência até a madrugada.

## 2.1 A boemia e o mundo do trabalho

Observamos no capítulo anterior, tomando por base a obra do memorialista João Amorim Guimarães, *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal* (1999), que as mesas do Café, Bar e Bilhar Cova da Onça e do Bar Antártica eram ocupadas, durante o dia, por pessoas ansiosas para conversar a respeito de política e por comerciantes e compradores a fim

---

<sup>61</sup> PINTO, 1971, p. 36.

<sup>62</sup> CONVERSA. *A República*, Natal, 6 jul. 1956, s/p.

<sup>63</sup> Cf. GUILHERME, 1999, p. 34.

de realizarem seus negócios. Após as dez horas da noite, os boêmios tomavam conta do ambiente e festejavam a noite, “tomando cerveja ou grogues, devagar, com apetite moderado, achando mais gosto na prosa do que na bebida”<sup>64</sup>.

O livro *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal*, publicado pelo Departamento de Imprensa, em 1952, demonstra a visão dos intelectuais da década de 1950 no que concerne à definição de uma boemia em Natal. Guimarães era escritor, funcionário público e boêmio. Nessa obra, ele reconstrói aspectos da vida boemia da cidade de Natal nos anos de 1920 e 30, mas expõe as ideias de seu tempo vivido. Para o cronista, os boêmios eram homens que sabiam se comportar, bebiam sem fazer baderna, apreciando a noite sem excessos etílicos. Essa imagem de boêmio reflete a compreensão de Guimarães a respeito do que seria a boemia dos anos 50. Essa ideia é compartilhada por José Alexandre Garcia, em entrevista a Ticiano Duarte e Marcos Aurélio de Sá:

Em geral, se dá um mau conceito ao boêmio, mas, no meu entender, o boêmio é uma pessoa bem conceituada, trabalhadora e que frequenta os grandes ambientes. Fazer a noite em Natal ou qualquer outra grande cidade não é fácil. É preciso ser inteligente, saber conversar, dialogar. O elemento pernicioso não é boêmio e sim o cachaceiro, candidato potencial a uma cirrose hepática. O boêmio se cuida, alimenta-se bem, frequenta ambientes selecionados<sup>65</sup>.

José Alexandre Garcia, autor do livro *Acontecimentos e tipos da Confeitaria Delícia* (1985), era jornalista esportivo e despachante aduaneiro. Garcia atribuiu aos boêmios a condição de trabalhadores, diferenciando-os dos vagabundos e vadios, homens sem ocupação regular no mundo profissional. Os boêmios eram os frequentadores de espaços seletos, como a Confeitaria Delícia na Praça Augusto Severo. Essa casa comercial possuía, nos fundos, um bar que reunia um grupo distinto de boêmios, homens letrados e de negócios, que sabiam se expressar verbalmente. Garcia também difere o boêmio do elemento nocivo à sociedade. Esses são os cachaceiros e os farristas, sujeitos que bebiam o dia inteiro, não se alimentavam adequadamente, frequentavam as salas de jogos de azar e as casas de baixo meretrício. Tais lugares estão nas páginas policiais dos jornais de Natal, sendo visitados assiduamente por populares que, embriagados, envolvem-se em brigas e discussões, cometendo atos de violência. O álcool é tido como a causa maior das agressões. Essas situações eram repudiadas pela sociedade natalense. Nesse sentido, os memorialistas procuraram definir a boemia no

---

<sup>64</sup> GUIMARÃES, 1999, p. 135.

<sup>65</sup> GARCIA, 1995, p. 68.



mundo da ordem e do trabalho, diferenciando seus participantes dos vagabundos, esses vistos como prejudiciais à sociedade.

Nas décadas de 1930 e 40, o Estado Vargasista desencadeou uma política de elaboração e implementação de leis que regulavam o mercado de trabalho. Essa política define a questão social como demanda da segurança nacional, utilizando-se, para tanto, do discurso contra os comunistas, que resultou no Golpe de 1937 e na criação do Estado Novo<sup>66</sup>.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, promoveu uma intensa propaganda política do regime e da imagem do chefe do poder executivo (Getúlio Vargas). O DIP tinha a finalidade de centralizar e coordenar a propaganda nacional do regime do Estado Novo, realizar a censura à imprensa e às atividades culturais e organizar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico e educativo. Os instrumentos controlados e utilizados pelo DIP, como a radiodifusão e o jornal oficial impresso, foram essenciais para a divulgação da legislação trabalhista e de uma imagem positiva do trabalho. Esse era o elemento avaliador da integridade moral dos indivíduos e princípio orientador das ações do estado. Ao mesmo tempo, a ociosidade e a indolência constituíam uma agressão ao próprio estado, enquanto ameaça à ordem pública. A figura do malandro colocava em perigo o ideal de disciplinamento do trabalhador, pois escapava ao controle social e político do Estado Novo<sup>67</sup>. O vadio era confundido com marginais e impostores, elementos adversos à ordem do regime varguista. A boemia, a bebida e a noite eram elementos pertencentes ao mundo do malandro.

A ideologia de valorização do trabalho em detrimento ao ócio, construída durante a Era Vargas, perdurou na década de 1950. A imagem do bom chefe de família estava associada ao trabalho, ao catolicismo e à proteção da casa, da mulher e dos filhos. No jornal *A República*, artigos foram encontrados associando a bebida à violência doméstica e à desestruturação de famílias. Segundo o jornal *A República*, de 06 de agosto de 1949:

José Herculano Filho, conhecido pintor nesta capital, sempre que ingere muito álcool fica excessivamente exaltado. Ontem, à hora do almoço, Herculano chegou em casa meio “tocado” e por questões ligadas à família travou forte discussão com sua esposa Lindalva Borges. No auge da fúria, o pintor atira-se contra os objetos que vai encontrando e arrebenta-os sem piedade. A panela em que estava sendo cozinhado o almoço também não ficou intacta, tendo o caldo ido atingir a mulher, queimando-a [...] <sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> Cf. GOMES, 1994, p. 159-172.

<sup>67</sup> Cf. GOMES, 1994, p. 221-229.

<sup>68</sup> CRÔNICA Policial. *A República*, Natal, 06 ago. 1949, s/p.

José Herculano era um trabalhador, visto que exercia a sua atividade de pintor. No entanto, não cumpria integralmente com o seu dever de chefe de família. Ao invés de proteger, ele agredia. Nesse caso, a causa da agressão não era a ociosidade, mas a bebida. Os adeptos de uma propaganda antialcoólica nos meios de comunicação, tais como os jornais impressos e o rádio, defendiam que o álcool causava a perda da saúde do corpo e da mente. Os filhos de alcoolistas são predispostos a terem crises de convulsões, a contraírem a loucura e a cometerem crimes. A partir da década de 1930, a preocupação com a saúde física e psíquica do trabalhador constituía uma realidade. Os setores ligados à educação divulgavam valores a exemplo da disciplina, da valorização da família e do culto ao trabalho. A boemia divulgada nos livros de memória buscava um alinhamento com os valores da ordem e do mundo do trabalho, diferenciando as práticas boemias dos intelectuais, de meados do século XX, dos comportamentos de bêbados e vadios.

## **2.2 A Confeitaria Delícia**

Segundo João Amorim Guimarães, “Café seria qualquer casa de diversão onde se vendesse café ou bebida. Assim o Bar e Restaurante estava também nessa classificação”<sup>69</sup>. Tanto os cafés quanto os bares e os restaurantes vendiam cafés, cervejas, grogues, aguardentes, fritadas de camarão ou de caranguejo, petiscos de galinha ou de carne de porco. Já os estabelecimentos que se denominavam bilhar, possuíam salão de bilhar. As confeitarias foram instituídas com a função de comercializar artigos de confeitaria e lanches. Eram lugares frequentados por famílias e estudantes que paravam para comprar bombons, “confeitos” e doces.

A Confeitaria Delícia encontrava-se na Praça Augusto Severo, nº. 81. A firma foi registrada na Junta Comercial do estado em 14 de setembro de 1940 pelo chileno Jacob Lamas e o italiano Amadeu Grandi, sócios no estabelecimento, criado com objetivo de comercializar artigos de confeitaria. O capital utilizado na abertura do negócio foi de cinco contos de réis, sendo dois contos e quinhentos mil réis aplicados por Lamas e dois contos e quinhentos mil réis investidos por Grandi. Os lucros ou prejuízos conferidos na contabilidade eram, anualmente, de responsabilidade de ambos sócios. O investimento empregado nesse negócio era modesto, em comparação ao capital utilizado na ocasião da abertura do Café, Bar e Bilhar Cova da Onça em 1916, equivalente a dez contos de réis.

---

<sup>69</sup>Cf. GUIMARÃES, 1999, p. 139.

O imóvel, onde foi estabelecida a firma Lamas & Grandi, consistiu em um espaço físico de poucos metros quadrados, situado na Ribeira. Na década de 1940, a Praça Augusto Severo era lugar de passagem para quem se dirigia às lojas da Rua Doutor Barata. Os estudantes da Escola Doméstica de Natal e do Grupo Escolar Augusto Severo compareciam à Confeitaria Delícia para comprar confeitados e chocolates. A casa comercial era um bom negócio, seus proprietários obtinham bons lucros.

De acordo com o contrato estabelecido na Junta Comercial do estado do Rio Grande do Norte, a gerência da Confeitaria Delícia deveria ser exercida por ambos societários, que administrariam o negócio em comum acordo. No entanto, Lamas e Grandi não dirigiam seu estabelecimento, deixando o negócio nas mãos de empregados. O primeiro era alfaiate e o segundo representante comercial de empresas sediadas no sul do país<sup>70</sup>. A sociedade foi dissolvida em 14 de janeiro de 1942.

Ainda no início da década de 1940, a empresa foi comprada por Sinval Duarte Pereira, que empregou Olívio Domingues da Silva na condição de gerente. Durante sua administração, a casa comercializava mercadorias de boa qualidade, a exemplos de bombons, chocolates, frutas, presuntos, queijos, vinhos e outras bebidas, produtos nacionais e importados. No período da Páscoa, a confeitaria vendia ovos de chocolate, vinhos e caixas de bacalhau. Nas festas de fim de ano, eram comercializadas cestas de Natal, perus, vinhos portugueses, caixas de uvas, maçãs, peras, pêssegos, ameixas, castanhas portuguesas, castanhas do Pará, nozes, bombons sortidos, chocolates finos, queijos de minas, *wafers*, presunto, sardinhas e outros produtos importados. Durante a gerência de Olívio, foi aberto o reservado nos fundos da casa, que funcionava como bar, contando com três mesas, cada uma com quatro cadeiras, transformando a Confeitaria Delícia, nos anos de 1940, 50 e 60, em um espaço da boemia natalense.

Em 1948, Olívio Domingues adquiriu o estabelecimento por cento e vinte mil cruzeiros. O bar da Confeitaria Delícia reunia intelectuais, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo, artistas, tais como Newton Navarro e o Alcides Cicco, comerciantes de Natal, como Amaro Mesquita e Osvaldo Medeiros, e funcionários da Recebedoria de Rendas, da Delegacia Fiscal, dos Correios, da Alfândega e do Banco do Brasil. Nenhum documento foi encontrado na Junta Comercial do Rio Grande do Norte sobre a compra da Confeitaria Delícia por Sinval Duarte Pereira e por Olívio Domingues, constituindo o livro *Acontecências e Tipos da Confeitaria Delícia* (1985) nossa principal fonte de informações.

---

<sup>70</sup> Cf. GARCIA, 1985, p. 16.

A Confeitaria Delícia era mais dedicada ao comércio de artigos de confeitaria e de produtos importados do que ao serviço de bar. O reservado de Olívio Domingues era um lugar frequentado por intelectuais, comerciantes e funcionários públicos da cidade do Natal, homens de comportamentos adequados aos padrões desejados pela sociedade natalense. A clientela do ambiente era conhecida pelo dono da casa. Nas conversas sobre política, futebol ou mesmo banalidades do dia a dia, Olívio sempre participava, opinando ou sorrindo. Ele mantinha uma relação de amizade com muitos de seus fregueses. Em dias de festa na cidade, “Olívio abria meio contrariado, o olho na freguesia desconhecida, os bêbados que dormiam nas mesas, emporcalhavam o sanitário e que, a qualquer descuido, dava o fora sem pagar”<sup>71</sup>. O dono da Confeitaria Delícia preferia seus habituais clientes. Segundo Garcia, os reservados eram abertos em estabelecimentos de estiva e em confeitarias porque era feio beber em Natal, “[...] mesmo que fosse uma simples cerveja; ao contrário de Recife, onde os bares serviam os fregueses nas calçadas [...]”<sup>72</sup>.

O estabelecimento de Olívio era um lugar pequeno, com apenas uma porta. Na frente, havia um balcão que servia os clientes (que realizavam suas compras e depois iam embora) quase na calçada. Nos fundos, estava o bar, “secreto”, escondido por cortinas, constituindo um ambiente antagônico ao primeiro. O reservado era um espaço masculino e privado, apropriado pelos grupos sociais que o ocupavam. A entrada da confeitaria era um lugar voltado para a rua, portanto, próxima da esfera pública, considerando a calçada um elemento intermediário entre o imóvel e a rua. Esta é vista como lugar de passagem, permitindo o trânsito do indivíduo ao trabalho, a casa, às compras ou ao bar. Alguns boêmios, a exemplo do cronista Newton Navarro, não temiam beber em público, mas outros preferiam os reservados, lugares fechados, privados, resguardados dos olhares estranhos dos caminhantes.

---

<sup>71</sup> GARCIA, 1985, p. 31.

<sup>72</sup> GARCIA, 1985, p. 55.

Figura 09: Luís da Câmara Cascudo e amigos no reservado da Confeitaria Delícia



O ambiente é pequeno e apertado. A mesa está bem próxima às prateleiras.

Fonte: Fotografia de Jaeci Galvão. Disponível em: <http://elfikutten.blogspot.com.br/2012/04/camara-cascudo-uma-conversa-sobre.html>. Acesso em: 07 fev. 2012.

A partir do início do século XX, com a chegada da eletricidade a Natal, a noite proporcionou a organização de significativos negócios. Os bares, cafés, cinemas, teatros, confeitarias e casas de meretrícios passaram a movimentar a economia da capital potiguar. Dessa forma, a noite deixou de ser apenas um momento de descanso e passou a relacionar-se com as atividades de lazer. Os bares, confeitarias e cafés da cidade de Natal eram locais de reunião com amigos, que nos seus momentos de folga do trabalho, reuniam-se para os bate-papos no Grande Ponto (Cidade Alta) e nas ruas e esquinas do bairro da Ribeira.

Na Confeitaria Delícia, os boêmios consumiam cachaças, cervejas, uísques, macieira, vinhos, conhaques e grogues. As bebidas eram acompanhadas de pratos de queijos, salames, empadas, pastéis, entre outros aperitivos. Olívio tinha uma latinha na qual depositava os pedidos dos clientes que, em sua maioria, “pendurava a conta”, ou seja, consumia bebidas, comidas e cigarros para depois pagar, mais precisamente no final do mês, quando recebiam seus salários. Essa situação era possível porque havia uma relação de confiança entre o dono do estabelecimento e seus fregueses. Esses eram homens da elite intelectual e política que tinham condições de saldar suas dívidas quando recebiam seus salários ao final do mês, pois estavam integrados ao mundo do trabalho. Além disso, vender “fiado” era uma maneira de garantir a freguesia, quando essa não tinha condições de pagar a conta no momento de deixar o bar. Nessas circunstâncias, os proprietários de bar e estabelecimentos de estivas costumavam acrescentar despesas que não foram realizadas por clientes. A freguesia da

Confeitaria Delícia, em tons de brincadeiras, acusava Olívio de aumentar os gastos, embora o memorialista José Alexandre Garcia (1985, 1995) garantisse que o dono da Confeitaria Delícia era honesto quanto às anotações na caderneta.

A freguesia da Confeitaria Delícia era composta por grupos de amigos que se encontravam assiduamente no estabelecimento, mantendo relações pessoais com o dono da casa. Na confeitaria, os boêmios conversavam sobre as fofocas do dia a dia, os casos passionais, os resultados dos jogos de futebol, as ocorrências policiais, as farras, os filmes, os escândalos e a política do estado do Rio Grande do Norte. Contavam anedotas, cantavam e brincavam, ou seja, era um espaço festivo das relações interpessoais. Segundo Garcia:

Bar é sinônimo de alegria e alegria requer música, violão, seresteiro, sanfoneiro, poesias. Zé Menininho, ali, fazia ponto [...]. Podia não tocar bem, mas o seu jogo de cena, as caretas, os trejeitos completavam a execução e valiam o espetáculo. Foi o precursor do atual cantor de televisão. Os que não cantam nada, mas como se remexem!<sup>73</sup>

O sanfoneiro Zé Menininho tocava em praias da cidade de Natal e no bar de Olívio sempre que era requisitado pelos fregueses. Além dele, compareciam, na Confeitaria Delícia, violonistas, a exemplo de Roldão Botelho, o intérprete de bolero, Antônio Cabral de Brito, e o Lobisomem da Redinha. Esse cantava um repertório à base do saudosismo, as canções de Vicente Celestino, Gastão Formanti e Augusto Calheiros. A música não faltava para animar os encontros na Confeitaria Delícia, constituindo um elemento da boemia natalense da década de 1950. Outros estabelecimentos, a exemplo da casa de meretrício de Maria Boa, também contratavam músicos para animar a noite.

No livro *Acontecências e tipos da Confeitaria Delícia* (1985), José Alexandre Garcia escreve, de forma romantizada, os acontecimentos ocorridos na casa comercial de Olívio Domingues da Silva que marcaram sua memória. O autor transmite a ideia de que as relações interpessoais estabelecidas nesse espaço boêmio eram cordiais e harmoniosas. No entanto, seus fregueses bebiam e discutiam diversos assuntos, entre esses, futebol e política. No ano de 1960, as rivalidades políticas entre os partidários do deputado federal Aluízio Alves e os do governador Dinarte Mariz ficaram acirradas após esse último indicar o nome de Djalma Marinho a candidato, pela UDN, a governador do estado de Rio Grande do Norte. Aluízio Alves saiu candidato pelo PSD, formando com o PTB, PDC e a dissidência da UDN uma coligação denominada *Cruzada da Esperança* e venceu essas eleições. No momento de

---

<sup>73</sup> GARCIA, 1985, p. 34.

discussão política e defesa de seus candidatos, os ânimos ficavam exaltados, chegando a desencadear atitudes extremas. As vésperas de clássicos do futebol, como as partidas entre ABC e América, também entusiasmavam os clientes dos bares e reservados das confeitarias a discutirem acerca da modalidade e defenderem seus clubes esportivos. Dessa maneira, as relações interpessoais apresentavam-se harmoniosas em alguns momentos, mas, em outros, tornavam-se conflitantes.

### 2.3 A sociedade dos irmãos Miranda

Em 1951, a firma Miranda & Irmãos Ltda., organizada pelos irmãos Múcio Miranda, Aldemar Miranda e Rossini Miranda, registrou, na Junta Comercial do estado do Rio Grande do Norte, três casas comerciais: a Confeitaria Helvética (Matriz), situada na Rua João Pessoa, nº. 162, no Grande Ponto (Cidade Alta), o Bar e Confeitaria Cisne (Filial), também na Rua João Pessoa, nº. 163, e a Confeitaria Avenida, na esquina da Rua Doutor Barata com a Avenida Tavares de Lira. O capital investido no negócio foi de 100.000 cruzeiros, dividido em 100 cotas de mil cruzeiros. Múcio Miranda contribuiu com 50.000 cruzeiros, possuindo, assim, 50 cotas. Aldemar Miranda investiu 30.000 cruzeiros, tendo 30 cotas em seu nome e Rossini Miranda, com a quantia investida de 20.000 cruzeiros, ficou com 20 cotas. Diante dessa divisão, Múcio tinha o direito de exercer sua atividade nas três casas comerciais, acumulando 50% dos lucros, enquanto Aldemar gerenciava a Confeitaria Helvética e Rossini a filial Bar e Confeitaria Cisne. A Confeitaria Avenida era gerenciada por Inácio Antunes de Oliveira. Esse estabelecimento é citado por Djalma Maranhão, denominando-o Expresso 56, como mostra a crônica da coluna intitulada *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*, de 20 de março de 1949: “no café expresso da negra Ana, em certos momentos não existe vaga de espécie alguma. A *colored* é jeitosa e ativa e tem bossa e sua freguesia é imensa”<sup>74</sup>. A “negra Ana” era a funcionária da Confeitaria Avenida que operava a máquina de café expresso. Isso mostra que essa confeitaria já estava em pleno funcionamento em 1949, dois anos antes de ser registrada na Junta Comercial do estado do Rio Grande do Norte.

A Confeitaria Avenida ocupou um papel importante na sociabilidade natalense. A casa estava situada na esquina de dois logradouros movimentados da Ribeira (a Avenida Tavares de Lira e a Rua Doutor Barata), devido ao comércio do bairro, que se prolongava até a hora

---

<sup>74</sup> MARANHÃO, 2004, p. 22.

do fechamento das portas das lojas e repartições. Constituía um lugar de grande circulação de pessoas que buscavam o local a fim de conversar e debater a respeito das últimas novidades, como os negócios realizados, os últimos acordos políticos, notícias trazidas por um viajante proveniente do sertão e os resultados das partidas de futebol.

O Expresso 56, nome pelo qual era conhecida a Confeitaria Avenida, tinha um reservado com uma entrada na Avenida Tavares de Lira e outra na própria casa, que tinha à frente Inácio Antunes, gerente do estabelecimento. Esse lugar possuía poucas mesas e cadeiras, mas era bem frequentado e muita gente bebia em pé. Esse reservado possuía uma “porta de vai e vem para rua”<sup>75</sup>. Esse fato o difere do reservado da Confeitaria Delícia, que se localizava ao fundo do estabelecimento, sugerindo a ideia de se esconder para beber. Ao contrário, a “porta de vai e vem voltada para rua” sugere certa abertura e pouca preocupação de se beber escondido.

O contrato de sociedade mercantil, firmado pela razão social Miranda & Irmãos, refere-se à confeitaria situada na Rua João Pessoa, nº. 163, nomeada Bar e Confeitaria Cisne, mostrando que o estabelecimento já fora criado com o intuito de comercialização de bebidas. Segundo Protásio de Melo, o Bar e Confeitaria Cisne era um “local bonito, elegante e moderno, onde era explorado o ramo de Confeitaria na parte da frente, e, ao fundo, imenso serviço de bar [...]”. Ainda Protásio: “havia de tudo na Cisne, e bebia-se de tudo. Os ricos pediam *whisky* estrangeiro e a população média tomava rum, conhaque, cachaça. Mas a preferência era pela cerveja”<sup>76</sup>. Mais uma vez aparece a ideia de usar o espaço privado para beber. Aqueles que não queriam ser vistos, usavam o espaço do reservado. Os frequentadores do bar eram: professores, literatos, jornalistas (Luís da Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo), médicos, bacharéis, funcionários públicos (João Medeiros Filho) e militares graduados (General Leitão). Além desses, citamos José Aguinaldo Barros, Pelusio Melo, João Machado, membros da Federação de Futebol e de outras entidades esportivas.

---

<sup>75</sup> MARANHÃO, 2004, p.23.

<sup>76</sup> MELO, 2002, p. 128.



Figura 10: Interior da Confeitaria Cisne



Ao centro, Berilo Wanderley. À direita, o juiz Caio Pereira.  
Fonte: <http://bwmemoria.blogspot.com.br/2011/01/o-canto-do-cisne.html>.

O reservado dessa casa era frequentado por aqueles homens que saíam do trabalho e se dirigiam ao Grande Ponto, trecho compreendido entre a Rua João Pessoa, a Avenida Rio Branco e a Rua Princesa Isabel, situado no bairro da Cidade Alta. O Grande Ponto era um ponto de encontro que reunia os habitantes da capital potiguar, em busca de informações sobre a cidade, o estado e o país, obtidas por meio do noticiário da *Hora do Brasil* e das conversas entre amigos nos bares, confeitarias, sorveterias e nas esquinas.

#### 2.4 Os bares e as casas de meretrício

Djalma Maranhão, em sua crônica publicada no *Diário de Natal*, de 20 de março de 1949, assim se refere a um logradouro da Ribeira: “O beco transversal, chamado Travessa Venezuela, é meio bas-fond, parecido um antro. O jogo campeia nas salas traseiras, separadas por ‘paredes de pano’ e as ‘rodadas’ se sucedem”. E sobre o cardápio servido, completa: “Existem sempre galinha, uma posta de peixe e às vezes peru e muito farrista almoça e janta por lá mesmo [...]”<sup>77</sup>.

Alguns bares possuíam um espaço privado, para o exercício de jogos de azar. O presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, através do Decreto nº. 9.215, publicado no Diário Oficial da União de 30 de abril de 1946, extinguiu o exercício ou a exploração desses jogos no território brasileiro. Essa lei não abriu exceção a qualquer tipo de jogo de azar, nem permitiu concessões a casas domiciliares, bar, hotel, sede de associações, café ou cabaré. No

<sup>77</sup> MARANHÃO, 2004, p. 23.

entanto, a referência de Djalma Maranhão à existência clandestina desse tipo de jogo nos salões de estabelecimentos comerciais de Natal indica que a prática ilegal desse vício era uma realidade em Natal. O combate a essa irregularidade era de competência da polícia, que parecia negligenciar a existência da contravenção. Apesar disso, a infração não podia ser cometida aos olhos da sociedade. Fazia-se necessário esconder-se, fechar-se a quem caminhava na calçada; e o espaço reservado cumpria esse papel.

Na Travessa Venezuela, encontramos o Bar da Gilda, frequentado por trabalhadores pobres e tipos populares (a exemplo de Nestor Antônio dos Santos, um ébrio assíduo e morador de rua), que todas as noites consumiam muitos copos de cachaça. Nessa mesma via, funcionou um dos mais famosos cabarés de Natal, o Arpérge. Os bares, muitos deles frequentados por um homem acompanhado de uma meretriz, eram diferentes das pensões alegres. O bar era apenas o bar, onde havia mesas, cadeiras, um balcão, bebidas e “tira-gostos”. Durante o dia, os bares também funcionavam como restaurantes, servindo refeições.

Muitos bares do bairro da Ribeira ou das áreas suburbana diferiam bastante de ambientes mais sofisticados, como por exemplo, da Confeitaria Cisne e da Confeitaria Delícia. A categoria social, dependente das condições físicas ou da qualidade das mercadorias comercializadas, constituía uma variável de diferenciação das casas de bebidas. Os fregueses do botequim estavam diariamente no lugar consumindo bebidas e comidas, possuíam um baixo nível de instrução e de poder aquisitivo. O botequim é a casa de bebida que apresenta maior número de fregueses assíduos, como mostra a seguinte citação: “No botequim, a assiduidade dos fregueses é de tal ordem, que em muitos casos o botequim depende deles para sobreviver, tal é sua participação na renda do estabelecimento”<sup>78</sup>. O botequim é o bar frequentado pela população pobre, trabalhadores do cais do porto, biscateiros ou moradores de rua, que compareciam ao lugar quase diariamente para beber e fazer suas refeições. As fontes não nos permitiram avançar numa discussão a respeito da boemia das camadas populares, que ocorria nas zonas de baixo meretrício (Ribeira), nos bares do Beco da Lama (Cidade Alta), nos botequins do Canto do Mangue (Rocas) e nos botecos situados no Cais da Avenida Tavares de Lira e nos bairros da Ribeira e do Alecrim.

As casas de meretrício possuíam bares e quartos, nos quais o sexo pago era consumido. Além disso, constituíam residências para as mulheres que trabalhavam na casa, a exemplo do Wonder Bar, situado na Rua Chile, nº. 106; da Pensão Ideal, na Rua Almino Afonso, de Dona Nena; do Arpérge, na Rua Chile com a entrada na Travessa Venezuela, nº. 36, pertencente a

---

<sup>78</sup> SILVA, 1978, p. 84.

Dona Francisquinha Edite da Silva; a 13 de maio na Almino Afonso, a Pensão Rosa de Ouro, na Almino Afonso com a Ferreira Chaves, nº. 158, de D. Maria Rosa; a Pensão Alabamba, de Zefa Paula, na Rua Ferreira Chaves, de frente à antiga sede da Delegacia de Roubos e Furtos; e a Pensão 15 de Novembro.

O mais famoso cabaré de Natal foi a Casa de Maria Boa. Era um estabelecimento de luxo, o melhor da capital potiguar. A proprietária, Maria Oliveira Barros, chegou a Natal vinda de Campina Grande, com vinte anos, na década de 1940, período em que os americanos estavam em Natal em virtude da Segunda Guerra Mundial. A casa de Maria Boa ficava no bairro da Cidade Alta, próxima ao baldo, na Rua Padre Pinto e nas imediações do atual prédio da Cosern. A casa hospedava prostitutas, muitas vindas do sul do país, que eram contratadas para trabalhar. O quadro de funcionárias era sempre renovado, de modo a manter mulheres belas e atraentes. No período posterior à Segunda Guerra Mundial, o cabaré continuou a receber os homens mais ricos e poderosos da cidade de Natal. Nas palavras do memorialista Ary Guerra Lima:

O Professor Antônio Pinto de Medeiros, frequentador assíduo do cabaré, costumava dizer que o estado do Rio Grande do Norte era governado em Maria Boa, que era o único lugar onde se encontravam os Secretários de Estado, Deputados e Diretores de repartições, para discutir os problemas de Estado<sup>79</sup>.

Os homens de melhor condição social, como as autoridades da administração pública e do poder legislativo do estado do Rio Grande do Norte, magistrados e empresários, frequentavam o ambiente. Os rapazes e senhores de menos recursos financeiros visitavam as casas de meretrício da Ribeira.

---

<sup>79</sup> LIMA, 2008, p. 63.

Figura 11: Fotografia de Maria Oliveira Barros



Fonte: <http://revistacatorze.com.br/2010/a-maria-de-todos-os-homens>.

Não há registros na Junta Comercial das casas de meretrício de Natal. Devido a isso, restou-nos analisar os textos das páginas policiais dos jornais natalenses. Nas páginas de *A República* são recorrentes as situações em que os atos de violência têm relação com o estado de embriaguez e o baixo meretrício, a exemplo da Crônica Policial, de 07 de agosto de 1949:

Às 16:30 de anteontem, aproximadamente, na Pensão Ideal, à rua Almino Afonso, se achava o soldado da Base Aérea de nome Manuel Vitalino de Souza, em companhia de outro colega de corporação e ainda do civil Antonio Ferreira de Souza. Em dado momento, em virtude do estado de embriaguez em que os mesmos se encontravam, começa uma forte discussão entre o soldado Vitalino e o civil Antonio Pereira, tendo este, em luta corporal, ferido o seu contender com uma cadeira, atingindo a região do couro cabeludo. Antonio Pereira foi preso em flagrante [...]<sup>80</sup>.

Os bares e as casas de meretrício da Ribeira aparecem nas crônicas policiais como lugares de violência. As crônicas policiais de 1949 e as ocorrências policiais de 1956 mostram o álcool como causa de agressões nos botequins e nas casas de meretrício. Os indivíduos que cometem violência, quando identificados, são populares (pintor, pedreiro, soldado de polícia em dias de folga) que estão sempre embriagados, e geralmente são recolhidos pela polícia por agredirem um amigo ou uma prostituta.

O cronista Siqueira de Medeiros escreveu sobre o crescimento do alcoolismo em Natal, no Brasil e no mundo, afirmando que, em todas as camadas sociais, o alcoolismo estava

---

<sup>80</sup> CRÔNICA Policial. *A República*, Natal, 07 ago. 1949, s/p.

presente, apresentando-se como o maior responsável pelos crimes cometidos. O governo do estado do Rio Grande do Norte é acusado pelo jornalista de ser conivente com essa situação do alcoolismo, pois permite o comércio de bebidas alcoólicas, beneficiando-se desse por meio da cobrança de impostos<sup>81</sup>. Essa matéria de jornal permite entender a preocupação dos natalenses com o alcoolismo enquanto problema social. A bebida alcoólica é vista como pertencente ao mundo da desordem e dos vagabundos, avesso ao mundo do trabalho e da ordem. Nas pensões alegres e nos bares populares da capital potiguar, as agressões cometidas contra meretrizes e frequentadores desses ambientes eram uma realidade. Segundo o jornal *A República*, no domingo do dia 5 de agosto, Epitácio Nunes estava perambulando pelos bares e botequins do Alecrim na companhia da meretriz Nazaré Inácio da Silva. Embriagado, o homem discutiu e atacou a sua acompanhante com socos e dentadas. Populares comunicaram o caso à polícia, que prendeu o agressor<sup>82</sup>.

Nessas reportagens policiais não encontramos nenhuma referência a envolvimento de boêmios com brigas. Os livros de memória referem-se aos boêmios como trabalhadores, homens de ocupação fixa, jornalistas, intelectuais e funcionários públicos. As pensões alegres, os reservados das confeitarias e os bares eram locais frequentados por boêmios. Nesses ambientes, as bebidas consumidas pelos homens da noite eram a cerveja, a cachaça acompanhada de limão, caju ou outra fruta, o gim, o vermute e o uísque, dependendo de sua condição social. Os mais abastados pediam uísques e os mais pobres consumiam cachaças. Sua bebida podia vir acompanhada de petiscos, a exemplo de posta de peixe, peru, carne seca com feijão-verde, galinha de cabidela ou a tradicional galinha caipira.

Os botecos do bairro da Ribeira se confundiam com as casas de meretrício. À noite, as ruas e travessas da Ribeira eram vivenciadas por farristas, moradores de rua, boêmios e prostitutas, senhores e senhoras dominantes das artérias desse antigo bairro natalense. Após o encerramento do expediente (das 7h às 11h e das 13h às 17h) dos funcionários das casas comerciais e dos servidores públicos, desaparecia o movimento do comércio e a intensa circulação de pessoas pela Ribeira. Nesse bairro, passavam a transitar indivíduos frequentadores dos bares, a exemplo do reservado da Confeitaria Delícia, e dos botecos no Cais da Avenida Tavares de Lira. Nas últimas horas da noite, o destino seria as casas de meretrício da cidade de Natal e bares que ficavam abertos durante as vinte e quatro horas do dia.

---

<sup>81</sup> Cf. COLUNA Jurídica. *A República*, Natal, 23 set. 1956, s/p.

<sup>82</sup> Cf. OCORRÊNCIAS Policiais. *A República*, Natal, 07 ago. 1956, s/p.

O bairro da Ribeira abarcava espaços destinados à prostituição e à prática de jogos de azar. As pensões alegres da Ribeira, algumas mais requintadas e outras mais modestas, eram frequentadas por jovens e velhos, marinheiros brasileiros e estrangeiros, cujos navios atracavam no Porto de Natal. No entanto, o bairro também possuía lugares destinados ao comércio de mercadorias importadas, como o Bar Natal, situado na Rua Doutor Barata, nº. 166. Sobre esse estabelecimento, *A República* apresenta o seguinte anúncio:

#### BEBIDAS

Aos melhores preços, oferece o BAR NATAL:  
Whisk Schenley, Four Roses, Canadian, Golp Top, V.O e W. Horse Rhum  
Lord, Gim Vitory e Aschlas e demais bebidas, não compre sem consultar os  
nossos preços.  
Rua Dr. Barata, 166 – telefone 1924. O maior estoque da praça<sup>83</sup>.

O anúncio tornou-se curioso, em virtude do fato de se tratar da propaganda de um bar publicada no jornal oficial do estado. Nas décadas de 1940 e 50, essa situação era raríssima. Nas consultas aos exemplares de *A República*, dos anos de 1946, 48, 49, 50, 56, 57 e 58, esse estabelecimento foi o único a fazer publicidade de bebidas importadas, como uísques, rum e gim. Diferia, portanto, de lugares que serviam cachaças baratas e refeições a populares da capital potiguar. Outro anúncio do Bar Natal, que aparece e se repete por dois meses nos exemplares de *A República*, diz respeito à venda de uma casa, situada na Rua General Osório, nº. 218, no bairro da Cidade Alta. O imóvel era um ambiente com muitos compartimentos: uma sala, cinco quartos, um banheiro, uma cozinha, uma entrada para carros, um quintal e dois alpendres, indicando o potencial financeiro do dono do bar.

O Bar Bolero foi um estabelecimento situado na Avenida Rio Branco, de frente ao Cinema Rex. Aderbal de França, na sua coluna intitulada *No Lar e na Sociedade*, escreveu a crônica *O Bolero*. No texto, o cronista afirma ser o Bar Bolero um estabelecimento “decente, moderno, amplo e bem ajustado às conveniências sociais”<sup>84</sup>, sem agitações e devaneios. Refere-se ao lugar como agradável e requintado. O texto de Aderbal de França sugere uma referência aos bares sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, na cidade do Natal, especialmente no bairro da Ribeira, vistos como lugares desprezíveis e pervertidos. O cronista diz que o *Bolero* representa uma

---

<sup>83</sup> BEBIDAS. *A República*. Natal, 01 jan. 1946, s/p.

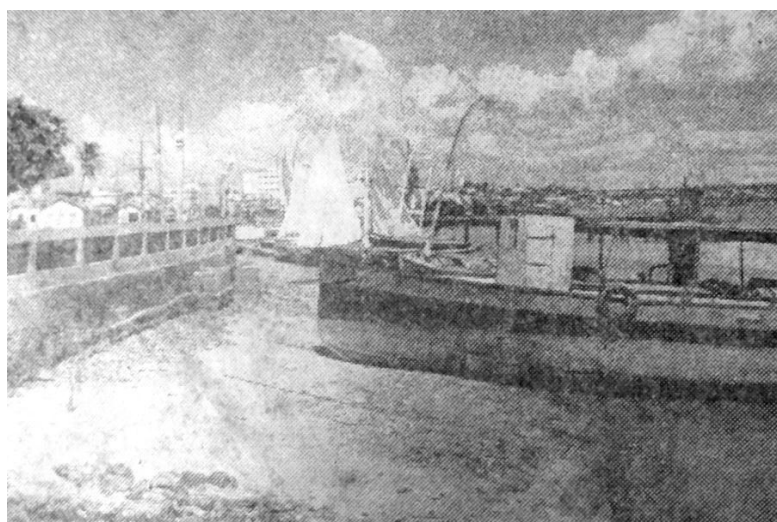
<sup>84</sup> FRANÇA, *A República*, Natal, 22 ago. 1946, s/p.

Mudança de uma velha e caduca expressão estrangeira [...] [o bar]. Viveu algum tempo mais viveu mal e por último perdera a sensibilidade das coisas vivas. Veiu, então, alguém [Rui Araújo] para remodela-la. Foi seu próprio criador [...]. [O Bolero] deixou de ser um nome americano para evocar uma linda tradição hespanhola<sup>85</sup>.

Nessa passagem, o jornalista diferencia o *Bolero* dos estabelecimentos fundados na cidade de Natal à época da Segunda Guerra Mundial. Esses lugares referenciados são os bares e cabarés que funcionavam até altas horas da noite, situados nas ruas e travessas do bairro da Ribeira.

Newton Navarro escreveu no jornal *A República*, em 23 de agosto de 1956, a crônica *Peixe*, descrevendo um restaurante e afirmando ter sentado em uma mesa com um amigo para apreciar um delicioso peixe, ter bebido algumas taças de vinho, observando poeticamente o rio Potengi, o mar, o vento, as moças, os cheiros e os sabores, elementos sempre presentes em suas crônicas<sup>86</sup>. Tratava-se da Peixada da Comadre, aberta em 1931, por Isaura Pereira da Silva, à Rua São João 1, no Canto do Mangue, bairro das Rocas. Na década de 1950, o estabelecimento funcionava das 18 às 22 horas e era frequentado por políticos, empresários, funcionários públicos, jornalistas, intelectuais e integrantes de outros segmentos da sociedade natalense. A especialidade da casa era o peixe cozido com pirão, mas comercializavam-se bebidas alcoólicas, como vinho, cachaça, cervejas e uísques.

Figura 12: O canto do Mangue, no bairro das Rocas



Fonte: *A República*, Natal, 01 jul. 1958, s/p.

<sup>85</sup> FRANÇA, *A República*, Natal, 22 ago. 1946, s/p.

<sup>86</sup> Cf. NAVARRO, *A República*, Natal, 23 ago. 1956, s/p.

Outro espaço da boemia na Ribeira foi o Taboleiro da Baiana, que funcionou nas décadas de 1940 e 50, na Praça Augusto Severo. O bar não possuía portas, permanecendo aberto vinte e quatro horas do dia. Os fregueses procuravam o bar para beber e conversar acerca dos mais variados assuntos. As meretrizes, após o encerramento de seu expediente, compareciam aos bares abertos durante a madrugada com a finalidade de fazer um lanche ou uma última refeição. Na Peixada Potengi, situada na Avenida Tavares de Lira, os boêmios chegavam para comer e tomar uma cerveja, uma dose de conhaque, umas taças de vinho ou algumas doses de uísque. A casa ficava aberta 24 horas por dia. Na madrugada, recebia homens e meretrizes dispostas a fazerem a última refeição antes do descanso. Bares que permaneciam abertos 24 horas por dia eram, muito provavelmente, o último ponto de parada dos boêmios que saíam de bar em bar, até amanhecer, em busca de bebidas, conversas e diversão.

## 2.5 Clube Carneirinho de Ouro

Na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata situava, no bairro da Ribeira, no primeiro andar do prédio da Confeitaria Avenida, nº. 54, o Clube e Bar Carneirinho de Ouro. Instituído no dia 8 de agosto de 1936, o clube constituía uma sociedade civil, recreativa, esportiva e beneficente. Era frequentado por pessoas modestas – operários, carpinteiros, comerciários, funcionários públicos –, mas também médicos, comerciantes e bacharéis. Seus fundadores foram José Augusto de Freitas, Eugênio Silva, Manoel Avelino do Amaral, João Accioly, Severino Fenizola, Aristófanés Renan de Trindade, João de Almeida Barbalho, Hermes Marques Amorim e José Cavalcante Peixoto. As reuniões em sua sede eram frequentes, com a prática do jogo de gamão, dominó, xadrez, sinuca, bilhar etc. O clube tinha um time de futebol, que disputava partidas com times locais. O auge desse estabelecimento ocorreu nas décadas de 1940, 50 e 60. Em *A República*, o cronista Newton Navarro definiu o Carneirinho de Ouro:

O “Carneirinho” é mais que um bar, é um clube. Se oferece refúgio também auxíla. Dá cobertura a uma grande quantidade de sócios. Oferece-lhes prêmios e depois da morte, ainda paga um auxílio a família do associado. Como vêem, é um mundo maior do que um bar propriamente dito. Não fecha as portas mal o sujeito dali arrede os passos. Não. Protege-o na ausência, ajuda-o até depois que os sete pesados palmos de terra cobrem-lhe o corpo<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> NAVARRO, *A República*. Natal, 16 jun. 1957, s/p.



O objetivo da fundação do Clube e Bar Carneirinho de Ouro era promover a recreação, a prática esportiva e a ajuda mútua entre os sócios. Os associados tinham direito ao *plano de beneficência*, desde que estivessem quites com suas mensalidades. O benefício consistia no auxílio funeral, ou seja, o pagamento de uma quantia aos herdeiros dos falecidos, mediante apresentação do atestado de óbito, no sorteio mensal de dois prêmios em dinheiro e no auxílio de assistência médica, correspondente a 50% do valor da consulta. O sócio ainda poderia contratar um empréstimo ao clube<sup>88</sup>.

O Carneirinho de Ouro era uma agremiação seleta, fechada, e não admitia qualquer pessoa na instituição. Os pretendentes a sócios faziam uma petição à diretoria, que se reunia para decidir se o indivíduo seria aceito ou não no clube. Diferenciava-se da tradicional organização dos bares, abertos a todos que desejavam sentar nas mesas, conversar com os amigos e consumir bebidas e petiscos. As mulheres não tinham acesso ao Carneirinho de Ouro, era um espaço exclusivamente masculino.

Os encontros no clube eram excelentes oportunidades para a realização de negócios e acordos políticos. Falando sobre Simplício Cristino, Maranhão traça o seguinte perfil: “[...] corretor, vereador e boêmio [...] eleito para a Câmara Municipal pelos bebedores de cerveja do Carneirinho de Ouro e do Eldorado, dois bares famosos, cujo eleitorado Simplício controla e em cujas mesas realiza importantes transações”<sup>89</sup>.

As amizades firmadas nas reuniões e encontros, durante as partidas de bilhar e entre os copos de cervejas, provavelmente tenham sido o motivo da eleição do vereador Simplício Cristino. O estatuto do clube não permitia qualquer manifestação de ordem política ou religiosa, não era permitido fazer campanha política na sede do Carneirinho de Ouro.

No final da década de 1940, a Avenida Tavares de Lira e a Rua Doutor Barata foram palcos de embates envolvendo membros dos principais partidos políticos (UDN, o PSD e o PSP) no Rio Grande do Norte. Os membros da UDN formavam seus grupos na margem direita da Tavares de Lira, próximos ao já desaparecido Café Cova da Onça. Os pessedistas eram encontrados no lado contrário, perto da calçada da Casa Quatro e Quatrocentos e também nas proximidades da livraria Internacional de João Rodrigues Barbosa. Os cafeístas preferiam alugar-se na Rua Doutor Barata. As desavenças políticas atingiam o extremismo resultando em insultos, ameaças e em brigas na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata, como mostra Maranhão na passagem abaixo:

---

<sup>88</sup> Cf. NATAL. *Estatuto do Clube Carneirinho de Ouro*, Natal, p. 8.

<sup>89</sup> MARANHÃO, 2004, p. 29.

No Café Globo, arrebutaram-se bancas e quebraram-se dúzias de cadeira no “*rolo*” em que participaram o Francisco Varela [...] e o atual deputado Dix-Huit Rosado, numa refrega por causa de uma questão de minas de gesso, levaram tudo de “*oito*” como dois touros enfurecidos. O jornalista Romildo Gurgel e o juiz João Maria Furtado também se defrontaram na rua Dr. Barata, invadindo a casa comercial de Amaro Mesquista, quebrando lavatórios, aparelhos sanitários e banheira de luxo, terminando Romildo com uma bala na perna e o magistrado com a *mauzer* “engasgada”, forçando o gatilho, separados por amigos comuns. Na Tavares de Lira, o deputado Aristófanes andou tentando um encontro com o presidente da Assembléia Legislativa [...]”<sup>90</sup>.

As confusões e brigas apresentadas na citação acima tiveram a participação de pessoas influentes de Natal. A refrega entre o deputado Dix-Huit Rosado Maia e o fazendeiro assuense Francisco Varela da Silva ocorreu por motivos econômicos, dentro do mesmo grupo social. A base dessas discórdias compreende o campo das relações interpessoais.

## 2.6 Os cafés

O Café Globo de Luís de Barros situava-se na Rua Doutor Barata, nº. 165. Esse estabelecimento caracterizou-se pelo fato de não comercializar bebidas alcoólicas e não servir nada gelado. A especialidade era o cafezinho. O lugar era frequentado por políticos, negociantes e jornalistas. Nas mesas do Café Globo, muitos acordos políticos foram feitos, traçando os destinos do Rio Grande do Norte. Negociações no ramo do algodão, do açúcar, da mineração e da pecuária foram acertadas no café de Luís de Barros:

O café Globo é uma espécie de escritório central dos corretores. Floriano Medeiros fecha o armazém, bota a chave no bolso e vem bater papo. A sua freguesia é antiga, certa e habituada a procurá-lo na Tavares de Lira. Antônio Vasconcelos é o mais ativo e depois que deixou a política não perde tempo e a sua palestra gira em torno de corretagens de algodão, de imóveis etc<sup>91</sup>.

As palestras em torno da corretagem de algodão e da venda de imóveis atraíam os interessados nesses negócios. Floriano Medeiros era comerciante e corretor de algodão, e comparecia diariamente no Café Globo. Os encontros e as conversas nos cafés e bares da cidade de Natal consistiam em oportunidades de se firmarem acordos comerciais.

---

<sup>90</sup> MARANHÃO, 2004, p. 42-43, grifos do autor.

<sup>91</sup> MARANHÃO, 2004, p. 29.

Em 1937, Luiz Eugênio Ferreira Veiga fundou uma indústria de torrefação e moagem de café denominada Torrefação Modelo, estabelecida na Avenida Rio Branco, nº. 579, no bairro de Cidade Alta. No dia 03 de fevereiro de 1953, a firma Luiz Veiga e Cia. Ltda. abriu um posto de degustação de seu produto, designado Café São Luiz, na esquina da Rua Princesa Isabel com a Rua João Pessoa. A casa transformou-se em ponto de encontro, um espaço apropriado por grupos de indivíduos que a utilizavam assiduamente para conversar a respeito de assuntos políticos e do cotidiano.

Em 1946, foi inaugurada, na Rua João Pessoa, uma pequena indústria de torrefação de café denominada Café Maia, de Francisco Azevedo Maia. Aderbal de França comentou a respeito do Café Maia, no jornal *A República*:

Ontem pela manhã estive em mais um café da cidade. Por ora, apenas a parte industrial, da torrefação, se inaugurou. É um novo estabelecimento de Francisco Azevedo Maia, na Rua João Pessoa. Um novo posto do famoso Café Maia, com novas máquinas da fábrica paulista “Lilla”, fornecidas pela firma Carlos Lamas. Vi processar-se a torrefação. É admirável a limpeza dos grãos de café antes de ser torrado. Toda palha e todo sujo são automaticamente retirados. Tudo a seu tempo preciso e com os seus grãos de máximo rendimento<sup>92</sup>.

A satisfação do cronista potiguar com uma indústria de torrefação de café é visível na sua crônica. O intelectual partilhava da crença de que um país, uma unidade federativa ou uma cidade apenas seriam modernos e alcançariam o progresso se fossem áreas industrializadas. Na crônica *Nova indústria na cidade* (1946), Aderbal de França comenta a inauguração de uma indústria de lapidação de pedras preciosas, iniciativa dentro de um pequeno conjunto de indústrias modestas nascidas em Natal, na segunda metade da década de 1940. Para o colunista, empreendimentos como as pequenas indústrias de café e outras, a exemplo da indústria de lapidação, favoreciam o desenvolvimento industrial da capital potiguar. Os jornais estimulavam a importação de maquinários, publicando anúncios de mercadorias importadas de indústrias do sul do Brasil, por firmas natalenses, a exemplo da propaganda do torrador de café Lilla, publicada no jornal *A República*:

---

<sup>92</sup> FRANÇA, *A República*, Natal, 02 out. 1946, s/p.

Figura 13: Máquina de torrar café Lilla



Fonte: *A República*, Natal, 04 set. 1949, s/p.

A Cia. Lilla e Máquinas, indústria e comércio, situada em Guarulhos-SP, é responsável pela produção e comércio de máquinas de torrefação do café. Em Natal, a importação e a distribuição da mercadoria aconteciam por meio da firma de Carlos Lamas. O posto de degustação do Café Maia foi criado em 1949, na Rua João Pessoa, no Bairro da Cidade Alta, uma via de circulação bastante movimentada da capital potiguar. O objetivo da criação da casa era a divulgação da mercadoria entre os natalenses.

O Café Globo, o Café Maia e o Café São Luiz foram importantes pontos de encontro entre aqueles que procuravam um lugar para discutir política, conversar e desopilar com anedotas, tornando-se espaços de sociabilidade natalense. Eram distintos dos cafés da década de 1920 e das confeitarias dos anos 50, porque não possuíam um reservado para a venda de bebidas alcoólicas. A especialidade desses estabelecimentos era o cafezinho.

O capítulo seguinte visa à construção de uma representação da boemia natalense a partir das análises das crônicas de Newton Navarro. Nos seus textos, o cronista mencionava suas andanças pelas praias e pelos bares e subúrbios da cidade de Natal.

### 3 NATAL BOÊMIA: crônicas e vivências de Newton Navarro

As crônicas de Newton Navarro publicadas no jornal *A República* permitiram o estudo de uma representação da boemia literária na cidade de Natal na década de 1950, sendo a crônica um “registro privilegiado para o acesso a um tempo passado e que, no caso, tratamos como uma fonte para a História”<sup>93</sup>.

A crônica é um gênero menor, diante do romance e da poesia, por fazer parte do dia a dia dos jornais onde elas eram publicadas e constituir uma publicação efêmera, ou seja, ela é descartada logo que é consumida pelo leitor. Ela atrai o público porque se aproxima do humor, da poesia e da realidade observada. O cronista transforma a literatura em algo próximo à vida das pessoas comuns. Ele o faz sem o objetivo de fixar seu nome na posteridade, e sim com o intuito de informar, comentar e denunciar algum fato ocorrido na cidade para, sobretudo, distrair o leitor. A crônica apresenta-se como um documento em que estão registrados fatos do cotidiano e das sensibilidades da cidade<sup>94</sup>.

Nos textos de Newton Navarro colhidos no jornal *A República* e em livros publicados pelo cronista, como *Beira Rio* (2011) e *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974), percebemos a sua preocupação de registrar o cotidiano e as sensibilidades da cidade de Natal. Navarro escreve sobre as ruas no crepúsculo do dia e na noite, sobre o rio Potengi, considerando-o como o rio da cidade, as praias da Redinha e Ponta Negra e sobre os bares da capital potiguar. Não se esquece de evidenciar os cheiros e sabores da culinária norte-rio-grandense ao descrever as comidas típicas (a exemplo do peixe frito no dendê) de uma cidade praiana como Natal.

Em muitas de suas crônicas, Navarro insere-se como personagem principal, ao declarar que estava em uma mesa de bar quando observava o movimento do fim da tarde em uma rua da cidade de Natal ou no Cais da Avenida Tavares de Lira, bebendo com pescadores e contemplando o rio Potengi. Nesses casos, a crônica é produto de sua própria vivência, visto que muitos de seus textos eram escritos no momento em que ele experimentava sua boemia.

#### 3.1 Boemia perambulante

---

<sup>93</sup> PESAVENTO, 2004, p. 63.

<sup>94</sup> Cf. CANDIDO *et al.*, 1992, p. 14.

Neste capítulo, desenvolvemos a ideia de uma boemia perambulante, por meio das experiências boêmias de Newton Navarro e suas andanças pelos bares e casas de meretrício da capital potiguar. É possível atingir esse objetivo através da análise de suas crônicas, publicadas no jornal *A República* na segunda metade da década de 1950. Newton Navarro assemelha-se à típica figura de boêmio natalense. Uma pessoa que desejasse falar com ele, durante o horário comercial, deveria procurá-lo em muitos lugares, podendo encontrá-lo em um bar no Grande Ponto, em um boteco da Ribeira, em uma peixada no Canto do Mangue ou ainda em sua residência. Tem-se a ideia de mobilidade em contraposição ao que é fixo. A vida boemia antagônica ao mundo do trabalho. As andanças do cronista pelos principais bares, restaurantes e praias da cidade de Natal, a qualquer hora de um dia da semana, garante a ideia de contravenção à ordem do trabalho, defendida pelos grupos conservadores.

O cidadão que não estava integrado ao mundo do trabalho era visto com desconfiança pelos grupos de leigos que colaboravam com a Igreja Católica em Natal. Otto Guerra, na crônica *No mundo da lua* (1950), publicada no jornal *A Ordem*, comenta a respeito de um projeto de lei que propunha a criação de um fundo de indenização para os desempregados. O cronista coloca-se contrário a criação dessa lei, afirmando que ela aumentaria as despesas dos empregadores e, conseqüentemente, da população, já que os gastos seriam repassados ao consumidor, aumentando o custo de vida dos brasileiros. Em seguida, Guerra afirmou: “ora, imagine-se num país como o Brasil a adoção de subvenção para os desempregados. Se há malandros a dizer profissionais, que dizer se tivessem uma ajudinha financeira?”<sup>95</sup>. Para o escritor, o trabalho era o meio apropriado para uma família obter o seu sustento. A criação de um fundo de indenização para desempregados ira contribuir para o aumento da malandragem.

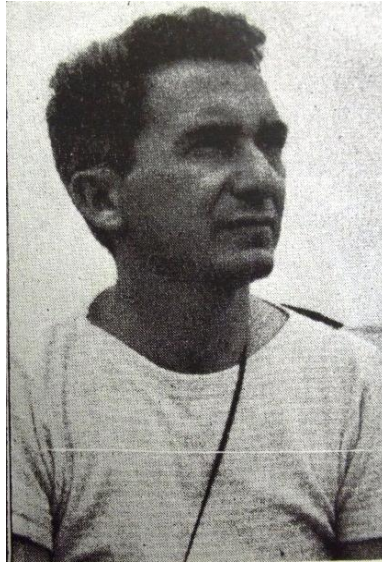
Newton Navarro era poeta, contista, teatrólogo, artista plástico e cronista. Os textos que escrevia para os principais jornais da cidade de Natal (*A República*, *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*), suas obras literárias, seus desenhos e suas pinturas comercializadas constituíam a renda para seu sustento e de sua boemia. Segundo Deífilo Gurgel, ele formou com Albimar Marinho “a maior dupla de boêmios natalenses, de todos os tempos”<sup>96</sup>. Albimar era um boêmio com pouca escolaridade, mas que conviveu com os intelectuais da cidade de Natal, a exemplo de Sanderson Negreiros e Veríssimo de Melo, ambos também amigos de Newton Navarro.

---

<sup>95</sup> GUERRA, *A Ordem*, Natal, 09 mar. 1950, s/p, grifos do autor.

<sup>96</sup> CARDOSO *et al.*, 2000, p. 578.

Figura 14: Newton Navarro



Fonte: *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974, s/p.).

Imaginemos qual seria o percurso boêmio de Navarro. Nas últimas horas da tarde, ele teria a opção de frequentar a casa de amigos. O jornal *A República* de 14 de julho de 1956 tem registro a respeito de uma reunião boêmia na casa de Rômulo Wanderley, pai de seu amigo Berilo Wanderley. Analisando esse material, percebemos que a boêmia ocorria nos espaços privados da casa e também em bares. A residência da família Wanderley apresenta-se como lugar festivo, com a presença de amigos que conversavam, bebiam e escutavam a música tocada na “eletrola”. O sentimento mais forte que predominava no ambiente era a amizade. A reunião com os amigos Albimar Marinho, Rômulo Wanderley e seus filhos, Gilberto Wanderley e Berilo Wanderley, era regado a bebidas, poesia e a música de Noel Rosa e Sílvio Caldas<sup>97</sup>. Esse momento consistia em um ambiente particular, frequentado por uma confraria de iguais, distinto do ambiente do bar, que era aberto ao público. Isso implica a diferenciação entre um grupo intelectualizado de outros grupos não intelectuais. Em casas de amigos ou em festas particulares, reuniam-se as pessoas que comungavam de ideais, sentimentos e valores, situação bastante diferente daquela do bar, onde eram encontrados grupos diversos de indivíduos com identidades diferentes. No texto *O Bêbado*, percebemos a diversidade entre os indivíduos que frequentavam o bar:

Ao seu lado haviam grupos espalhados nas outras mesas. Uns jogavam dados, disputando cervejas. Outros conversavam qualquer coisa sobre a venda de um carro. Um terceiro grupo de rapazes, estudantes talvez, cantarolavam um samba de carnaval, fazendo o acompanhamento no

---

<sup>97</sup> Cf. NAVARRO, *A República*, Natal, 14 jul. 1956, s/p.

mármore da mesa. Mas, todos bebiam. Não tanto com as mesmas razões daquele moço que estava só. Bebiam por outras razões ou sem razões<sup>98</sup>.

Nas reuniões em casa de amigos não havia diversidade de grupos. Nessas, os convidados ficavam em contato com a família do anfitrião. A esposa do dono da casa servia tira-gostos, os filhos participavam da reunião festiva, havendo, nesses casos, a aproximação da boemia com a esfera privada da casa. O *status* particular da residência não admitia uma variedade de grupos como ocorria no bar. A casa era ambiente mais seletivo, agrupando intelectuais que formavam opinião na sociedade natalense por meio de suas colunas nos principais jornais da cidade, a exemplo de Newton Navarro, Berilo Wanderley, Zila Mamede, Myriam Coeli, Sanderson Negreiros, entre outros. Nessas reuniões, os boêmios certamente bebiam, recitavam poesias, comentavam fatos do cotidiano e conversavam a respeito de suas produções literárias e das obras de outros intelectuais. Navarro planejava seus textos jornalísticos em reuniões com os amigos em um ambiente familiar ou em bares, fazendo anotações do que observava, para depois elaborar seus textos literários. A poesia tem seu lugar na crônica: “eu liguei totalmente à poesia que na casa de Romulo e Maria Amélia despontava em cada canto”<sup>99</sup>.

A boemia não tem hora certa de acontecer. Não importando se é dia ou noite, Newton Navarro aparecia a qualquer hora no Clube e Bar Carneirinho de Ouro, onde bebia com os amigos e escrevia suas crônicas e discursos políticos para o governador do estado do Rio Grande do Norte. Sua atividade intelectual estava associada a sua boemia. O nosso cronista ainda poderia almoçar ou jantar com os amigos na Peixada da Comadre, estabelecimento frequentado por todas as categorias sociais.

Newton Navarro também poderia ser encontrado no Beco da Lama, logradouro estreito entre as ruas João Pessoa e Ulisses Caldas, localizado nas proximidades do Grande Ponto. Como vimos no capítulo anterior, os bares do Grande Ponto, situados especialmente entre a Rua João Pessoa e a Rua Princesa Isabel, eram os espaços de sociabilidade mais procurados pela elite intelectual e política da cidade de Natal na década de 1950. No Beco da Lama, estavam as casas comerciais simples, frequentadas por homens pobres que bebiam meladinha (mistura de cachaça com mel) e cachaça acompanhada de frutas como cajus, laranjas e abacaxis. Nos botequins do Beco da Lama, o cronista conversava com os boêmios frequentadores do lugar, escutava anedotas e versos recitados por eles.

---

<sup>98</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 06 fev. 1957, s/p.

<sup>99</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 14 jul. 1956, s/p.



No fim de tarde, os boêmios poderiam ser encontrados nos bares do Grande Ponto. Newton Navarro escreveu em *Os maus exemplos* (1957) sobre o prazer de sair do trabalho e caminhar no Grande Ponto, encontrar sua turma e ser convidado para tomar uma cerveja: “não somente por beber, que assim é demais. Também pela companhia dos amigos [...]. O burburinho da cidade que se escoia pelas praças e ruas [...]. E toda essa hora é melhor viver num bar”<sup>100</sup>. Do bar, Navarro observa o movimento final do expediente comercial e das repartições no centro da cidade: “o funcionário atrasado. O balconista que tem ainda que ‘recolher’ a namorada, na esquina de um bairro distante [...]”<sup>101</sup>. Navarro era um observador das ruas de Natal, do rio Potengi, das praias (Redinha e Ponta Negra), dos bares e dos indivíduos transeuntes. O Grande Ponto é um espaço público de intensa circulação de pessoas. Essa circulação ocorre no campo das relações interpessoais, nas conversas de bar ou nos bate-papos nas esquinas. Os grupos de conversa se compõem, mas depois se desfazem, e, no mesmo local, outros grupos de bate-papos se refazem, como mostra a citação abaixo:

O comércio fechava geralmente às 17 horas, quando começavam a chegar, ao Grande Ponto, os frequentadores que formavam as rodas de bate-papo, que se prolongavam até aproximadamente 18:30 horas. Havia então uma pausa para o jantar, quando o local ficava quase deserto, e às 19:30 horas começavam a chegar os frequentadores para o segundo expediente, que se prolongava por umas duas horas<sup>102</sup>.

Então, quem eram os indivíduos que davam os maus exemplos? Eram os notívagos, aqueles que iniciavam suas andanças no final da tarde e estendiam seu expediente até altas horas, entrando pela madrugada, nos bares e casas de meretrício dos bairros de Cidade Alta e Ribeira.

No dia anterior à publicação da crônica *Os maus exemplos* (1957), Navarro escreveu *Os exemplos* (1957), divulgando que Othoniel Menezes costumava sentar em um banco de praça silenciosa em companhia das árvores e cumprimentando os anônimos. Ainda escreveu que Dorian Gray dedicava seu tempo aos livros e aos trabalhos artísticos: quadros, esculturas... José Maria Guilherme dedicava-se ao trabalho e a criação de pássaros. Nas primeiras décadas do século XX, o poeta Othoniel Menezes era boêmio, frequentador de serenatas acompanhadas de bebidas. Muitas de suas poesias foram transformadas em modinhas que eram cantadas nas noites de luar. Mas, nos anos de 1940, o poeta não

---

<sup>100</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 13 fev. 1957, s/p.

<sup>101</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 13 fev. 1957, s/p.

<sup>102</sup> LIMA, 2008, p. 57.

vivenciava mais a boemia. “O mundo então se resumia à esposa, aos filhos e à sua arte”<sup>103</sup>. José Maria Guilherme fora boêmio em sua juventude. Frequentava as casas comerciais do Grande Ponto (bares e sorveterias) e as casas de meretrício, participava das serenatas destinadas às meninas da Escola Doméstica e foi membro do Teatro de Estudante. Após seu casamento, assumiu a postura de homem trabalhador e chefe de família<sup>104</sup>. Navarro termina sua crônica afirmando: “conto-vos estas coisas todas e não me emendo. Ainda me tentam as ruas calmas, a companhia dos amigos, o deslumbramento lunar numa beira de mar ou mesmo uma manhã ensolarada numa praia distante”. E continua: “prende-me o mundo, ainda tão fortemente! Mas, um dia aprenderei a lição dos meus amigos”<sup>105</sup>. É preciso considerar que os grupos boêmios não se apresentam com uniformidade. Nesse texto aparece a ideia entre o homem ordeiro, trabalhador e chefe de família, em contraposição ao homem da noite e de seus espaços desafiadores da ordem e dos bons costumes da sociedade natalense.

Muitos homens participaram das noitadas apenas durante a juventude, tendo a boemia um caráter passageiro. Outros compareciam vez ou outra às reuniões boemias. Alguns se apresentavam aos bares, com certa frequência, no final da tarde, após o encerramento do seu horário de trabalho e passavam algumas horas no bar, estendendo sua permanência até vinte e duas horas. Outros, a exemplo de Newton Navarro, prolongavam-se nos bares até os primeiros clarões do fim da madrugada. Assim, os grupos boêmios da cidade de Natal não eram uniformes. No entanto, há algo em comum: todos os grupos de boêmios que buscavam os bares, um canto de beira-mar ou um boteco no subúrbio estabeleceram relações interpessoais. Assim, as reuniões boemias podem ser estudadas como situações de sociabilidade.

Analisando a passagem de José Guilherme, podemos perceber que alguns indivíduos não frequentam os espaços da boemia durante todas as fases de suas vidas. Alguns foram apenas boêmios na juventude e a sua boemia representava aventuras e desejo em viver intensamente. Othoniel Menezes fora boêmio até a idade adulta, na velhice optou por uma vida mais tranquila, entrando em depressão devido às perseguições que sofrera durante décadas e à sua situação financeira.

Newton Navarro também era frequentador da Confeitaria Delícia. Ele saía do bar de Olívio para os botecos no cais da Avenida Tavares de Lira, lugar representativo da boemia de Navarro, ligada ao prazer de estar junto ao mar, ao rio e às pessoas simples que circulavam

---

<sup>103</sup> GALVÃO, 2009, p. 185.

<sup>104</sup> Cf. GUILHERME, 1999, p. 31-60.

<sup>105</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 12 fev. 1957, s/p.

nas redondezas. A Confeitaria Delícia abria suas portas durante o horário comercial até as primeiras horas da noite. Consistia em um estabelecimento que recebia membros da elite da sociedade natalense. O cronista assim percorria o seu itinerário: “[...] Confeitaria de Olívio Domingues [...] até a casa do compadre Zé Arruda [...] alcançar o meio da Avenida, no balcão hospitaleiro de Araújo [...] e por fim o nosso BEIRA-RIO [...]”<sup>106</sup>. O Beira-rio era a denominação que Navarro dera aos botecos à margem do rio Potengi, situados no cais da Avenida Tavares de Lira. Os botecos eram frequentados por marinheiros, trabalhadores do cais do porto, boêmios e prostitutas. Nesse estabelecimento comercial, nas palavras de Navarro, “chegam três mulheres de vestidos vistosos. Aceitam, sem reservas, uma ‘chamada’. Estão à espera dos homens do navio estrangeiro, que logo mais chegarão para o festival da noite”<sup>107</sup>.

Newton visitava as pensões alegres da cidade de Natal e os bares que ficavam abertos durante vinte e quatro horas, a exemplo da Peixada Potengi e do Tabuleiro da Baiana. Em uma de suas perambulações, conhecera uma mulher que havia tido um rápido caso amoroso, em Recife, com o pintor Giuseppe Gianinni Pancetti (José Pancetti), um artista paulista descendente de italianos, adepto da arte moderna. Em suas palavras: “em meio da conversa, quando a noite já ia alta e ameaçava chover mais fortemente, a mulher falou-me que havia estado muitos dias na companhia de Pancetti. Duvidei um momento. Mas a mulher insistia em detalhes”<sup>108</sup>.

Navarro apresenta-se como o cronista da cidade e da boemia. Como frequentador da noite natalense, não define o que é boemia, mas seus escritos reforçam sua condição de observador noturno, como também de testemunha de fatos ocorridos às altas horas na capital potiguar. Na crônica *Coisas*, de *A República*, 31 de agosto de 1957:

Folheio lentamente a pequena caderneta. Passam notícias... Passam letras, pontos, rasuras, sinais, convenções. Mas aos poucos, essas anotações parecem criar alma e corpo. Me acreditem. Parecem viver e então passo a ver nas páginas meio sujas, pessoas, casas, praças; aquele barzinho de meia luz, com um marujo lá no canto, contemplando meio bêbado a sua estranha tatuagem no braço. Vejo mais coisas... Lonjuras, distancias, tempo batido de bruma, sentimento disperso, erradio... Vagabundagem. Beira de cais com navios tumarentos. Súbito a fumaça que tolda os olhos. Anuncia-se tudo. Fecho a caderneta. Deixo tudo. Caminho para a rua e embarco dentro da primeira hora cinzenta que prenuncia a noite. Nada mais<sup>109</sup>.

---

<sup>106</sup> NAVARRO, 2011, p. 7.

<sup>107</sup> NAVARRO, 2011, p. 56.

<sup>108</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 24 abr. 1957, s/p.

<sup>109</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 31 ago. 1957, s/p.

Na primeira metade do século XX, a concepção da noite foi modificada enquanto horário exclusivo para o descanso, sendo assimilada pela cultura do lazer, com a proliferação de cinemas, bares, sorveterias e confeitarias. As andanças pela cidade nas horas noturnas eram uma realidade de Natal em meados do século XX. Sejam elas nas primeiras horas da noite quando estudantes e pais de famílias passeavam pelo Grande Ponto, passando por sorveterias e bares da cidade, ou quando os boêmios saíam pelas ruas escuras e estreitas do bairro da Ribeira, em busca de bares abertos e de aventuras amorosas. Na crônica *Coisas*, de *A República* de 15 de setembro de 1956, Navarro escreveu: “[...] tende calma, amigos, não abusei do pobre coração dêsse João Sem Terra, que vive em andanças, de castelo em castelo, somente para saudar, e ao vosso inteiro serviço [...]”<sup>110</sup>. Como cronista da boemia, Newton Navarro não deixava de ressaltar o sentimento erradio e disperso do boêmio, que foge, por alguns momentos, da ordem e busca a liberdade e a felicidade plena. Lugar de marujos a beira de cais de porto, onde tudo acontece e onde a noite permite acontecer. Lugar de marinheiros, mendigos e prostitutas.

Mas porque o boêmio bebe? Pensemos a respeito do assunto. Na crônica *Desgostos*, de *A República*, 21 de julho de 1956, Newton Navarro relata que um jovem buscou o suicídio por duas vezes, alegando desgostos pela vida. O escritor aconselhou o rapaz: “a morte é feia e falsa. Viva a sua vida e quando muito, se despostos maiores lhe afligirem ainda, tome um porre bem grande, vá para casa e de manhã, depois de um alka-seltzer você se sentirá feliz, imensamente feliz dentro do mundo [...]”<sup>111</sup>. Para Navarro, a existência humana necessitava de sentidos e a morte não pode ser vista como resolução de seus problemas. Ao contrário, a morte não daria significado a própria vida e sim, iria acabar com ela. O bar aparece no texto como refúgio para os problemas. Não que a bebida seja o remédio para os males que afligem o indivíduo, porém, no botequim, na confeitaria, no café ou até mesmo na praça, as conversas com os amigos, as novidades do dia e as brincadeiras confortam o espírito e ajudam o encontro com a alegria, seja essa momentânea ou não. Na crônica *O Bêbado*, Navarro reforça essa importância do bar:

Entrou no bar e pediu a primeira dose. Ele e o pequeno copo de conhaque naquele canto da sala, eram o bastante... O “problema”, no entanto, tinha de ser afastado à custa da aliança que firmavam, naquele instante, ele e o cálice. O único elemento capaz de desafogar-lhe um pouco naquela tarde era o conhaque...

---

<sup>110</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 15 set. 1956, s/p.

<sup>111</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 21 jul. 1956, s/p.

A esta altura já havia pedido a quarta dose e lentamente, o “problema” se afastava deixando-o só com o seu conhaque. Não tardaria muito para que a própria bebida o deixasse e ele permanecesse sosinho, feliz e cheio daquela calma que precede um sono descansado...

Bebeu mais uns três conhaques e saiu... Deixou na mesa a gorjeta, um cálice vazio e um amontoado de “problemas”[...]”<sup>112</sup>.

O conhaque aparece nessa crônica como solução para o problema do indivíduo que está em uma mesa solitário, sem a presença de amigos. A bebida conforta a alma do homem, ajudando-o a refletir sobre a sua existência e favorece o esquecimento dos problemas, mesmo que momentaneamente. Os intelectuais se reuniam nos bares, cafés e confeitarias para conhecer pessoas, conversar e trocar informações e experiências. Para Navarro, essas reuniões davam sentido à vida, na medida em que os presentes dialogavam sobre o que ocorriam na cidade de Natal, no Brasil e no mundo, determinando suas escolhas pessoais quanto às questões políticas e sociais.

Notamos uma influência do existencialismo de Jean-Paul Sartre nas crônicas de Navarro. Jolivet define o existencialismo enquanto um conjunto de doutrinas que “[...] segundo as quais a filosofia tem como objetivo a análise e a descrição da existência concreta, considerada como ato de uma liberdade que si constitui afirmando-se e que tem unicamente como gênese ou fundamento essa afirmação de si”<sup>113</sup>. Segundo tais doutrinas, a existência precede a essência, ou seja, o homem existe primeiro, para depois ser definido, por ele mesmo, através de um conceito. Ele é produto daquilo que projeta vir a ser por meio de suas ações. É um ser apto a realizar suas próprias escolhas e exercer seus direitos de liberdade. Portanto, o homem é responsável pela sua própria existência e não existe uma força metafísica que tenha o criado e definido o seu destino.

O existencialismo de Navarro é visível na crônica *Não perguntem* (1956), quando o escritor se refere a grupos conservadores católicos que censuraram sua escolha de vivenciar a boemia na cidade de Natal: “alguns recalcados, desses que bebem às escondidas, na dispensa o seu conhaque proibido temendo Deus, a patroa e a empregada, esses dirão que venho de uma farra e ando perdido”. E completa: “pobres diabos sem liberdade, pobres cretinos que desgastam nos outros a sua vulgar infelicidade!”<sup>114</sup>. O cronista defendia que o homem deveria ser fiel a suas próprias escolhas e não ser leal às regras morais, a exemplo das convenções defendidas pelos leigos católicos, definidos, na crônica, como “homens infelizes e sem liberdade”. Diante das possibilidades de levar uma vida pautada na ordem e nos dogmas da

---

<sup>112</sup> NAVARRO, A *República*. Natal, 06 fev. 1957, s/p.

<sup>113</sup> JOLIVET, 1975, p. 21.

<sup>114</sup> NAVARRO, A *República*. Natal, 14 set. 1956, s/p.

Igreja Católica ou vivenciar a sua boemia, perambulando pelos bares da capital potiguar, Navarro optou pela segunda situação, instigado pelos seus próprios sentimentos, ao afirmar ser fiel ao seu “velho e amigo coração de poeta. Sinto que a cidade me aceita e me empresta amizade e auxílio”<sup>115</sup>.

### 3.2 A boemia em contraponto à atuação dos leigos católicos

Nesse tópico da Dissertação iremos contrapor a boemia natalense aos valores defendidos pelos leigos católicos, que colaboravam com o jornal *A Ordem*. A frase “A ORDEM é um defensor ardoroso da dignidade da família”, aparece em quase todos os exemplares desse jornal em 1950, dirigido por Otto de Brito Guerra. Otto Guerra foi professor de vários colégios da cidade de Natal e de instituições de ensino superior (Escola de Serviço Social; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal; Escola de Sociologia e Política da FJA; e Faculdade de Direito da UFRN). Em 1950, Guerra era o diretor de *A Ordem* e mantinha no edifício do jornal seu escritório de advocacia. Como jornalista, foi porta-voz e defensor do catolicismo, escrevendo inúmeros artigos em defesa da família e do trabalho.

Otto Guerra fazia parte de um grupo de leigos católicos da cidade de Natal que atuava no jornal *A Ordem* e no *Movimento de Natal*, experiência iniciada em 1945 na capital potiguar, com o surgimento da Ação Católica Natalense. Esta foi criada em 1936, preocupada com a divulgação dos ensinamentos religiosos nos bairros da cidade. A partir da segunda metade da década de 1945, a Ação Católica passou a dedicar-se a obras sociais. Questionamos: o que motivou a diocese, e depois a arquidiocese natalense, a preocupar-se com a realização de ações sociais? Primeiro, é importante ressaltar que a Ação Católica Natalense não fazia parte de um movimento isolado, pois havia um movimento nacional organizado por grupos católicos preocupados com os valores da família e do trabalho e com os problemas sociais. Era a Ação Católica Brasileira, com sede no Rio de Janeiro, que tinha como assistente nacional o bispo auxiliar D. Hélder Câmara. A Ação Católica Brasileira orientou muitas vezes o Padre Eugênio Sales em suas ações no *Movimento de Natal*. A inclusão da cidade de Natal na Segunda Guerra Mundial trouxe muitos problemas para a população, a exemplo da carestia, inflação, carência de gêneros alimentícios e deficiência no sistema de transporte e no abastecimento de água. Essas dificuldades afetaram, principalmente, os bairros mais carentes da capital potiguar.

---

<sup>115</sup> NAVARRO, *A República*. Natal, 14 set. 1956, s/p.

O jornal *A Ordem* passou a abordar matérias falando no desemprego, na vadiagem, na delinquência, na mendicância, na prostituição, na falta de luz, de água, de escolas, de assistência médico-dentária, de estradas, de policiamento e de assistência religiosa nos novos bairros da cidade, onde reinavam a miséria e a pobreza. No período em que ocorria a Segunda Guerra Mundial, a Igreja passara a colaborar com a Comissão Estadual da LBA (Legião Brasileira de Assistência) e com o SERAS (Serviço Estadual de Reeducação e Assistência) com o objetivo de atender as necessidades sociais mais urgentes da população indigente. Em 24 de janeiro de 1946, a Comissão Estadual da LBA recebeu a orientação de que a assistência direta ou individual a despojados deveria ser suspensa. Os recursos (medicamentos, material escolar e roupas) passaram a ser distribuídos em instituições de caridade e obras sociais. Assim se pronunciou Palmira Wanderley, poetisa e, na ocasião, ex-presidente da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência:

A Legião Brasileira de Assistência foi durante muito tempo o refrigério, o amparo; a farmácia, a rouparia, o ambulatório, o posto de alimentação do pauperismo do Estado. O que se verifica nas estatísticas de beneficiária da Legião é que não houve gemido que não fosse escutado, lamentação que não fosse atendida. O testemunho público da benemerência legionária estava na onda de necessitados que invadia, diariamente, as portarias; e na desolação e no abandono de muita gente, agora, privada, do valioso auxílio, com a supressão da assistência direta[...]<sup>116</sup>.

O fim da assistência direta à população carente da cidade, como desempregados e ex-soldados que participaram da Segunda Guerra Mundial, resultou em uma mobilização de eclesiásticos e leigos católicos, que tomaram para si a responsabilidade com o trabalho social. As primeiras iniciativas partiram do Padre Eugênio de Araújo Sales e Padre Nivaldo Monte. Na I Semana Diocesana de Ação Católica na cidade de Natal, realizada em outubro de 1945, os clérigos decidiram organizar trabalhos sociais. Assim, no período entre 1946 a 1960, correspondente ao recorte temporal da nossa pesquisa, coincide com uma fase da Igreja envolvida em várias obras sociais, por meio da Ação Católica Natalense e de grupos organizados de católicos como a Juventude Feminina Católica (JFC), Juventude Masculina Católica (JMC) e Juventude Estudantil Católica (JEC). Esses grupos atuaram nos presídios, fundaram instituições para menores, escolas, ambulatórios e centros sociais. Nos primeiros anos, as obras sociais dos católicos eram realizadas nos bairros pobres da capital potiguar. O trabalho social da Ação Católica Natalense tinha a finalidade de levar para os subúrbios os

---

<sup>116</sup> WANDERLEY, *A República*, Natal, 01 jul. 1946, s/p.

valores católicos, tais como o trabalho, a família e o matrimônio. Em 1950, foi fundado o Serviço de Assistência Rural (SAR) com o objetivo de expandir o trabalho social para as cidades do interior do estado do Rio Grande do Norte. A diocese e arquidiocese da cidade de Natal eram administradas pelo bispo e, depois arcebispo, D. Marcolino Dantas, que apoiava os trabalhos de Ulisses de Góis, membro da Congregação Mariana dos Moços e fundador do jornal *A Ordem*. A Ação Católica Natalense estava nas mãos dos assistentes de D. Marcolino Dantas.

O jornal *A Ordem* foi fundado em 1935, sob a orientação do Centro de Imprensa da Congregação Mariana dos Moços, circulando como diário até o final de 1953. *A Ordem* tinha muita influência na política e na sociedade natalense. Era um periódico que noticiava os fatos ocorridos no cotidiano, tratando de esporte, saúde, educação, política, economia e cultura. Mas foi um importante instrumento de informação e divulgação do Movimento de Natal, publicando notícias acerca das obras sociais dos católicos. *A Ordem* era um periódico que divulgava as ideias e os valores defendidos pela Igreja Católica, tais como a valorização da família, o trabalho, os bons costumes e a caridade.

Para os católicos, a família deve ser constituída por meio do matrimônio. Otto Guerra, na crônica *Brasil e Rússia I* (1950), afirmou que a sociedade brasileira caminhava no sentido de destruir a família. A Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados deu parecer favorável ao Projeto nº. 122, do deputado Nelson Carneiro. Para Guerra, esse projeto colaborava para a destruição da família porque tinha por “objetivo a oficialização do concubinato no Brasil”. Para os leigos e clérigos católicos, a negação dos sacramentos da Igreja, entre eles o matrimônio, era uma maneira de subverter a ordem. Os católicos protestaram contra o projeto por meio do discurso do monsenhor Arruda Câmara, na Câmara dos Deputados, que considerou “a oficialização da mancebia uma imoralidade, uma afronta e uma ameaça à família”<sup>117</sup>. Guerra afirmou que até mesmo a Rússia comunista, que no período da Revolução Bolchevique destruiu o governo e a família, em meados do século XX, repudiava o “amor livre” e defendia o conceito tradicional de família. O jornalista mostrou-se indignado com a proposta do deputado Nelson Carneiro em defender a oficialização das uniões extramatrimoniais. As uniões conjugais não oficializadas por meio do matrimônio continuariam “[...] à margem das práticas mais essenciais da religião católica, não se lhe

---

<sup>117</sup> GUERRA, *A Ordem*, Natal, 27 mar. 1950, s/p.



podendo administrar os demais sacramentos enquanto permanecerem na condição que é defendida como ‘pecado’<sup>118</sup>.

Os jornalistas católicos também discordavam da Lei nº. 883, de 21 de outubro de 1949, que permitia o reconhecimento de filhos ilegítimos. Segundo o artigo 1º: “Dissolvida a sociedade conjugal, será permitido a qualquer dos cônjuges o reconhecimento do filho havido fora do matrimônio e, ao filho a ação para que se lhe declare a filiação”<sup>119</sup>. Para Otto Guerra, os pais de filhos ilegítimos cometeram adultério, ato que para as leis da Igreja Católica converte-se em pecado e, ao assumir um filho fora do casamento, esses pais estão admitindo publicamente o seu adultério. Essa lei institui a união de fato, fora do casamento, contribuindo para enfraquecimento da família. O matrimônio era considerado o sustentáculo do Estado nacional. Um lar equilibrado, segundo os preceitos católicos, conduzia os jovens a viverem na ordem e na moral da boa sociedade.

Na concepção dos leigos católicos, grande parte dos menores delinquentes era oriunda de famílias desestruturadas. A família é apresentada como a base para a educação de crianças e de adolescentes:

Educar é formar para a vida... O educador por excelência é o pai. Este é o fator preponderante cuja ação começa muito antes do nascimento do filho para não mais se acabar.

Os demais educadores entram em cena como auxiliares diretos daqueles que recebeu de Deus a missão de propagar a vida.

Todos formando um só corpo, o educador, o sacerdote, o professor e o próprio Estado contribuem em diversas esferas para a resolução de um só problema a formação da personalidade humana...

Precisamos primeiro educar os pais e educadores para uma ação mútua de saneamento doméstico e educacional para dar ao mundo uma casta de gente que ao menos possa representar a espécie humana<sup>120</sup>.

Os pais devem educar os filhos com a colaboração da escola e da Igreja. No entanto, a educação de crianças e adolescentes complementa-se com as ações do professor e do sacerdote. Os lares desajustados precisavam ser saneados, livrando-os dos vícios e da violência. Os clérigos e leigos católicos deveriam assumir a função de orientar escolas e famílias na educação desses jovens. O professor, a família, o Estado e a Igreja têm a missão conjunta de preparar os jovens para a sociedade, afastando-os da desordem e do crime. Esse era o pensamento dos sacerdotes e dos leigos católicos envolvidos com a questão social na

---

<sup>118</sup> MORAIS, 1982, p. 165.

<sup>119</sup> GUERRA, *A Ordem*, Natal, 28 mar. 1950, s/p.

<sup>120</sup> EDUCAR... *A Ordem*, Natal, 27 mar. 1950, s/p.

cidade de Natal. Fornecer escola, assistência médica e odontológica, mas também orientação religiosa e moral, de modo a afastar as famílias da má conduta, a exemplo da frequência às casas de meretrício, e dos vícios, como os jogos de azar e as bebidas alcoólicas.

Otto Guerra afirma que as causas do crime estão na desintegração da família, na falta de uma orientação religiosa, na livre circulação de uma literatura pornográfica e na disseminação dos cabarés. Nas palavras de Guerra: “esses é que são os focos de infecção do crime”<sup>121</sup>. Fazendo uso de um estudo sociológico, o jornalista afirma que a Medicina (tratamento psiquiátrico) pode ajudar a alguns delinquentes. Mas o crime é influenciado pelas condições sociais. Por isso, a recreação, boas condições de moradia, trabalho, salários, boa convivência familiar e uma orientação religiosa são essenciais para evitar a criminalidade.

Os cronistas do jornal *A Ordem* faziam críticas a revistas que publicam desenhos que exploravam a nudez. Para os artistas, essa arte expressava o ideal de beleza da cultura helênica, mas para os católicos são publicações obscenas e imorais, que vem pervertendo a juventude<sup>122</sup>. Os leigos católicos combatiam a obscenidade, o sexo fora do casamento, o alcoolismo e a prática de jogos de azar. O consumo excessivo de bebidas alcoólicas era uma preocupação, resultando na morte de tipos populares dessa capital. Os natalenses bebiam em todas as estações do ano, tanto os ricos quanto os pobres. Os ricos tomavam bebidas mais refinadas e os mais pobres, cachaça. A aguardente era fabricada em grandes quantidades no estado do Rio Grande do Norte, por isso era vendida a preços baixos e consumidos pela parcela mais pobre de Natal, a exemplo dos mendigos, aumentando o número de vítimas do alcoolismo<sup>123</sup>.

Os correspondentes do jornal *A Ordem* afirmavam que o jogo do bicho era um modo de se ganhar dinheiro fácil na capital potiguar. Acusavam o governo do estado do Rio Grande do Norte de não tomar medidas para combater a jogatina. Apesar da proibição do exercício ou a exploração de jogos de azar no território brasileiro pelo presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, através do Decreto nº. 9.215, publicado no Diário Oficial da União de 30 de abril de 1946, os jogos de azar continuavam proliferando clandestinamente na cidade de Natal<sup>124</sup>.

Os boêmios natalenses gostavam de frequentar os bares a qualquer hora do dia, e quando não havia mais reservados ou restaurantes abertos, se deslocavam às casas de meretrício ou aos bares que ficavam abertos durante as vinte e quatro horas do dia. Esses

---

<sup>121</sup> GUERRA, *A Ordem*, Natal, 04 jan. 1950, s/p.

<sup>122</sup> Cf. UM GRAVE equívoco. *A Ordem*, Natal, 04 jan. 1950, s/p.

<sup>123</sup> Cf. CASOS & coisas. *A Ordem*, Natal, 31 mar. 1950, s/p.

<sup>124</sup> Cf. CASOS & COISAS. *A Ordem*, Natal, 01 fev. 1950, s/p.

ambientes eram bastante visitados por prostitutas que buscavam esses estabelecimentos para fazerem a última refeição antes de seu descanso. No jornal *A Ordem* não encontramos nenhuma crítica aos bares e restaurantes de Natal. Ao contrário, o periódico vez por outra anuncia uma reforma em um bar ou faz propaganda de algum restaurante, ambiente convívio pela elite econômica, intelectual e política da capital norte-rio-grandense. A boemia nesses lugares era tolerada. O que é alvo de críticas do jornal católico são os bares populares, os cabarés e os estabelecimentos que possuem jogos de azar e, conseqüentemente, os frequentadores desses lugares. Newton Navarro era frequentador de bares populares e das casas de meretrício. Na crônica *Não Perguntem* (1956), identifica-se como protagonista de passeios noturnos pelas ruas dos bairros da Ribeira e de Petrópolis:

Não perguntem nada sobre a estranheza de passeios noturnos, dentro do socego da trégua de uma travessa da Ribeira ou de um arruado ermo de Petrópolis. Não saberei dizer com palavras a emoção que carrego nessas horas. Um amor de espantos contínuos diante de um frontão velho de uma casa colonial e a paixão tão viva, emocional, quando pelas madrugadas natalenses ouço o cântico claro e forte de um galo, que alumia com o seu brado matinal as últimas trevas da noite. Não me perguntem, não indaguem coisa nenhuma... E' um reclamo natural, meu, muito meu, este que me faz vagabundear pela Cidade noturna... Por isso não me perguntem nada [...]<sup>125</sup>.

Nesse texto, Navarro admitia ser um frequentador das casas de meretrício e de bares que ficam abertos vinte e quatro horas por dia. Ou seja, experimentava a cidade durante a madrugada nos bairros da Ribeira e de Petrópolis, enquanto os habitantes da urbe dormiam e descansavam. O cronista ainda acusou os leigos católicos de beberem e cometerem adultério escondidos. Na crônica *O Bébedo* (1957), Navarro identifica quem são os sujeitos que criticavam seu comportamento vadio de caminhar pelas ruas à noite e de beber as vistas de toda sociedade:

Desses cidadãos, a oportuno que se diga, que geralmente falam muito da vida alheia pertencem a confrarias religiosas, mantêm namoricos com empregadas e bebem pifões enormes, escondidos em suas camarinhas, e um dia, Deus justiceiro manda de presente para eles um infarto no miocárdio [...]<sup>126</sup>.

Em *A Ordem*, o trabalho aparece como um importante aliado da igreja nas questões sociais. Os leigos católicos afirmam que a falsa mendicância são modalidades de se ganhar

---

<sup>125</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 14 set. 1956, s/p.

<sup>126</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 06 fev. 1957, s/p.

dinheiro fácil na cidade de Natal. A situação contrasta com a condição do homem trabalhador, integrado a ordem e que “ganha a vida honestamente”. Algumas famílias pobres que moravam em praias distantes enviavam seus parentes para esmolar na capital potiguar<sup>127</sup>. Para os cronistas do jornal *A Ordem*, os recursos financeiros para a sobrevivência humana devem ser adquiridos por meio do trabalho. Mendigar para ganhar a vida, tendo condições de trabalho, reduz-se a vadiagem, que era combatida pelos padres e leigos católicos. Os clérigos e os leigos católicos preocupavam-se em manter sua influência junto aos trabalhadores, e para isso organizaram o Círculo Operário de Natal, que reunia famílias e operários. A criação de círculos operários cristãos consistiu em uma ação da Companhia de Jesus, influenciada pela União dos Trabalhadores Colombianos (UTC), experiência realizada na Colômbia que resultou em uma orientação antissocialista nos sindicatos. Os círculos operários foram instrumentos utilizados pela igreja para consolidar o catolicismo entre os trabalhadores diante do crescimento do número de igrejas protestantes no Brasil, dos centros de umbanda e centros espíritas kardecistas. Além disso, os círculos operários possuíam a função educativa de proteger os trabalhadores das ameaças do divórcio, da pornografia, dos vícios e das ideias socialistas<sup>128</sup>.

Newton Navarro não tinha emprego fixo, não precisava bater ponto em determinada repartição. Seus rendimentos financeiros vinham de suas atividades de cronista, desenhista e pintor. Por isso, vivenciava a sua boemia a qualquer hora. No bar, bebia, escrevia suas crônicas e conversava com os amigos. Navarro não estava integrado ao regado mundo do trabalho. Na crônica *Os Dias* (1957), o escritor assim se refere ao funcionário público:

Não me canso de repetir que as segundas-feiras enfadam, quando não enervam e abatem a gente. Creio que é o dia mais real da semana, o dia prático, tipo funcionário público, bem comportado, cheio de formalidade [...] seus pontos a assinar seus compromisso e suas exigências [...]<sup>129</sup>.

Nesse texto, o cronista compara a ação do trabalho do funcionário público com a melancolia e o enfado da segunda-feira, que sucede o fim de semana festivo. Como Navarro descreve a figura do funcionário de alguma repartição, seja um funcionário público ou um jornalista? A crônica *Funcionário na chuva* (1956) refere-se assim a um membro da classe média: “pequena figura de gravata, magra, esquiva, os olhos no chão; um guarda-chuva cinzento de idade, muitas dívidas (não nos bancos), sapatos forrados com folha de jornal: eis o

---

<sup>127</sup> Cf. CASOS & COISAS. *A Ordem*, Natal, 01 fev. 1950, s/p.

<sup>128</sup> Cf. ALVES, 1979, p. 17-56.

<sup>129</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 17 dez. 1957, s/p.

pobre homem da classe média”<sup>130</sup>. O funcionário é aquele sujeito que cumpre religiosamente com seus deveres no mundo do trabalho, vivendo de acordo com os valores patrióticos, católicos e de família, pregado por um estado nacionalista, populista e desenvolvimentista, herdeiro da Era Vargas. Vivem com um pequeno salário para sustentar sua família, em uma sociedade marcada pela inflação e carestia.

Nas décadas de 1940 e 50, o Brasil passara por crises econômicas, afetando a situação dos trabalhadores. “A política do ‘esforço de guerra’, com a suspensão temporária de alguns benefícios da legislação trabalhista, e a inflação que corroía os salários resultaram em um empobrecimento dos assalariados”<sup>131</sup>. Em meados do século XX, o Brasil herdara do Governo Dutra (1946-1950) uma grave crise econômica, marcada pela inexistência de reservas de moeda estrangeira, gasta com a importação de produtos supérfluos, uma queda nas exportações e o crescimento da inflação. Essa situação gerava o descontentamento dos trabalhadores e assalariados.

### **3.3 Boemia na praia: andanças de Newton Navarro**

Segundo Edmilson Andrade, locutor da Rádio Poty na década de 1950, Natal era uma típica cidade de meados do século XX. No final do dia, os natalenses costumavam reunir-se com os amigos nos bares, cafés e sorveterias do Grande Ponto, no bairro de Cidade Alta. Os clubes, sendo os principais o Aero Club, o América e o Alecrim, atraíam grande parte da população natalense. O bairro da Ribeira vivenciava o auge da boemia, com seus bares, boates e cabarés. As praias eram outros espaços de sociabilidade natalense<sup>132</sup>.

Na década de 1940 e 50, integrantes da elite natalense adquiriram imóveis na Praia da Redinha e na Praia de Ponta Negra para o veraneio, nos meses entre outubro e janeiro. O hábito de tomar banho de mar passou a ser uma realidade em Natal no início do século XX. As primeiras praias a serem frequentadas foram a Praia de Areia Preta e a Praia do Meio.

A Praia de Ponta Negra foi, nos anos de 1950, ocupada pelos moradores da Vila de Ponta Negra e por veranistas, membros de famílias da elite natalense, que construíram casas na orla marítima, para ocupá-las nas férias escolares e durante os feriados, a exemplo da Páscoa e do Carnaval. No entanto, a praia mais procurada pela elite natalense, em meados do século XX, era a da Redinha.

---

<sup>130</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 19 ago. 1956, s/p.

<sup>131</sup> FERREIRA, 2005, p. 30.

<sup>132</sup> Cf. JORGE, 2001, p. 73.

Na sua obra *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974), Newton Navarro descreveu a paisagem da Praia da Redinha e também o panorama do Cais do Porto, este situado no bairro da Ribeira, onde os botes e as barcas transportavam os passageiros e as mercadorias para a Praia da Redinha. Desde meados século XIX, os natalenses atravessam o rio Potengi rumo a tal praia. O tenente de milícia Joaquim Manoel Açucena costumava ir com amigos à Redinha saborear peixadas, e à Praia de Genipabu ouvir o poeta Miguel Vieira de Melo<sup>133</sup>.

Nos primeiros anos do século XX, os banhos de mar eram recomendados por médicos nas primeiras horas da manhã para curar doenças. As primeiras praias a serem frequentadas foram a Praia de Areia Preta e a Praia do Meio. A Intendência Municipal, por meio da Resolução nº. 115, de 18 de janeiro de 1908, elegeu a Praia de Areia Preta como a praia oficial da cidade de Natal. Em 1914, os bondes elétricos já circulavam por esse trecho da orla marítima da capital potiguar. Em 1925, o prefeito Omar O'Grady construiu uma estrada ligando a Avenida Getúlio Vargas a Praia de Areia Preta<sup>134</sup>. Esse fragmento de beira-mar tinha, na década de 1920, a preferência das elites, tornando-se um lugar de sociabilidade como demonstra a revista *Cigarra*:

Nella [Areia Preta] criam-se amores, e se dissipam ciúmes... Menina de uma ingenuidade adorável ou de uma malícia dançando no mysterio dos olhos lá estão, nos mallots modernos enchendo de graça de expansiva os contornos poeticos e a areia tepida da formosa praia de Natal...

Areia Preta já entrou no periodo de novas conquistas... para a delicia dessa terra de moças adoraveis, de cavalheiros gentis, de sol poetizando a praia, corando com suas chammass os rostos e braços das banhistas<sup>135</sup>.

A revista *Cigarra* exhibia banhistas na Praia de Areia Preta, divulgando a sociabilidade nesse trecho de beira-mar por meio de textos e fotografias. Nas três primeiras décadas do século XX, a imprensa natalense costumava anunciar os lugares de sociabilidade, a exemplo dos cafés, dos cinemas e da Praia de Areia Preta, como ambientes elegantes e civilizados.

Na década de 1920, a Praia da Redinha recebeu seus primeiros veranistas, que construíram suas casas, e aos poucos se tornou a praia preferida das elites natalenses. Em 1925, os veranistas e os pescadores construíram, em cima de uma duna, a Capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes. Na década de 40, o número de famílias que possuíam imóveis na Praia da Redinha para o veraneio nos meses entre outubro e janeiro era imenso, comparando com o número de dez anos antes. Os veranistas se deslocavam para seus imóveis na beira-mar

---

<sup>133</sup> Cf. CASCUDO, 1989, p. 66.

<sup>134</sup> Cf. SOUZA, 2008, p. 362.

<sup>135</sup> FRANÇA, *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 4, ago. 1929, p. 19.

ou procuravam casas para alugar durante o veraneio e os feriados. Segundo o cronista Aderbal de França, que assinava suas matérias com o pseudônimo de Danilo,

Emquanto isso, e apesar disso, a Redinha se torna mais importante, mais procurada, mais aristocrática. E até inacessível. As casas costumam hoje relativamente fortunas nas transações de venda e aluguel. A esta hora já existem compromissos para a próxima temporada de outubro...

Pois bem. Tudo isso é o progresso, é o desenvolvimento de uma praia de velhos pescadores e rendeiras que se tornou de ano para ano repouso de ilustres e distintos veranistas. Tem mercado novo, tem clube dançante moderno, tem casas mais ou menos confortáveis [...] <sup>136</sup>.

Nessa crônica do jornal *A República*, Aderbal de França se refere às transformações que a Praia da Redinha estava passando nos anos de 1940. A localidade deixa de ser recinto de antigos veranistas e de pescadores para transformar-se em espaço elitizado. Em *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974), Newton Navarro criticou essas transformações, afirmando que a praia tornou-se feia e perdeu o encanto de décadas anteriores, assim revelou sua preferência pelo cenário antigo da Praia da Redinha. Com uma dose de saudosismo, escreve a paisagem desse trecho da orla natalense:

O tempo é regresso... Antes, um casario ainda mais baixo e mais desalinhado. Casas praieiras, de mesmo. Arquitetura que amplia no tijolo e no cimento, somente, as “invenções” dos arquitetos locais. Ainda a Capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes, dominadora, encimando toda a costa...

O mercado ainda não era. E o club ocupava um grande barracão de tábuas caiadas, onde os veranistas festejavam as temporadas com bailes, sendo ponto alto desses encontros as “quadrilhas”, pelo Natal... Luzes de álcool e querosene iluminavam a sala com piso recoberto de areia fina...

Lá assistia bumba-meu-boi, pastoris e os famosos coco-de-roda [...] <sup>137</sup>.

A Praia da Redinha, descrita na citação acima, era lugar de construções simples, de um pequeno templo religioso e de um povo nativo que conservava suas tradições folclóricas. Era a praia dos primeiros veranistas, a exemplo de Francisco Pignataro, José Aguinaldo de Barros e Flodoaldo de Góis. Esse último era tio de Newton Navarro. O cronista passava suas férias, durante a infância e a adolescência, nos meses de dezembro e de janeiro, na casa de seus tios Idália e Flodoaldo de Góis.

---

<sup>136</sup> FRANÇA, *A República*, Natal, 25 abr. 1946, s/p.

<sup>137</sup> NAVARRO, 1998, p. 127.

Navarro dedicou seu livro *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974) a José Aguinaldo de Barros, homem apegado à natureza das praias e a seu povo nativo. Nas décadas de 1950 e 60, José Aguinaldo exerceu a função de representante comercial e foi fundador da Bolsa de Valores do Rio Grande do Norte. No verão, costumava passar temporadas em praias pouco habitadas. Em meados do século XX, fugira das agitações da Redinha, preferindo:

[...] a praia primitiva, selvagem, com os sabores que havia descoberto na juventude, com os gostos de uma cozinha que as suas mãos calosas transfiguravam em pratos de um regionalismo delicioso, inimitável e tentador...

Desbravou praias, fundou largos de veraneio, hoje prósperos, com arruados e gente que esqueceu o seu nome e, por fim, para os longes de Genipabu, quase na foz do rio, fundou um reino, sua passárgada, onde ficou até os dias finais de sua aventura<sup>138</sup>.

Com a ocupação intensa de veranistas na Praia da Redinha, José Aguinaldo preferiu ocupar a Praia de Santa Rita, levando consigo vários amigos que também construíram casas nessa praia. Depois de algum tempo, migrou para Genipabu, na praia de pescadores. Para os poetas e boêmios como José Aguinaldo, a paisagem da Antiga Redinha (das décadas de 1920, 30 e início da década de 40) era cenário ideal para prática da boemia. As transformações pela qual passara a praia a partir de meados do século XX incomodavam Newton Navarro:

Toda a primeira linha de casas, na costa atlântica, já desapareceu. Casas altas, fortes, protegidas por largos muros de arrimo, não resistiram às marés violentas e se deixaram arrastar, pedra sobre pedra, deixando em seu lugar o chão raso da praia.

O certo é que a Redinha perdeu muito da sua feição antiga. Já a arquitetura [?] de construções novas, enfeando a paisagem, concorrem para a mudança a que a maré de alguns anos para cá ajudam a destruir<sup>139</sup>.

Em virtude da construção da Base Aérea da cidade de Natal durante a Segunda Guerra Mundial, verificou-se um rápido incremento do comércio e das atividades bancárias locais. Muitos negociantes, estabelecidos na capital potiguar, constituíram fortunas devido ao comércio e a especulação imobiliária. Os bairros do Alecrim, de Tirol e de Petrópolis se expandiam e, junto com esses, o comércio de imóveis na capital potiguar. O aumento populacional resultou no crescimento desordenado da cidade do Natal, resultando em assentamentos urbanos como Brasília Teimosa e Mãe Luiza, que foram os primeiros com características de favelas. O domínio do mercado imobiliário sob o espaço urbano natalense

---

<sup>138</sup> NAVARRO, 1998, p. 127.

<sup>139</sup> NAVARRO, 1998, p. 135.



aumentava e não havia nenhum órgão urbanístico que orientasse e coordenasse projetos para novos loteamentos<sup>140</sup>.

A procura por casas nas praias para comprar e alugar também era grande. A Redinha entrou no rol da especulação imobiliária. A praia oferecia boa estrutura, tais como um novo clube social que proporcionava bailes aos veranistas, construído sobre o prédio antigo em 1943, e um mercado público, esse inaugurado em 6 de fevereiro de 1944 pelo prefeito José Augusto Varela. O clube da Redinha, atendendo aos padrões desejados pela elite natalense, era muito movimentado. Nas matinês dançantes aos domingos, as orquestras tocavam para aqueles que buscavam diversão.

Figura 15: Capelinha dos pescadores da Redinha



Fonte: SECRETARIA Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. *Natal: cidade memória*. Natal: Semurb, 2009.

As mudanças ocorridas na Praia da Redinha também geraram um pequeno conflito religioso durante a década de 1950. A costa de mar possuía uma capelinha que guardava a padroeira dos pescadores e de veranistas, Nossa Senhora dos Navegantes. A questão girou em torno da deliberação do bispado a respeito da transferência da imagem da santa para a Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, construída em 1956 no povoado da Redinha. A decisão não agradou aos pescadores, como narra Navarro:

E mesmo, qual a verdadeira morada da Virgem dos Navegantes? A velha capelinha, no alto das dunas, ou o monstrengo de pedra escura, acachapado no descampado da praia? A Igreja, que já tomara posição, dava ganho de causa aos veranistas (aliás, alguns veranistas, meia dúzia apenas) e as

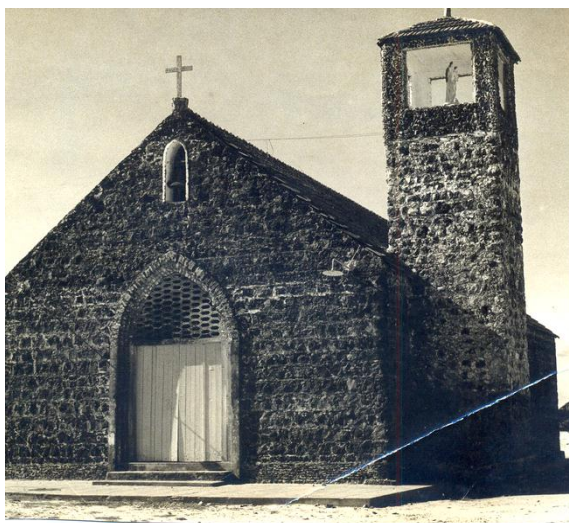
<sup>140</sup> Cf. FERREIRA; DANTAS, 2006, p. 263-264.

próprias autoridades civis e militares tomavam também o mesmo partido da Santa Igreja [...].

Os pescadores bravos, inarredáveis, irredutíveis. O lado de lá, os vitoriosos, tomando seus porres nas alpendradas, gostosos banhos, fartos pirões de peixes, e nas redes de largas varandas, bons sonhos [...] <sup>141</sup>.

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes findou ficando na antiga capelinha, como era desejo dos pescadores. O conflito religioso entre pescadores e veranistas ocorreu devido à construção da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, no dia 16 de dezembro de 1956, que contou com procissão e missa celebrada pelo Bispo Auxiliar de Natal, D. Eugênio de Araújo Sales. Sua edificação é fruto dos esforços do Padre José Biesinger, da Ordem da Sagrada Família da Paróquia de Bom Jesus das Dores, de pescadores e de um grupo de leigos católicos que veraneavam na Praia da Redinha, como o Dr. Otto de Brito Guerra, Letícia Garcia e Betildo Guerra Cunha Lima.

Figura 16: Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, na Praia da Redinha



Fonte: <http://www.natal.rn.gov.br/semurb/servicos/programamemoria/>

Com a intensa ocupação da Redinha, os veranistas passaram a reivindicar melhores condições de infraestrutura. Dois problemas incomodavam os frequentadores desse trecho da costa marítima na segunda metade do século XX: um era a falta de energia elétrica, o outro era a falta de transporte. A luz elétrica só chegou à Redinha em 1959, por meio de gerador a diesel, instalado pelo governo Djalma Maranhão. A energia da Companhia de Paulo Afonso só chegou à praia em dezembro de 1968. Sobre o segundo problema, o transporte de Natal para a Redinha, o cronista Danilo (pseudônimo de Aderbal de França) escreveu:

---

<sup>141</sup> NAVARRO, 1998, p. 132.

E' uma questão antiga. Mas sempre palpitante. Bem a compreende quem já a observou pacientemente indo e vindo da Redinha nos meses de veraneio. E' o velho problema do transporte. E não somente do transporte. Também do embarque e desembarque do outro lado... Sofre-se na espera da saída do bote, sofre-se no preço, sofre-se nas surpresas das chuvas, sofre-se com as “viradas” do vento, sofre-se pela ausência de um ponto de atracação. Homens, senhoras, moças, crianças descem em braços de carregadores ou sobre pranchas inseguras ou sobre as águas que avançam e recuam nas beiradas da praia<sup>142</sup>.

O cronista Danilo ainda afirma que soluções já haviam sido propostas para o problema do transporte na Praia da Redinha, mas os projetos e recursos destinados ao caso nem ao menos melhoraram as condições da travessia Natal-Redinha. O serviço de travessia do rio Potengi era prestado pela empresa de transporte do Sr. Luís Romão desde 1945, sendo o único meio de chegada à Praia da Redinha. Apenas em 1952, o prefeito Creso Bezerra iniciou a abertura de uma estrada de barro até a Redinha, mas a obra parou por falta de recursos. O veranista Humberto Teixeira, com recursos próprios, deu prosseguimento à construção da estrada. Em 1954, os veranistas já utilizavam a referida via para chegar à Praia da Redinha<sup>143</sup>.

Em meados do século XX, a orla marítima era lugar de diversão. Pela Praia da Redinha, rapazes saíam pela madrugada, tocando violão, cantando e fazendo serenatas para moças em frente às suas casas. Segundo o memorialista José Maria Guilherme, seu grupo de amigos, um total de 10 ou 12 rapazes, construíram uma palhoça estilo galpão para veranejar na Praia da Redinha. Essa habitação foi batizada de “Céu”:

Alí se brincava, mentia-se, bebia-se, cantava-se o amor e as belezas da vida. Diziam-se verdades, ouviam-se estórias de pescadores, choravam-se amores desfeitos, comemoravam-se os nascidos e os refeitos, tudo aos sons dos violões de Toinho e Macaquito. Aquele pedaço de chão plantado no coração da Redinha era o próprio céu, disse um dia, um bêbado<sup>144</sup>.

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas e o estado de embriaguez eram condenados pelos leigos católicos, por serem comportamentos contrários à ordem, ao trabalho e aos valores morais da família natalense. No entanto, na passagem da citação acima, o ébrio é abordado como um sábio, pois dera o nome para república implantada na Praia da Redinha. Navarro descreve a figura de Cutruco, um popular da Praia da Redinha:

---

<sup>142</sup> FRANÇA, *A República*, Natal, 25 abr. 1946, s/p.

<sup>143</sup> Cf. SOUZA, 2008, p. 775.

<sup>144</sup> GUILHERME, 1999, p. 45.

Um comportamento corajoso diante da vida hostil e ingrata. Fez de um lirismo quase infantil sua tônica de guerrear a adversidade. E despertava essa emoção com os vapores do “álcool opalescente”. Sóbrio, nas raras vezes, era um caladão, fechado num mutismo quase agressivo...<sup>145</sup>

Cutruco trabalhava carregando mercadorias dos barcos para as mercearias da praia e para as casas de veranistas. Sóbrio, Cutruco era retraído e hostil. Segundo Navarro, a bebida era uma ferramenta que o cabeceiro encontrou para amenizar as suas duras condições de vida. Ébrio, Cutruco era solto, sorridente e divertido. O estado de embriaguez resume o momento em que o bêbado liberta-se da tarefa árdua do trabalho.

O “Céu” fora construído por rapazes de famílias que não tinham condições de possuir ou alugar uma casa na Redinha, e também por jovens abastados, cujas famílias eram donas de casas de veraneio na mesma praia. O ambiente inspirava liberdade, longe das regras impostas pelos pais. Os jovens habitantes do “Céu” faziam serenatas nas janelas das moças nas casas de veraneio. O galpão de palhoça transformara-se em um reduto boêmio na Praia da Redinha. Nesse lugar, os jovens bebiam, namoravam e cantavam os sucessos do momento, a exemplo de *Aos pés da Santa Cruz* (composição de Marino Pinto e José Gonçalves), *Nada Além* (Mário Lago e Custódio Mesquita) e *De cigarro em cigarro* (Luiz Bonfá).

Entre 1946 e 60, a juventude desfrutava de mais liberdade em comparação com as gerações anteriores. As moças podiam passear com as amigas nas proximidades de suas residências, frequentar os cinemas à tarde sem, necessariamente, a companhia dos responsáveis. Os rapazes tinham a permissão dos pais, à tarde ou à noite, para circular pelas praças, sorveterias, pelos bares e cinemas da cidade de Natal<sup>146</sup>. No veraneio, muitas famílias permitiam que os moços passassem semanas na Praia da Redinha, entre os amigos, longe da proteção dos parentes.

Navarro, em *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974), relembra a existência de uma “república” estudantil composta por jovens que se dirigiam à Praia da Redinha para desfrutar as férias<sup>147</sup>. A descrição do local assemelha-se ao “Céu”, exposto no livro de memória de José Maria Guilherme, *O Livro de José* (1999). Tal como o “Céu”, a “república” possuía regimento interno. Seus habitantes improvisavam moradia e levavam consigo apenas roupas e garrafas de bebidas para os primeiros dias. O restante necessário para sua estadia na

---

<sup>145</sup> NAVARRO, 1998, p. 145.

<sup>146</sup> Cf. TAVARES, 2011, p. 93-98.

<sup>147</sup> Cf. NAVARRO, 1998, p. 139-140.

praia (alimentação, bebidas alcoólicas), eles conseguiam por meio das doações de veranistas ou de “assaltos” a galinheiros e cozinhas das casas.

Guilherme também escreve que a alimentação dos rapazes do “Céu” era proveniente dos assaltos a chiqueiros e galinheiros das casas da praia, e/ou de doações dos veranistas. O grupo de boêmios do “Céu” ou da “república” não teria se sustentado sem essas contribuições. Veranear na praia era muito dispendioso: “muitos [veranistas] abriam suas portas, alta madrugada e nos ofereciam o combustível gelado, com direito a tira-gosto, enquanto dizíamos que as músicas eram em sua homenagem”<sup>148</sup>. Os donos de casas na praia abriam as portas para os jovens porque esses levavam música e animavam o ambiente. As pequenas transgressões sociais (assaltos a galinheiros) são abordadas tanto em *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974) e quanto em *O livro de José* (1999) como atos de travessura dos jovens e não como crimes.

Neste trabalho, chamamos de veranistas os homens e mulheres que se dispõem a passar férias ou temporadas, durante o verão, em praias distantes do centro da cidade de Natal, como Redinha e Ponta Negra, diferindo daquele que vive habitualmente nessas localidades, como os pescadores e as rendeiras. O boêmio pode até fazer parte do grande grupo de veranistas, mas seu comportamento difere da conduta desses. O hábito de beber, consumindo copos de cerveja, uísque, vinho, cachaça, entre outros aperitivos, era um hábito tanto de veranistas quanto dos boêmios. Assim, o consumo de bebidas alcoólicas pode ser visto como uma semelhança e não como uma diferença. Os veranistas se estabeleciam nas praias para tomar banho de sol e de mar, pescar, jogar peteca, construir castelos de areia e passear pela orla marítima. Os boêmios eram frequentadores da noite e apreciadores de caminhadas noturnas. A noite enluarada era cenário ideal para a prática das serenatas.

Na coluna *O Tempo e os Fatos*, Jurandy Barroso escreveu a crônica *Como e porque deixei a Rêdinha* (1960). Nessa, o jornalista afirma que não deixou a praia por gosto, mas por necessidade. Os custos com o consumo de bebidas eram altos. Nas palavras de Jurandy Barroso, em um mês de veraneio na Redinha foram consumidos: “[...] 12 garrafas de aguardente ‘Pitu’, vinte de vinho ‘Trapiche’, 6 de gin ‘Gordon’s’, duas do dito ‘Seager’s’, 6 litros de whisky de várias marcas, 3 de vermouth ‘cinzano’, dois de ‘Martini’ sêco. Quanto às cervejas, perdi a conta”<sup>149</sup>. Nesse momento da história da cidade de Natal, a praia deixa de ser um espaço idealizado pelos boêmios e passa a ser um espaço burguês. Os altos custos dos aluguéis das casas e as despesas extras com bebidas e comidas oferecidas aos visitantes

---

<sup>148</sup> GUILHERME, 1999, p. 46.

<sup>149</sup> BARROSO, *A República*, Natal, 24 jan. 1960, s/p.

impediam que trabalhadores sem muitos recursos pudessem locar uma residência na Praia da Redinha. Essa se tornou uma praia da elite natalense (políticos, comerciantes e juristas).

Para Navarro, a Redinha dos primeiros veraneios, da praia de pescadores e rendeiras era mais bela e melhor de se vivenciar a boemia. Ele afirma que a praia de meados do século XX era feia e perdera o encanto de décadas anteriores, tempo em que ele ia passar férias na casa de seu tio Flodoaldo de Góis, um dos primeiros veranistas da Redinha.

Além dos gastos, o trabalho não permitia que Jurandy Barroso desfrutasse do veraneio na Praia da Redinha:

Um veranista digno deste nome tem que ser um desocupado. Alguém que possa ficar semanas inteiras em completa e descuidada vagabundagem, gozando o mar, a areia, o vento, sem idéias de amanhã... Nunca pude fazer isso. Escravo da cidade, a Redinha só me serviu para ter inveja dos outros. De um Newton Navarro, que quando chega o verão desaparece de Natal e quem deseja encontrá-lo tem que tomar um bote e atravessar o Potengi... De um dr. Francisco Ivo, o mais antigo redinhense honorário, que só passa um mês na praia, mas passa o mês. De um Francisco Pignataro, que se entrega à estação com a arte de um legítimo epicurista. Eu, pobre de mim, nunca consegui ficar três dias seguidos naquele paraíso [...] <sup>150</sup>.

Francisco Ivo Cavalcanti foi professor, teatrólogo, poeta, jornalista e advogado. Em 1960, era advogado-consultor da agência de Natal do Banco do Brasil. Para um trabalhador que assina ponto na repartição, cumprindo horário, desfrutar do veraneio em praias distantes como Redinha e Ponta Negra era possível apenas nos finais de semana (sábado e domingo) e no período de férias. Francisco Pignataro tinha ocupação fixa, exerceu o cargo de Pagador das Obras Contra as Secas e, posteriormente, de Tesoureiro da Recebedoria de Rendas do Estado. Frequentou, nas primeiras décadas do século XX, o Café Magestic, reduto boêmio de intelectuais, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo e Jorge Fernandes, situado na Rua Ulisses Caldas, no bairro de Cidade Alta. Na década de 1950, Pignataro atravessava o rio Potengi para passar fins de semana e feriados na Praia da Redinha.

Para aqueles que não assinavam ponto, o veraneio na Redinha era possível em qualquer mês do ano. Navarro não rubricava folha de ponto, era escritor, pintor e desenhista e produzia suas obras em consonância com sua boemia. Poderia escrever sua crônica ou pintar um quadro em qualquer lugar, seja numa casa de praia, em um bar no bairro da Ribeira ou na sua residência.

---

<sup>150</sup> BARROSO, A *República*, Natal, 24 jan. 1960, s/p.

Newton Navarro era um apaixonado pelas praias. Por diversas vezes abandonara o cotidiano agitado de Natal e passara a viver nas praias, entre veranistas e pescadores, como autêntico *bom-vivant*, curtindo e festejando a vida. Em suas obras, a beira-mar tinha lugar cativo, tanto nas crônicas quanto nas pinturas:

Deus salve a vossa chegada, mês de Agosto, que me abraçais com as vossas primeiras brisas. Envolvei de leve essa Cidade toda. Fazei cantar na alma dos poetas os cânticos fortes que as marés revoltadas ensinam. Derramai mais amôr nas moças praieiras. Apagai as lamparinas vecilantes sobre as latadas “nas praias arejadas”, para que a mulher desejada mate a saudade do pescador querido. Soprai fortes brisas de Agosto! Agitai o extenso lençol dessas praias nativas: Ponta Negra, Muriú, Touros, Pirangí, Pititinga... E em mim, levai um pouco dessa poeira de tristeza que se acumula demais em meus sentimentos. Quero o ar puro de uma praia de Agosto... A liberdade das areias de Ponta Negra [...] <sup>151</sup>.

Na sua infância, Newton Navarro costumava passar suas férias na Praia de Ponta Negra, onde Jacinto Inácio Torres, seu avô materno, tinha terras, jangadas e redes de pesca. Adulto, não abandonara a praia de sua juventude, continuando a frequentá-la em noites de luar na presença de amigos. Na crônica *Lua e Serviço Público* (1957), Navarro escreveu que:

Augusto Severo e mais alguns amigos andaram á minha procura. E disse-me Augusto, que me queriam para ir olhar a lua como se portava na Praia de Ponta Negra. Que perdi eu... A companhia dos amigos e a lua, sem falar na praia silenciosa, nos coqueirais e lembranças, que naturalmente me acodem quando ponho os pés naquele canto de mar. Ontem, aconteceu que me portei como bom funcionário público e fui assinar ponto e dar uma aula. Para que conheçais melhor o quanto perde sempre um pobre funcionário do estado! [...] <sup>152</sup>.

A perda a que se refere o cronista trata-se do prejuízo de não poder admirar a lua na presença de amigos. A crônica ainda traz um elemento importante: o trabalho impede o funcionário público de poder apreciar momentos agradáveis ao lado de amigos, como um luar em uma praia distante, como, por exemplo, Ponta Negra, cenário poético para a boemia. Navarro compreendia o trabalho como uma tarefa árdua para obter o sustento da família do trabalhador, considerando os laboriosos braços, homens e mulheres simples que, com o suor de seu esforço profissional, sustentam suas famílias com um pequeno salário. Na crônica, *Dia do Trabalho* (1957):

---

<sup>151</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 03 ago. 1956, s/p.

<sup>152</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 15 jun. 1957, s/p.

[...] E trabalhando nos afazeres da nossa casa, pensemos um pouco nessas “defesas” todas que por aí com o rótulo do Trabalho, quando tudo não passa de uma “embromação” muito grande de flanadores profissionais. Mas, pensemos nos anônimos homens de pele escura, plantados muitos metros abaixo da terra, à procura de uma pedra que vai fazer mais feliz o homem muitas vezes feliz e rico que passeia lá em cima e não se lembra dos outros homens enterrados [...] <sup>153</sup>.

Nesse texto, o escritor faz uma crítica às elites políticas brasileiras, organizadas em torno do PTB e do Ministério do Trabalho, que defendiam seus interesses segurando a bandeira do trabalho, à custa da exploração dos trabalhadores braçais. Os salários pagos aos profissionais eram pequenos e insuficientes para saldar suas dívidas. Assim, para Navarro, o trabalho não possibilitava a felicidade para aquele que o exerce, e sim para os empregadores, que se beneficiam da política trabalhista do estado brasileiro para o progresso de seus negócios.

Contrariando esse mundo da ordem, da família e do trabalho, Navarro descrevia uma boemia livre, em contato com a natureza, nas perambulações pelas praias pouco habitadas da região metropolitana de Natal. As praias de pescadores, com poucos veranistas, eram cenários perfeitos para a prática da boemia. As noitadas se estendiam até o amanhecer. Newton Navarro, nessas ocasiões, junto aos seus amigos, costumava apreciar o surgimento de um novo dia. Na crônica *A Estrela* (1957) descreve, com seu olhar de pintor, esse momento:

Foi quando a estrela se iluminou deslumbrantemente. Indefinida em sua beleza. Alçada sobre o mundo ainda manchado de noite. Pontilhando uma luminosidade de encandescer. Era o grande anúncio da madrugada nova. A pródiga estrela da manhã que renascia para nós. E ficou clareando. Baixou aos nossos olhos. Revolveu a treva fria dos nossos sentimentos – restos que ficaram de um sábado vadio <sup>154</sup>.

No final da década de 1950, aumentara o número de veranistas na Praia de Ponta Negra e o número de casas e de moradores na Vila de Ponta Negra. Para as autoridades natalenses, essa praia de pescadores possuía um grande potencial turístico. A elite política de Natal já se preocupava com a instalação de um plano diretor para a praia, “para evitar se continue a construir ali sem qualquer sentido de método” <sup>155</sup>. A ideia era urbanizar Ponta Negra para evitar as construções de casas fora do padrão de estética. A Praia de Ponta Negra só veio a ter luz elétrica a partir de 31 de dezembro de 1958, a inauguração da rede elétrica de

---

<sup>153</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 01 maio 1957, s/p.

<sup>154</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 24 set. 1957, s/p.

<sup>155</sup> SUGESTÃO ao Prefeito: Plano Piloto para Ponta Negra. *A República*, Natal, 24 dez. 1958, s/p.



Ponta Negra ocorreu no dia 11 de janeiro de 1959, com a presença do Governador Dinarte Mariz e do Prefeito Djalma Maranhão. O empreendimento foi da iniciativa privada. Os veranistas, diante de uma praia sem infraestrutura, resolveram levar a iluminação elétrica à orla de Ponta Negra. A frente do projeto estava o engenheiro Roberto Freire e Geraldo dos Santos.

Na crônica *Ponta Negra* (1959), Navarro afirma que “o misterio da noite fora descoberto por centenas de lampadas que acediam a paisagem... Roberto Freire, Geraldo Santos e mais outros amigos haviam vencido a noite morna de Ponta Negra, acendendo-lhe o areial e o grande mar...”<sup>156</sup>. Nas primeiras décadas do século XX, Ponta Negra era uma praia ocupada por pescadores. Tal como ocorreu com a Redinha, em meados do século XX, esse trecho do litoral potiguar entrou no rol da especulação imobiliária, à medida que se tornava uma praia de veraneio da elite natalense.

Figura 17: Praia de Ponta Negra



Fonte: <http://blogdofernandocaldas.blogspot.com.br/2013/07/a-antiga-natal-uma-viagem-no-tempo-em.html?spref=fb>. Fotografia de Jaeci Galvão.

Na Praia da Redinha, preferencialmente em noites de lua cheia, Newton Navarro vivia a sua boemia junto aos amigos e de pescadores: “verão, na Redinha, com luas de dezembro, peixe frito no dendê, pinicados de viola ou roncões de surdos de cocô-de-roda, não lhe conto, senhor, mas é qualquer coisa que convence a viver [...]”<sup>157</sup>. Nas suas crônicas, o escritor sugeria que os dias de sol e de lua cheia propiciavam cenários ideais para a prática da boemia.

<sup>156</sup> NAVARRO, *A República*, Natal, 13 jan. 1959, s/p.

<sup>157</sup> NAVARRO, 1998, p. 124.

O verão apresenta-se como a estação adequada para a ocupação da praia pelos boêmios. O sol aquece os passeios matinais e a lua ilumina as caminhadas noturnas.

Nas suas andanças a beira-mar, o cronista observa o dia amanhecendo e seu sentimento era de liberdade. Preferia a Redinha do período em que “as luzes de álcool e querosene iluminavam a sala com piso coberto de areia fina”<sup>158</sup>. Em fins dos anos de 1960, o poeta descreve a chegada da energia elétrica: “chegaram os postes de Paulo Afonso”. Em seguida completa: “as serenatas, as poucas entre o iê-iê e algumas modinhas antigas ‘mal traçadas’, escorrem noite adentro sob a luz de mercúrio e não mais cobertas do luar saudoso, dos tempos do poeta Jorge Fernandes [...]”<sup>159</sup>. O advento da eletricidade da hidrelétrica Paulo Afonso apenas em 1968 indica que a boemia iluminada pela lua predominou entre a segunda metade da década de 1940 e ao ano de 60, recorte temporal de nossa pesquisa.

A condição de legítimo *bon-vivant* de Newton Navarro tinha limites. Depois de dias desaparecido da urbe natalense, aproveitando as praias potiguares, retornava ao cotidiano da cidade de Natal e a escrever as crônicas para os principais jornais da capital potiguar, podendo ser encontrado escrevendo, bebendo e conversando com os amigos nos bares dos bairros da Cidade Alta, Petrópolis, Rocas e Ribeira.

Para Navarro, o cenário ideal para a sua boemia era uma praia de humildes pescadores, com serenatas em dias de lua cheia, uma comida típica (peixe frito no óleo de dendê) e danças folclóricas da região. Quando as praias natalenses tornaram-se intensamente ocupadas por veranistas, a partir de meados do século XX, esse cenário foi, aos poucos, desaparecendo. As danças folclóricas (coco-de-roda, pastoris, fandangos e bumba-meu-boi) foram sendo esquecidas pelas novas gerações. As músicas, proveniente dos instrumentos dos antigos modinheiros, foram substituídas pelas músicas da moda, tocadas no violão dos frequentadores da praia e, depois, pelas radiolas e toca-fitas. As poucas serenatas passaram a ser iluminadas pela luz elétrica e não mais clareadas pela lua cheia.

As crônicas de Newton Navarro abordavam o cotidiano dos subúrbios da cidade de Natal, a exemplo dos bairros de Santos Reis e das Rocas, do Cais da Avenida Tavares de Lira (Ribeira) e das praias (Redinha e Ponta Negra). Nesses locais, o cronista buscava a sua boemia, que era a da tradição, do tempo em que a noite era iluminada pela lua cheia, em que se escutavam os sons de “pinicados de viola”, assistiam às danças folclóricas, participavam das festas populares, saboreavam deliciosos peixes a beira-mar, sentindo o cheiro do mar e do

---

<sup>158</sup> NAVARRO, 1998, p. 127.

<sup>159</sup> NAVARRO, 1998, p. 136.

rio Potengi. Ao resgatar, nos seus textos, a boemia da tradição, Navarro se mostrava um descontente com as transformações urbanas que ocorriam na cidade de Natal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XIX, a boemia natalense manifestava-se por meio da expressão musical da modinha, que era tocada nas serenatas em noites de lua cheia. Os boêmios eram intelectuais ligados à poesia e artistas que introduziam melodias nos poemas, produzindo as modinhas. Nos espaços públicos, ocorriam as festas religiosas e populares (missas, novenas, procissões e folguedos), que obedeciam ao calendário católico.

No século XX, surgiram novos espaços de sociabilidade em Natal: os bares e cafés, frutos das transformações pelas quais passara a capital potiguar, motivadas pelo desejo da elite intelectual natalense de modernizar a cidade. A maior quantidade de bares e cafés situava-se no bairro da Ribeira, principalmente na Avenida Tavares de Lira e era anunciada no jornal *A República* como espaços elegantes e civilizados. Os jornalistas estimulavam os natalenses a desenvolver o hábito de frequentar cafés e bares, contribuindo para que a capital potiguar avançasse em direção aos padrões de elegância e civilidade, de modo a contribuir para a construção de uma imagem, para Natal, de cidade moderna.

A boemia era uma forma de sociabilidade e passou a ocorrer também nesses cafés e bares de Natal no início do século XX. Os boêmios ocupavam esses espaços, geralmente à noite, quando se reuniam com os amigos para as tertúlias literárias. As serenatas, que no século XIX expressavam a boemia de intelectuais potiguares, continuaram acontecendo, mas como desdobramentos das tertúlias literárias.

Na década de 1940, a cidade de Natal passou por novas mudanças, motivada pela participação da cidade na Segunda Guerra Mundial. Na primeira metade do século XX, a capital potiguar cresceu a passos lentos, possibilitando que sua população crescesse de 16.059 (em 1900) para 54.836 habitantes em 1940. No entanto, com a instalação da Base Aérea americana em território potiguar, essa dinâmica foi modificada. Em dez anos apenas, a população quase dobrou, chegando a alcançar a cifra de 103.215 habitantes. O comércio foi dinamizado com a vinda de muitos negociantes para Natal, que abriram lojas, bares e casas noturnas, nos bairros da Ribeira e de Cidade Alta.

Nos anos de 1950, o bairro de Cidade Alta recebeu muitas firmas comerciais que migraram das ruas estreitas do bairro da Ribeira para a Avenida Rio Branco, iniciando um período de decadência comercial da Ribeira. Ao mesmo tempo, a capital potiguar expandia-se em direção aos bairros de Petrópolis, Tirol e Alecrim. A Cidade Alta se notabilizou como centro social da cidade. Os grandes desfiles de carnaval ocorriam nesse bairro, além dos

melhores cinemas, e as mais frequentadas sorveterias e lanchonetes encontravam-se no Grande Ponto e nas suas imediações. Os boêmios encontravam-se na Confeitaria Cisne, no Granada Bar, no Bar Dia e Noite, Bar e Café Expresso, entre outros estabelecimentos. O Grande Ponto tornou-se o grande centro político das décadas de 1950 e 60. Segundo Marcos Maranhão, no texto *Grande Ponto Djalma Maranhão* (2002), “foi ali que aconteceram as grandes manifestações políticas da cidade”<sup>160</sup>. A comemoração pela conquista brasileira da copa de 1958, na Suécia, foi realizada no Grande Ponto. O jornal *A República* noticiou que a população natalense ocupou as ruas do Grande Ponto para festejar a vitória da equipe brasileira de futebol sobre os suecos, conquistando assim a taça Jules Rimet<sup>161</sup>.

Nos anos de 1950, a Ribeira possuía uma grande variedade de bares, cafés e confeitarias, sendo alguns surgidos no período da Segunda Guerra Mundial. Muitos bares estavam situados na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Doutor Barata e ruas adjacentes. A boemia no bairro acontecia em reservados, como o da Confeitaria Delícia, em quiosques no Cais da Avenida Tavares de Lira, nos cabarés e em bares abertos vinte e quatro horas, a exemplo do Tabuleiro da Baiana. Devido à grande quantidade de bares e casas de meretrício que existiam no bairro, a Ribeira ficou rotulada como o bairro boêmio da cidade. A perambulação de notívagos por suas ruas, as brigas e confusões nos bares e cabarés, que ocorriam no período noturno e na madrugada, contribuíram para que as autoridades policiais olhassem com desconfiança para esse local.

A Confeitaria Delícia, o Clube e Bar Carneirinho de Ouro, o Bar e Confeitaria Cisne, o Bar Natal, o Bar Bolero entre outros estabelecimentos eram espaços tolerados pela sociedade natalense. As confeitarias Delícia e Cisne, embora ambas possuíssem um reservado com função de bar, atendiam a outros clientes que chegavam a casa procurando bombons, doces, latas de ameixas, entre outros produtos. No Bar Bolero, ocorriam muitas reuniões sociais, a exemplo do jantar oferecido pelos amigos a Alberto Dantas, alto funcionário do Banco do Brasil<sup>162</sup>. Esses espaços não eram lugares exclusivos da boemia, pois ofereciam serviços atrativos a outros grupos sociais.

Nos jornais *A República* e *A Ordem* não encontramos nenhuma reportagem, nota ou crônica de repúdio a bares frequentados pelas elites natalenses. Ao contrário, nos deparamos com alguns anúncios de propaganda ou de inauguração desses estabelecimentos comerciais nos periódicos. Em *A Ordem*, os leigos católicos combatiam o uso excessivo do álcool, a

---

<sup>160</sup> MARANHÃO, M., 2002, p. 59.

<sup>161</sup> Cf. RUIDOSAMENTE... *A República*, Natal, 01 jul. 1958, s/p.

<sup>162</sup> Cf. DANTAS, *A Ordem*, Natal, 27 jan. 1950, s/p.

permanência de jogos de azar e a disseminação das casas de meretrício. As colunas policiais referem-se aos bares frequentados por populares, a exemplo do Bar da Gilda, e aos cabarés como lugares de brigas e de crimes. Nos textos do jornal *A Ordem* e nas crônicas policiais de *A República*, o álcool é abordado como principal causa dos delitos. Os bares e os cabarés, onde incidiam os atos de desordem eram lugares condenados pelos leigos católicos e pelas autoridades policiais, enquanto que a boemia localizada nos reservados das confeitarias e nos restaurantes da cidade de Natal era tolerada por esses mesmos grupos.

As crônicas escritas por Newton Navarro e publicadas no jornal *A República* permitiram uma análise sobre a boemia vivenciada pelo cronista, que percorria as ruas da cidade de Natal, principalmente as ruas do bairro da Ribeira, em busca de bares abertos durante a madrugada. Ao mesmo tempo em que experimentava a boemia, ele escrevia as crônicas publicadas nos periódicos da capital potiguar. Seus textos indicam seu profundo descontentamento com o estilo de vida burguês, por isso ele preferia vivenciar o cotidiano dos subúrbios da cidade de Natal (Rocas, Canto do Mangue, o cais da Avenida Tavares de Lira) e as ruas escuras do bairro da Ribeira nas noites de boemia. No livro *Do outro lado do rio, entre os morros* (1974), Navarro rejeita as transformações pelas quais passava a Praia da Redinha na década de 1950, resultado da expansão imobiliária. Preferia a praia que vivenciara na juventude, beira-mar de pescadores e poucos veranistas. A boemia dele era a da tradição, saboreando o peixe frito no dendê, observando os folguedos e as noites de lua cheia.

A Dissertação *Cantos de bar: sociabilidades e boemia na cidade de Natal (1946-1960)* contribui para a história da cidade de Natal com a construção de uma versão da boemia na capital potiguar, por meio do estudo dos livros de memória e das crônicas dos jornais *A Ordem* e *A República*. Esperamos que este trabalho abra perspectivas para novas pesquisas dentro do tema, já que as fontes para o estudo da boemia são muitas e estão longe de serem esgotadas.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

- A INAUGURAÇÃO do Aero Club. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, abr. 1929, p. 26.
- ANDRADE, Júlio César de. *Comerciantes e firmas da Ribeira (1924-1989): reminiscências*. Natal, 1989.
- A Ordem*, Natal, 04 jan. 1950.
- A República*, Natal, 04 set. 1949.
- A República*, Natal, 01 jul. 1958.
- A República*, Natal, 01 jul. 1959.
- BARROSO, Jurandy. Como e porque deixei a Rêdinha. *A República*, Natal, 24 jan. 1960.
- BEBIDAS. *A República*, Natal, 01 jan. 1946.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Grande Ponto. In: GARCIA, Eduardo Alexandre. *Cantões, cocadas: grande ponto Djalma Maranhão*. Natal: Natal gráfica, 2002, p. 42-45.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *O livro das velhas figuras*. V. 6. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1989.
- CASOS & coisas (título apagado). *A Ordem*, Natal, 31 mar. 1950.
- CASOS & COISAS. *A Ordem*, Natal, 01 fev. 1950.
- CASTRICIANO, Henrique. Aspectos Natalenses (Sem nome e data do jornal). In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de. *Seleção: Textos e Poesias*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.
- \_\_\_\_\_. Lourival e seu Tempo III (*A República*, 05 jul. 1907). In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de. *Seleção: Textos e Poesias*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.
- CASTRO, Nei Leandro de. *Personagens*. Disponível em:
- Cigarra*, Natal, ano 1, n.2, 1928.
- Cigarra*, Natal, ano 2, n. 3, abr. 1929.
- COLUNA Jurídica. *A República*, Natal, 23 set. 1956.
- COMPANHIA Força e Luz Nordeste do Brasil–Natal. Lista Telefônica (1956-1957).
- CONVERSA. *A República*, Natal, 06 jul. 1956.
- CRÔNICA Policial. *A República*, Natal, 07 ago. 1949.
- DANTAS, Alberto. *A Ordem*, Natal, 27 jan. 1950.
- EDUCAR... *A Ordem*, Natal, 27 mar. 1950.
- FRANÇA, Aderbal de. No lar e na sociedade: bolero. *A República*, Natal, 22 ago. 1946.
- \_\_\_\_\_. No lar e na sociedade: posto de café. *A República*, Natal, 02 out. 1946.

- \_\_\_\_\_. No lar e na sociedade: Nova indústria na cidade. *A República*, Natal, 18 abr. 1946.
- \_\_\_\_\_. Areia Preta. *Cigarra*, Natal, ano 2, n. 4, ago.1929, p. 19.
- \_\_\_\_\_. O problema da Redinha. *A República*, Natal, 25 abr. 1946.
- GARCIA, José Alexandre. *Acontecimentos e tipos da Confeitaria Delícia*. Natal: Clima, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Confeitaria Delícia II*. Natal: Clima, 1995.
- GARCIA, Odilon de Amorim. O ontem do meu tempo de menino. In: GARCIA, Eduardo Alexandre. *Cantões, cocadas: grande ponto Djalma Maranhão*. Natal: Natal gráfica, 2002.
- GUERRA, Otto. Brasil e Rússia I. *A Ordem*, Natal, 04 jan. 1950.
- \_\_\_\_\_. Brasil e Rússia II. *A Ordem*, Natal, 28 mar. 1950.
- \_\_\_\_\_. No mundo da lua. *A Ordem*, Natal, 09 mar. 1950.
- \_\_\_\_\_. O problema do crime. *A Ordem*, Natal, 04 jan. 1950.
- GUILHERME, José Maria. *O Livro de José: Memórias*. Natal: Fundação José Augusto, 1999.
- GUIMARÃES, João Amorim. *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal*. Natal: Departamento de Imprensa, 1952 (Organização, introdução e notas de Humberto Hermenegildo de Araújo, 1999).
- <http://blogdofernandocaldas.blogspot.com.br/2013/07/a-antiga-natal-uma-viagem-no-tempo-em.html?sref=fb>.
- <http://bwmemoria.blogspot.com.br/2011/01/o-canto-do-cisne.html>.
- <http://elfikutten.blogspot.com.br/2012/04/camara-cascudo-uma-conversa-sobre.html>. Acesso em: 07 fev. 2012.
- <http://revistacatorze.com.br/2010/a-maria-de-todos-os-homens>.
- <http://tribunadonorte.com.br/coluna.php?id=2004&art=216364>. Acesso em: 18 set. 2012.
- <http://www.natal.rn.gov.br/semurb/servicos/programamemoria/>
- INAUGURADO o Café Expresso “Maia”. *A República*, Natal, 23 set. 1949.
- LIMA, Ary Guerra Cunha. *Histórias que vivi*. Natal: Sebo Vermelho, 2008.
- MARANHÃO, Djalma. Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense. Notas de Cláudio Galvão. In: *Diário de Natal* (1949), Natal, 2004.
- MARANHÃO, Marcos. Grande Ponto Djalma Maranhão. In: GARCIA, Eduardo Alexandre. *Cantões, cocadas: grande ponto Djalma Maranhão*. Natal: Natal gráfica, 2002.
- MELO, Protásio de. A velha Confeitaria Cisne. In: GARCIA, Eduardo Alexandre. *Cantões, cocadas: grande ponto Djalma Maranhão*. Natal: Natal gráfica, 2002.
- MOURA JÚNIOR, Manoel Procópio de. In: GARCIA, Eduardo Alexandre. *Cantões, cocadas: grande ponto Djalma Maranhão*. Natal: Natal gráfica, 2002.



- NATAL civilisa-se. *A República*, Natal, 04 jul. 1916.
- NATAL. Carneirinho de Ouro. *Estatuto do Clube Carneirinho de Ouro*, Natal, (Sem nome e data do jornal).
- NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Do outro lado do rio, entre os morros*. Natal: Fundação José Augusto, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. V. 2. Natal: Fundação José Augusto; FIERN, 1998.
- \_\_\_\_\_. A Estrela. *A República*, Natal, 24 set. 1957.
- \_\_\_\_\_. Agosto. *A República*, Natal, 03 ago. 1956.
- \_\_\_\_\_. Coisas. *A República*, Natal, 15 set. 1956.
- \_\_\_\_\_. Coisas. *A República*, Natal, 31 ago. 1957.
- \_\_\_\_\_. Dia do Trabalho. *A República*, Natal, 01 maio 1957.
- \_\_\_\_\_. Desgostos. *A República*, Natal, 21 jul. 1956.
- \_\_\_\_\_. Funcionário na chuva. *A República*, Natal, 19 ago. 1956.
- \_\_\_\_\_. Líricos habitantes do beco. *Tribuna do Norte*, Natal, 02 out. 1964.
- \_\_\_\_\_. Lua e Serviço Público. *A República*, Natal, 15 jun. 1957.
- \_\_\_\_\_. Não perguntem. *A República*, Natal, 14 set. 1956.
- \_\_\_\_\_. Notícia. *A República*, Natal, 14 jul. 1956.
- \_\_\_\_\_. O bêbado. *A República*, Natal, 06 fev. 1957.
- \_\_\_\_\_. O carneirinho. *A República*, Natal, 16 jun. 1957.
- \_\_\_\_\_. Os Dias. *A República*, Natal, 17 dez. 1957.
- \_\_\_\_\_. Os exemplos. *A República*, Natal, 12 fev. 1957.
- \_\_\_\_\_. Os maus exemplos. *A República*. Natal, 13 fev. 57.
- \_\_\_\_\_. Pancetti. *A República*, Natal, 24 abr. 1957.
- \_\_\_\_\_. Peixe. *A República*, Natal, 23 ago. 1956.
- \_\_\_\_\_. Ponta Negra. *A República*, Natal, 13 jan. 1959.
- NEGROMONTE, J. A.; CRUZ, E. V. *Guia da cidade do Natal (1958-1959)*. Natal: s/e, 1958.
- OCORRÊNCIAS Policiais. *A República*, Natal, 07 ago. 1956.
- OCORRÊNCIAS POLICIAIS. *A República*, Natal. 17 ago. 1956.
- PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Imprensa Universitária, 1971.
- PRATO de Ouro. *A República*, Natal, 22 ago. 1946.
- RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Junta Comercial. *Aditamento de sociedade assinado entre Amadeu Grandi, Ana Lamas e Jacob Lamas*. Natal, 1940.
- \_\_\_\_\_. Junta Comercial. *Contrato de registro de sociedade e firma assinados por Leonel Leite e Diomedes Leite*. Natal, 1931.

\_\_\_\_\_. Junta Comercial. *Contrato de sociedade assinado entre Amadeu Grandi e Jacob Lamas*. Natal, 1940.

\_\_\_\_\_. Junta Comercial. *Contrato de sociedade mercantil por quotas de responsabilidade limitada*. Natal, 1951.

\_\_\_\_\_. Junta Comercial. *Declaração da Firma de Oscar Rubens*. Natal, 1921.

\_\_\_\_\_. Junta Comercial. *Rescisão do contrato assinado entre Amadeu Grandi, Ana Lamas e Jacob Lamas em 1940*. Natal, 1942.

ROTISSERIE Natal. *A República*, Natal, 30 set. 1924.

RUIDOSAMENTE festejada no Grande Ponto a vitória do Brasil na Copa do Mundo. *A República*, Natal, 01 jul. 1958.

SECRETARIA Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. *Natal: cidade memória*. Natal: Semurb, 2009.

SUGESTÃO ao Prefeito: Plano Piloto para Ponta Negra. *A República*, Natal, 24 dez. 1958

UM GRAVE equívoco. *A Ordem*, Natal, 04 jan. 1950.

WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. *É Tempo de Recordar*. Natal: CERN/ Fundação José Augusto, 1984.

WANDERLEY, Palmyra. *Desajustados*. *A República*, Natal, 01 jul. 1946.

\_\_\_\_\_. *Roseira Brava*. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

## Referências

ALVES, Marcio M. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

\_\_\_\_\_. *Do alto das dunas às margens do rio: a paisagem e a literatura na cidade de Natal (1929-1970)*. 2013 (texto digital).

\_\_\_\_\_. *O Pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/USP, 2004.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

BARRETO, Emanuel; LIMA, Auricélia Antunes de. *Memória do Comércio do Rio Grande do Norte*. Natal: RN Econômico, 2007.

CANDIDO, Antônio *et al.* *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

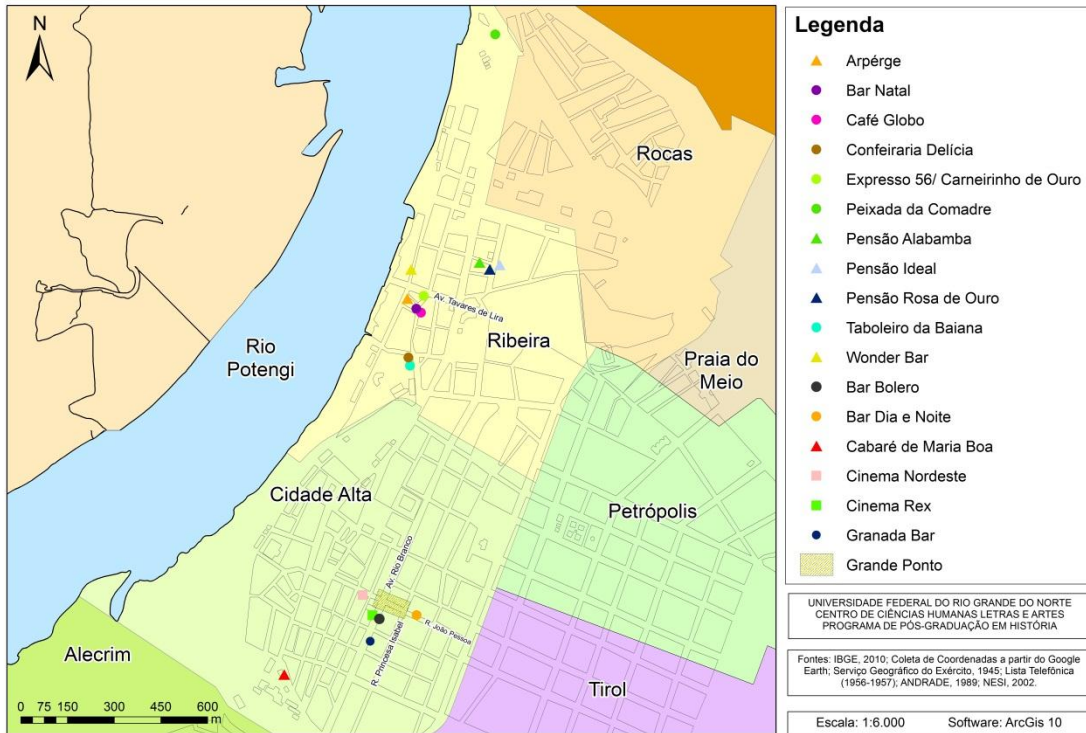
- CARDOSO, Rejane *et al.* *400 Nomes de Natal*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: RN Econômico, 1999.
- CORDEIRO, Anna Gabriella de Souza. *O bairro da Ribeira como um palimpsesto: dinâmicas urbanas no contexto da cidade do Natal (1920-1960)*. 145 f. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRN, Natal, 2012.
- DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- FERNANDES, Anchieta. *Écran Natalense: Capítulos da História do Cinema em Natal*. Natal: Sebo Vermelho, 2007.
- FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. Introdução e organização de Maria Lúcia de Amorim Garcia. 5. ed. Natal: EDUFRN, 2008.
- FERRARI, Alceu. *Igreja e desenvolvimento: o movimento de Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.
- FERREIRA, Ângela Lúcia; EDUARDO, Anna Rachel Baracho; DIAS, Ana Caroline Dantas; DANTAS, George Alexandre Ferreira. *Uma cidade sã e bela: A trajetória do saneamento de Natal (1850-1969)*. Natal: IAB/RN, 2008.
- FERREIRA, Ângela Lúcia, DANTAS, George (Orgs.). *Surge et ambula: A construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006.
- FERREIRA, Jorge. *O Imaginário Trabalhista: Getulismo, PTB e cultura popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GALVÃO, Cláudio. *Príncipe Plebeu: uma biografia do poeta Othoniel Menezes*. Natal: FAPERN, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A modinha norte-rio-grandense*. Natal: EDUFRN, 2000.
- GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: Produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940-1950)*. São Paulo: SENAC, 1998.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- GURGEL, Tarcísio. *Belle Époque na esquina: O que se passou na República das Letras potiguar*. Natal: Ed. do autor, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HOUSAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário HOUSAISS da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008.
- JOLIVET, Régis. *As doutrinas existencialistas*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.

- JORGE, Franklin. *O spleen de Natal: romance de uma cidade*. Natal: EDUFRN, 2001.
- JUSBRASIL. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2347375/dou-secao-1-30-04-1946-pg-2/pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2012.
- LIMA, José Airton. *A História do Rádio no Rio Grande do Norte*. Natal, 1984.
- LYRA, Carlos (Coord.). *Memória viva de Dorian Gray Caldas, Newton Bilro Navarro, Leopoldo Nelson*. Natal: EDUFRN, 1998.
- MARINHO, Márcia. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense*. Natal: EDUFRN, 2011.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru: EDUSC, 2007.
- MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2000.
- MORAIS, João Francisco Regis de. *Os bispos e a política no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1982.
- NESI, Jeanne Fonseca Leite. *Caminhos de Natal*. Natal: IHGRN, 1997.
- NUNES, Elton; MENDES, Leonardo. *O Rio de Janeiro no fim do século XIX: modernidade, boemia e o imaginário republicano no romance de Coelho Neto*. Disponível em: <[www.filologia.org.br/soletras/16/0%20rio](http://www.filologia.org.br/soletras/16/0%20rio)>. Acesso em: 07 fev. 2012.
- OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *A cidade e a guerra: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial*. 2008. 242 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, UFPE, Recife, 2008.
- OTHON, Sônia Maria de Oliveira. *Dramaturgia na Cidade dos Reis Magos*. Natal: EDUFRN, 1998.
- PAULO FILHO, Pedro. *Notáveis bacharéis na vida boemia*. Leme: J. H. Mizuno, 2005.
- PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)*. Natal: EDUFRN, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. *História Unisinos*, São Leopoldo-RS, v. 8, n. 10, jul./dez. 2004, p. 61-80.
- PINHEIRO, Carlos Sizenando Rossiter; PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. *Dos Bondes ao Hippie Drive-in: Fragmentos do cotidiano da cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2009.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos (Coord.). *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3. ed. São Paulo: FINEP/IBAM, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

- SEIGEL, Jerrold. *Paris boemia: cultura, política e os limites da vida burguesa*. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVA, Yuno; FRANÇA, Tádzio. *Dois joias do sítio histórico ganham revitalização*. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/duas-joias-do-sitio-historico-ganham-revitalizacao/209849>>. Acesso em: 26 out. 2012.
- SILVA, Luiz Antônio Machado da. O significado do Botequim. In: HOGAN, Daniel J. *et al. Cidade: usos & abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SOARES, Luiz Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. IN: NODARI, Eunice *et al.* (Orgs.). *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20, 1999, Florianópolis)* História: fronteiras/ Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999, p. 935-948.
- SOUZA, Daline Maria de. *Da Pedra do Rosário ao Pantanal: Espaço e Urbanização no Passo da Pátria (Natal-RN)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal, 2007.
- SOUZA, Itamar de. *Nova História de Natal*. 2. ed. Natal: DEI, 2008.
- TAVARES, Frederico Augusto Luna. *Nos tempos dos Brotos: juventude e diversão em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)*. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRN, Natal, 2011.
- TINOCO, Marcelo Bezerra de Melo; BENTES SOBRINHA, Maria Dulce P.; TRIGUEIRO, Edja Bezerra Faria (Orgs.). *Ribeira: plano de reabilitação de áreas urbanas centrais*. Natal: EDUFRN, 2008.
- VASCONCELOS, Gilberto. A malandragem e a formação da música popular brasileira. In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, livro 4, v.3, p. 503-523.

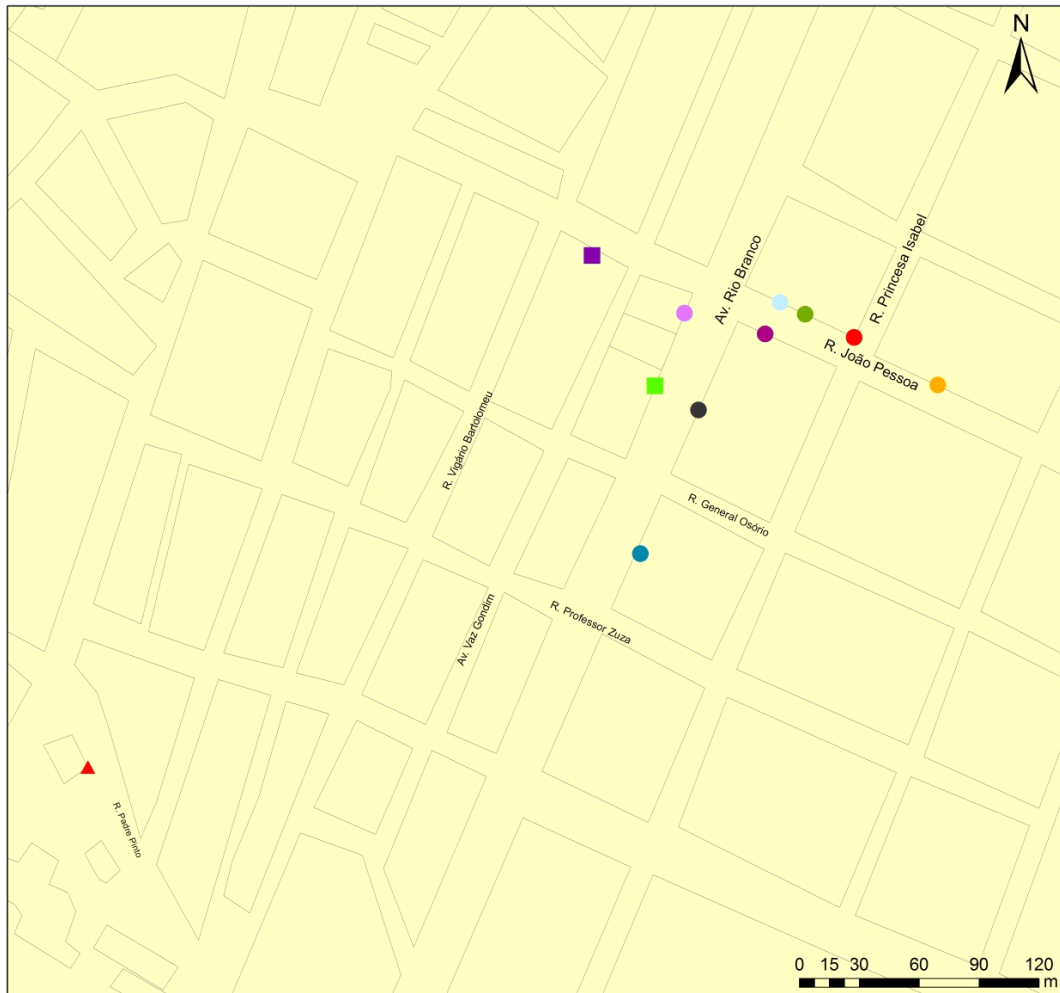
## APÊNDICE A

### Os Espaços de Sociabilidade nos Bairros de Cidade Alta e Ribeira em Natal/RN



## APÊNDICE B

### Bares e cinemas no bairro de Cidade Alta em Natal/RN



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Mestranda: Viltany Oliveira Freitas

Orientador: Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais

Fontes: IBGE, 2010; Coleta de Coordenadas a partir do Google Earth; Serviço Geográfico do Exército, 1945; Lista Telefônica (1956-1957); Guia de Natal (1958 - 1959), Jornal "A República"; NESI, 2002.

Sistema de Coordenadas UTM

Escala: 1:1.300      Software: ArcGis 10

#### Legenda

- |   |  |
|---|--|
| <span style="color: purple;">■</span> Cinema Nordeste                     | <span style="color: red;">●</span> Café São Luis                 |
| <span style="color: green;">■</span> Cinema Rex                           | <span style="color: purple;">●</span> Confeitaria Helvetica      |
| <span style="color: black;">●</span> Bar Bolero                           | <span style="color: blue;">●</span> Granada Bar                  |
| <span style="color: lightblue;">●</span> Bar e Confeitaria Cisne (filial) | <span style="color: magenta;">●</span> Restaurante Prato de Ouro |
| <span style="color: orange;">●</span> Bar Dia e Noite                     | <span style="color: red;">▲</span> Cabaré de Maria Boa           |
| <span style="color: green;">●</span> Café Expresso Maia                   |  |

## APÊNDICE C

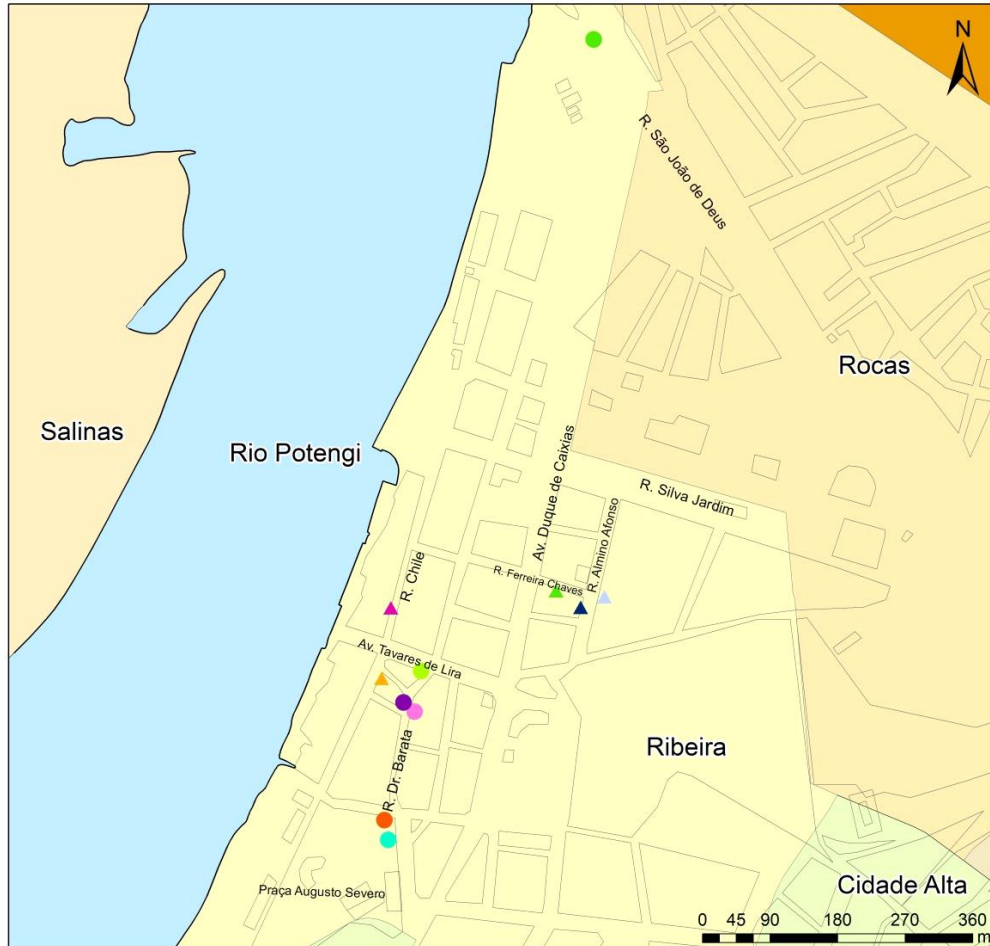
**Quadro I – Bares, confeitarias, cafés e cinemas no bairro de Cidade Alta**

Estabelecimento comercial	Ano	Endereços	Fontes
Cinema Rex	-	Avenida Rio Branco, 674.	NEGROMONTE, J. A.; CRUZ, E. V. <i>Guia da cidade do Natal (1958-1959)</i> , p. 69.
Cinema Nordeste	1958	Rua João Pessoa, 86.	NEGROMONTE, J. A.; CRUZ, E. V. <i>Guia da cidade do Natal (1958-1959)</i> , p. 69.
Confeitaria Helvetica	1951	Rua João Pessoa, 162.	RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Junta Comercial. <i>Contrato de sociedade mercantil por quotas de responsabilidade limitada</i> . Natal, 1951.
Bar e Confeitaria Cisne	1951	Rua João Pessoa, 163.	RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Junta Comercial. <i>Contrato de sociedade mercantil por quotas de responsabilidade limitada</i> . Natal, 1951.
Café Expresso Maia	1949	Rua João Pessoa, 167.	Inaugurado o Café Expresso “Maia”. <i>A República</i> , Natal, 23 set. 1949. <i>Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil – Natal. Lista Telefônica (1956-1957)</i> , p. 19.
Café São Luís	1953	Rua Princesa Isabel, 650.	NEGROMONTE, J. A.; CRUZ, E. V. <i>Guia da cidade do Natal (1958-1959)</i> , p.20.
Bar Dia e Noite	-	Rua João Pessoa, 211.	<i>Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil – Natal. Lista Telefônica (1956-1957)</i> , p. 14.
Granada Bar e Confeitaria	-	Avenida Rio Branco, 721.	NEGROMONTE, J. A.; CRUZ, E. V. <i>Guia da cidade do Natal (1958-1959)</i> , p. 193.
Restaurante Prato de Ouro	1946	Avenida Rio Branco, 659	PRATO de Ouro. <i>A República</i> , Natal, 22 ago. 1946.
Bar Bolero	1946	Avenida Rio Branco, de frente ao Cinema Rex.	FRANÇA. Bolero. <i>A República</i> , Natal, 22 ago. 1946.
Cabaré de Maria Boa	Década de 1940	Rua Padre Pinto, 816.	<i>Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil – Natal. Lista Telefônica (1956-1957)</i> , p.19.



## APÊNDICE D

### Bares, Cafés, Confeitarias e Pensões Alegres no Bairro da Ribeira em Natal/RN



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Mestranda: Viltany Oliveira Freitas

Orientador: Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais

Fontes: IBGE, 2010; Coleta de Coordenadas a partir do Google Earth; Serviço Geográfico do Exército, 1945; Lista Telefônica (1956-1957); ANDRADE, 1989; NESI, 2002.

Sistema de Coordenadas UTM

Escala: 1:3.400

Software: ArcGis 10

#### Legenda

- Bar Natal
- Café Globo
- Confeitaria Delícia
- Expresso 56/ Carneirinho de Ouro
- Peixada da Comadre
- Tabeleiro da Baiana
- ▲ Arpérge
- ▲ Pensão Alabamba
- ▲ Pensão Ideal
- ▲ Pensão Rosa de Ouro
- ▲ Wonder Bar

## APÊNDICE E

**Quadro II – Bares, cafés, confeitarias e pensões alegres no bairro da Ribeira**

Estabelecimento comercial	Ano	Endereços	Fontes
Confeitaria Delícia	1940	Praça Augusto Severo, 81.	ANDRADE, Júlio César de. <i>Comerciantes e Firmas da Ribeira (1924-1989)</i> , p.24.
Confeitaria Avenida Expresso 56 ou	1951	Avenida Tavares de Lira, 56.	RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Junta Comercial. <i>Contrato de sociedade mercantil por quotas de responsabilidade limitada</i> . Natal, 1951.
Clube e Bar Carneirinho de Ouro	1936	Avenida Tavares de Lira, 54.	ANDRADE, Júlio César de. <i>Comerciantes e Firmas da Ribeira (1924-1989)</i> , p.57.
Café Globo	1949	Na Rua Dr. Barata, 165.	ANDRADE, Júlio César de. <i>Comerciantes e Firmas da Ribeira (1924-1989)</i> , p.79.
Bar Natal	1946	Na Rua Dr. Barata, 166.	<i>A República</i> , Natal, 01 jan. 1946.
Taboleiro da Baiana	-	Praça Augusto Severo, s/n.	<i>Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil –Natal. Lista Telefônica (1956-1957)</i> , p. 20. A localização exata do bar foi dada pelo Sr. Gaspar Santiago Carneiro da Cunha Neto.
Peixada da Comadre	1931	Rua São João, 1, no Canto do Mangue (bairro das Rocas).	Informações extraídas da conversa com o Sr. João Gonçalves, genro de Dona Francisca Barros de Moraes, a segunda comadre.
Arpérge	-	Rua Chile com a entrada na Travessa Venezuela, 36.	SILVA, Yuno; FRANÇA, Tádzio. <i>Duas joias do sítio histórico ganham revitalização</i> . Disponível em: <a href="http://tribunadonorte.com.br/noticia/duas-joias-do-sitio-historico-ganham-revitalizacao/209849">http://tribunadonorte.com.br/noticia/duas-joias-do-sitio-historico-ganham-revitalizacao/209849</a> .
Wonder Bar	1944	Rua Chile, 106.	NESI, Jeanne Fonseca Leite. <i>Caminhos de Natal</i> . 1997, p. 95.
Pensão Ideal	-	Rua Almino Afonso, 55.	<i>Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil –Natal. Lista Telefônica (1956-1957)</i> , p.19.
Pensão Rosa de Ouro	-	Rua Ferreira Chaves, 158.	<i>Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil –Natal. Lista Telefônica (1956-1957)</i> , p.19.
Pensão Alabamba	-	Rua Ferreira Chaves	Informações extraídas da conversa com o Sr. Gaspar Santiago da C. da Cunha Neto.